



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Câmpus de São José do Rio Preto

Aline Suelen Santos

**Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já falado/escrito**  
**em *Memórias da Emília***

São José do Rio Preto  
2019

Aline Suelen Santos

**Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já falado/escrito  
em *Memórias da Emília***

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Chacon  
Jurado Filho

São José do Rio Preto  
2019

S237h Santos, Aline Suelen  
Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já  
falado/escrito em Memórias da Emília / Aline Suelen  
Santos. -- São José do Rio Preto, 2019  
134 p. + 1 CD-ROM

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas,  
São José do Rio Preto  
Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho

1. Análise Linguística. 2. Heterogenidade mostrada. 3.  
Heterogenidade da escrita. 4. Monteiro Lobato. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do  
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Aline Suelen Santos

Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já falado/escrito em  
*Memórias da Emília*

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientador

Profa. Dra. Cristiane Carneiro Capristano  
UEM – Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Fabiana Cristina Komesu  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito  
UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa  
USP – Universidade de São Paulo

São José do Rio Preto  
28 de março de 2019

## AGRADECIMENTOS

Aos *outros* que me constroem, inicio por aquele que tem me ensinado a olhar para a linguagem de modo científico (e não só desse lugar) e que trilhou comigo um percurso metodológico, coletivo, de descentramento e de acolhimento. Gratidão ao meu orientador, professor Lourenço Chacon, que – juntamente com leituras, com discussões, com reescritas e com vivências –, me fez perceber o valor do tempo, das relações e das memórias na construção sujeito/linguagem.

À parceria entre o IBILCE e a UFAC na promoção de um DINTER UNESP/UFAC e aos colegas envolvidos na elaboração desse projeto.

Aos meus professores. Em especial os da linha de pesquisa *Oralidade e Letramento*, por mostrarem o que é trabalho em equipe.

Aos pesquisadores Fabiana Komesu, Manoel Corrêa, Luiz André de Brito e João Ceccantini, pelas contribuições durante as etapas de doutoramento.

À Fernanda Galli, pelo apoio logístico no debate do Selin, momento em que Lourenço Chacon não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e, gentilmente, dispôs de sua escuta anotando as observações de Luiz André de Brito, debatedor naquela ocasião.

Às minhas irmãzinhas de pesquisa: Suellen Vaz, Cristyane Villega, Jhulya Guilherme, Larissa Paschoal, Isabela Pezarini, Cristina Melo, que doçura de aprendizado estar com vocês. Obrigada, meninas!

Aos amigos de caminhada à beira mar: Manuela, Midian, Poliete, Érica, Tiago, Marcelo e Danilo Marciel, irmandade a me acompanhar não só na trajetória acadêmica. E aos que foram chegando: Danilo, Anderson, Anahí, Ivanete, Gleice e tantos outros não nomeados, pelas conversas com cada um de vocês.

Às amigas Paula Tatiana e Gabriela Codinhoto, pela leitura do projeto e dos dados em momentos distintos da pesquisa.

À Anahí (Miguel, Cecília e Sofia) e à Cida por toda leveza vivida. Não poderia me sentir tão em casa!

Aos amigos do Dinter pelas vivências compartilhadas.

À tríade afetiva: Dona Anália (Juli, David, Anderson ...), Dona Ana (Alex, Alexandra, Luiz Felipe e Luiz Eduardo) e Dona Nira (Sileide, Tuca ...), que me acarinham e que representam tantos outros afetos constitutivos das minhas vivências.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

## RESUMO

Se é na relação com o outro que nos constituímos como sujeitos, a linguagem, nesse trânsito, assume-se como espaço de “novas” descobertas, inquietações e curiosidades. Assim, interessada pela inscrição do outro no *fio discursivo* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 62) e pelas representações sobre o processo de escrita (CORRÊA, 2004), ou seja, interessada pelas discussões sobre a *complexidade enunciativa* subjacente ao *modo de enunciar escrito*, é que propus, nesta tese, refletir sobre um fato de linguagem bastante particular à circulação de textos escritos: o de como se mostra representada a relação eu/outro em função do deslocamento do locutor-narrador, em um único e mesmo texto, por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas. Assumindo a complexidade dessa constituição, parti da hipótese de que esse trânsito do locutor-narrador se mostraria por meio de entrecruzamentos dos papéis de falante, ouvinte, escrevente e leitor detectados na construção da relação eu/outro no material de escrita elencado: o romance *Memórias da Emília* (1969 [1936]), de Monteiro Lobato. Para isso, essa proposta fundamentou-se, de modo específico, numa visão discursiva do fenômeno de letramento (CORRÊA, 2004). De modo amplo, essa visão tem como base, sobretudo, estudos da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin e o Círculo) e da perspectiva conhecida como das Heterogeneidades Enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004). Os resultados mostraram jogos enunciativos organizados por um locutor (L), o narrador, que simula relações dialógicas construídas como enunciadas por interlocutores que, ao desempenharem, alternada (e, não raro) simultaneamente, múltiplos e entrecruzados papéis nessas relações, articulam a eles, os de falante e ouvinte (papéis ligados às práticas faladas) e os de escrevente e leitor (papéis ligados às práticas escritas). Esses entrecruzamentos, ao indicarem “um não fechamento” dos interlocutores em papéis estanques, acabaram por mostrar uma constituição heterogênea da própria escrita, já que tal multiplicidade de papéis evocou diferentes trânsitos e formas de relação entre o falado e o escrito na escrita da narrativa analisada, papéis estes organizados por um jogo complexo de enunciação.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade da linguagem, Heterogeneidade da escrita, Práticas orais/faladas e Práticas letradas/escritas, Monteiro Lobato, Memórias da Emília.

## ABSTRACT:

Assuming that the constitution of oneself as a subject depends on one's relations with the other, the language, in this transit, reveals itself as a space of "new" discoveries, inquisitiveness and curiosities. Thus, interested in the inclusion of the other in the *discursive thread* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 62) and also in the imagination of representations about the writing process (CORRÊA, 2004), that is, interested in the discussions on the *enunciative complexity* implicit in the *written enunciations*, I decided to reflect, in this dissertation, on a language fact very characteristic to the circulation of written texts: how the relation I/Other is represented due to the displacement of the scribe, in a very single text, by oral/spoken practices and by lettered/written practices. Understanding the complexity of this constitution, I assumed the hypothesis that the scribe's transit would be revealed by the intertwinements of the roles as a speaker, a listener, a writer and a reader, all detected in the construction of the relation I/Other in the chosen written material: the novel *Memórias da Emília (Memories of Emilia)* (1969[1936]). To do so, this proposal is based, specifically, upon a discursive approach to the literacy phenomenon. In a general way, this approach is based, mostly, on the studies of the Dialogic Discursive Analysis (Bakhtin and the Circle) and the perspective known as Enunciative Heterogeneities (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004). The results show some enunciative games organized by a narrator (L), who simulates dialogical relations built as if they were enunciated by interlocutors who, by performing, alternately and (too often) simultaneously, multiple and intertwined roles in these relations, and assign to them those of a speaker and a listener (roles related to the spoken practices), and of a writer and a reader (roles related to the written practices). These intertwinements, as they indicate "a non-confinement" of the interlocutors in stagnant roles, ended up showing a heterogeneous constitution of the written work itself, since such multiplicity of roles evokes different transits and forms of relationship between the spoken and the written in the writing process of the analyzed narrative, all these roles being organized by a complex game of enunciation.

**Keywords:** Heterogeneous language, Heterogeneous writing, Oral/spoken practices and Lettered/written practices, Monteiro Lobato, Memories of Emilia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### IMAGENS

Imagem 1- Ato de enunciação .....	43
Imagem 2- Exemplificação do enunciado concreto do primeiro jogo enunciativo do primeiro objetivo.....	82
Imagem 3- Exemplificação do enunciado concreto do segundo jogo enunciativo do primeiro objetivo.....	92
Imagem 4- Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do primeiro objetivo: (1e) ditando .....	98
Imagem 5- Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do primeiro objetivo: (1e) escrevendo .....	99
Imagem 6- Exemplificação do enunciado concreto do primeiro jogo enunciativo do segundo objetivo .....	102
Imagem 7- Exemplificação do enunciado concreto do segundo jogo enunciativo .....	107
Imagem 8- Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do segundo objetivo: (1e) ditando .....	115
Imagem 9- Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do segundo objetivo: (1e) escrevente.....	118

### ESQUEMAS

Esquema 1- Exemplificação dos Planos de Enunciação .....	68
Esquema 2- Enunciado (10) do primeiro jogo enunciativo: narrador como locutor (LN) .....	103
Esquema 3- Enunciado (11) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (1v). .....	108
Esquema 4- Enunciado (12) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (1v). .....	108
Esquema 5- Desdobramentos de atos enunciativos do enunciado (12) do segundo jogo: Visconde como locutor (1v) .....	109
Esquema 6- Enunciado (14) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (1e) quando dita.....	116
Esquema 7- Enunciado (15) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (1e) quando escreve.....	118
Esquema 8- Enunciado (16) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (1e) quando escreve.....	119

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Exemplificação dos Papéis Enunciativos.....	66
Tabela 2- Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador como locutor (LN)....	83
Tabela 3 - Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le).....	84
Tabela 4- Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le).....	85
Tabela 5- Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando dona Benta como locutor (lb).....	86
Tabela 6- Enunciado (02) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando dona Benta como locutor (lb).....	87
Tabela 7- Enunciado (03) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le).....	88
Tabela 8- Enunciados (04) e (05) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (lv).....	93
Tabela 9- Enunciado (04) do segundo jogo enunciativo: Visconde projetando Emília como locutor (le).....	94
Tabela 10- Enunciado (05) do segundo jogo enunciativo: Visconde projetando o anjinho como locutor (la).....	95
Tabela 11- Enunciado (08) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) ditando .....	98
Tabela 12- Enunciado (09) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) escrevendo.....	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

### **Ato de Enunciação:**

- (E) – ato de enunciação definido por um par de interlocutores (L) e (R)
- (e) – ato de enunciação definido por um par de interlocutores (l) e (r) - objeto de (M) enunciada em (E)
- (L) – locutor de (E)
- (l) – locutor de (e)
- (M) – mensagem enunciada de outro (e)
- (m) – mensagem de (e)
- (R) – interlocutor de (L)
- (r) – interlocutor de (l)
- (SIT.) – situação com tempo, lugar e um acontecimento particular (ou vários) que compõem a mensagem (M)
- (sit.) – situação com tempo, lugar e um acontecimento particular (ou vários) que compõem a mensagem (m)

### **Formas de Enunciação**

- (DD) – Discurso direto
- (DDL) – Discurso direto livre
- (DI) – Discurso indireto
- (DIL) – Discurso indireto livre
- (MA) – Modalização autonímica
- (MDS) – Modalização em discurso segundo
- (DR) – Discurso relatado
- (RDO) - Representação de um Discurso-Outro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<i>Desenhando a proposta</i> .....	12
De olho na <i>escrita</i> : um olhar para opacidade da linguagem.....	15
De olho na <i>escrita</i> : nos rastros da narrativa <i>Memórias da Emília</i> .....	19
<b>DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS À HETEROGENEIDADE DA ESCRITA: F(P)ONTES TEÓRICAS.....</b>	<b>23</b>
1.1 Descrevendo os campos das formas de inscrição do outro no (fio do) discurso:..	23
1.1.1 Os pós-saussurianos: uma visão mais formal da enunciação.....	23
1.1.2 Bakhtin: uma visão dialógica da enunciação .....	26
1.1.2.1 Dialogismo nos <i>gêneros do discurso</i> .....	28
1.1.2.2 Dialogismo no <i>enunciado</i> .....	30
1.1.2.3 Dialogismo nas <i>formas da enunciação</i> .....	33
1.1.3 Authier-Revuz: uma visão linguístico-discursiva da enunciação .....	36
1.1.3.1 Bases teóricas da complexidade enunciativa .....	36
1.1.3.2 Complexidade enunciativa: modalização autonímica.....	40
1.1.3.3 Complexidade enunciativa: descrição da Representação de um Discurso-Outro (RDO).....	44
1.2 Heterogeneidade da escrita: um olhar para relação eu/outro .....	50
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: (RE)NARRANDO A QUESTÃO .....</b>	<b>58</b>
2.1 Heterogeneidades e paradigma indiciário .....	58
2.2 Seleção do corpus .....	60
2.2.1 Seleção do corpus: primeira clivagem .....	61
2.2.2 Seleção do corpus: segunda clivagem.....	64
2.3 Forma de análise dos enunciados.....	65
<b>MEMÓRIAS DA EMÍLIA: UM TIPO RELATIVAMENTE ESTÁVEL DE ENUNCIADO .....</b>	<b>71</b>
3.1 Memórias da Marquesa de Rabicó: um acontecimento nas <i>Memórias da Emília</i> .	77
<b>IDENTIFICANDO OS PAPÉIS ENUNCIATIVOS .....</b>	<b>81</b>
4.1 Identificando os papéis em três jogos enunciativos .....	81
4.1.1 Primeiro jogo enunciativo: <i>narrador</i> como locutor (LN).....	82
4.1.2 Segundo jogo enunciativo: <i>Visconde</i> como locutor (lv) .....	92
4.1.3 O terceiro jogo enunciativo: <i>Emília</i> como locutor (le) .....	97
<b>COMPLEXIDADE ENUNCIATIVA: RELAÇÃO EU/OUTRO .....</b>	<b>102</b>
5.1 Relação eu/outro no primeiro jogo enunciativo: <i>narrador</i> como locutor (LN) ...	102

5.2 Relação eu/outro no segundo jogo enunciativo: <i>Visconde</i> como locutor (lv).....	107
5.3 Relação eu/outro no terceiro jogo enunciativo: <i>Emília</i> como locutor (le).....	115
<b>(DES)ARTICULANDO FIOS.....</b>	<b>121</b>
6.1 Considerações (não) finais.....	123
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível. (LOBATO, 1969 [1936]<sup>1</sup>, p. 7).

Sistematizar o que seria um “começo” de escrita não é tarefa fácil. Essa sistematização, que começa bem antes de se materializar um dizer, leva, por escolha, e por conseguinte exclusão, a percorrer diferentes caminhos em que um ponto, que se diria final, é final para aquele dizer, mas com muitos ecos que ressoam num já-dito e outros que se abrem para outras possibilidades de enunciar. Deslocamento do ponto, “começar”... Materializar uma reflexão sobre um fato de linguagem em forma de tese não é terrível; diria desafiador, um deslocar da subjetividade.

Início expondo como o estudo da escrita alfabética, doravante referida apenas como escrita, com olhar científico, marcou minha formação acadêmica: da iniciação científica ao doutorado. Nas primeiras práticas de letramento acadêmico – iniciação científica e mestrado<sup>2</sup> –, o olhar estava direcionado para estudos em torno da escrita literária. Lá, o encontro com a escrita era a partir de narrativas de escritores “desconhecidos”, não legitimados por um público, cuja escrita, no âmbito acadêmico, se revestia, porém, de teor literário, de modo a se constituir como objeto de pesquisa. Compreendida como texto literário, essa escrita foi estudada sob a ótica da antropologia do imaginário de Gilbert Durand (1997), que entende o mito enquanto elemento ficcional presente na tessitura de qualquer narrativa, o que, numa aproximação com teorias que compreendem a linguagem a partir de suas relações dialógicas (AUTHIER-REVUZ, 2004), poderia ser interpretado como o *Outro*, condição constitutiva da narrativa.

No exercício com escrita literária, o ponto a ser observado era a busca do mito que estaria na superfície do texto, numa perspectiva que concebia a escrita como transparente, como se houvesse um mito posto nesse modo de enunciar a ser revelado pelo pesquisador por um processo interpretativo e analógico entre o texto e a narrativa mítica. Esse olhar orientou as práticas de iniciação científica e de mestrado por mim desenvolvidas e, embora a materialidade

---

<sup>1</sup> A data referenciada entre colchetes retoma o ano da primeira edição de publicação da obra em menção.

<sup>2</sup> Retomo os trabalhos desenvolvidos na iniciação científica, nos anos de 2007 e 2008, e no mestrado, no ano de 2012. Em ordem cronológica: i. O imaginário mítico simbólico da sergipana Alina Paim; ii. O processo de remitologização na literatura do século XX; iii. O mito e o maravilhoso na literatura infantil de Alina Paim, orientados pela Dra. Ana Maria Leal Cardoso, professora da Universidade Federal de Sergipe, que desenvolve pesquisa sobre imaginário na literatura e é pioneira nos estudos que investigam as obras da escritora Alina Paim.

da língua fosse, nessas práticas, ponto de partida para empreender a análise (uma vez que a busca era por recuperar mitos “escondidos por trás” do texto), essa materialidade pouco aparecia na análise. Assim, com o tempo, com outras leituras e com a maturação da pesquisa, essa busca começou a se tornar um ponto de incômodo, um estranhamento, ainda que acomodado por um lugar de pesquisa que reforçava afirmações como “o que eu fazia era análise literária”.

Os incômodos com esse olhar para escrita permaneceram mesmo após a conclusão do mestrado. Com os “pés”, de fato, no ensino – dada minha aprovação em concurso público para professora de Linguística na Universidade Federal do Acre –, os estudos com a escrita dita literária continuaram como pontos de interesse nas pesquisas que desenvolvia. No entanto, o contato com outras leituras – sobre teorias linguísticas, especificamente Linguística Textual e Análise do discurso –, fez com que aquele estranhamento no plano material do texto escrito soasse ainda maior, já que passei a perceber a necessidade de um olhar para a materialidade da língua e, como decorrência, para o plano de sentido que não se resguardava somente nessa materialidade. Passei, ainda, a perceber a necessidade do linguístico no literário, já que o texto literário é um material de escrita e, enquanto produto social, um meio profícuo de representações sobre ela. Instigada pelas novas leituras, desta feita, de cunho linguístico, a ideia (agora quase óbvia) de que uma reflexão sobre a escrita, literária ou não, era uma reflexão sobre algum plano da língua me levou ao doutorado em estudos linguísticos.

No doutorado, o trabalho com escrita ganhou outra dimensão. Em contato com a linha de pesquisa *Oralidade e Letramento* do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, à qual me vinculei em 2015, ano de ingresso no Curso de Doutorado, a reflexão sobre a opacidade da linguagem ampliou o horizonte de expectativa das pesquisas anteriores, no sentido de que uma discussão sobre escrita, “literária” ou não, problematizaria pontos até então cristalizados por estudos que atribuem a essa tecnologia uma “[...] suposta força de preservação de um sentido único para o texto.” (CORRÊA, 2004, p. XII), ancorados nas ideias de transparência do dizer e de escrita como mantenedora do sentido, ou seja, escrita como representação do dito. Assim, é a concepção de escrita, compreendida nesse trabalho enquanto modo de enunciar, que resulta na mudança de visão quanto aos seus modos de apresentação

### *Desenhando a proposta*

Duas balizagens teóricas seguem marcadas na construção deste trabalho. A primeira está relacionada à *heterogeneidade enunciativa*, que coloca em circulação formas de inscrição do

outro nos discursos (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004). Com efeito, ao estudar as glosas como formas metaenunciativas que organizam um dizer, a partir do estatuto de uma “maneira de dizer”, a autora recupera um *outro* mostrado no *fio do discurso*. A segunda, também relacionada à heterogeneidade enunciativa, especificamente à *heterogeneidade da escrita*, põe em discussão “[...] a representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado.” (CORRÊA, 2004, p. 232) no processo de escrita. Essa representação é caracterizada por Corrêa sob forma de três eixos de circulação do escrevente: (i) pela representação do que supõe como a gênese da escrita; (ii) pela representação do que supõe como o código escrito institucionalizado; e (iii) pela dialogia com o já falado/escrito. Destaque-se que, conforme Corrêa (2004), esses três eixos não estão atrelados a uma concepção de escrita como forma de representação, mas, sim, como constituição do movimento do escrevente em função de suas relações com o mundo e com o falado. Desse modo, é na dimensão dialógica constitutiva da linguagem e da materialização linguística dessa dimensão que se ancora esta pesquisa.

No que se refere à primeira balizagem teórica, são as formas explícitas para uma abordagem do outro no discurso, formas com as quais um locutor, na enunciação, inscreve esse outro numa cadeia linguística e, de algum modo, se inscreve o próprio locutor, que interessam enquanto elemento de observação, uma vez que mostram modos de negociação com a heterogeneidade constitutiva própria do discurso. Dentre as formas explícitas, saliento aquelas da modalidade autonímica ou enunciativa, definidas por Authier-Revuz (2004) como metaenunciativas, no sentido de que duplicam uma enunciação, reformulam o dizer, marcam o *outro*. São categorizadas pela autora como formas *isoláveis*, formas *estritamente reflexivas* e formas *opacificantes*. Modalizadoras, tais formas conferem o estatuto de uma “maneira de dizer” marcado por uma não-coincidência enunciativa que se caracteriza, ainda conforme a autora, como *pontos de não-coincidência do discurso com ele mesmo*, *pontos de não-coincidências entre as palavras e as coisas*, *pontos de não-coincidência das palavras com elas mesmas* e *pontos de não-coincidência interlocutiva*. Essas não-coincidências do dizer serão tratadas mais adiante, no capítulo teórico; neste momento, interessa frisar que, embora não se discuta especificamente essas não-coincidências no material elencado para análise neste trabalho, elas em alguma medida se mostram em razão do diálogo com as formas mostradas marcadas, interesse dessa pesquisa.

No que diz respeito à segunda balizagem teórica, é a relação com o *modo heterogêneo de constituição da escrita* que me instiga a descrever com quais papéis enunciativos o locutor se representa e representa o seu interlocutor quando enuncia pela escrita, posto que, na sua (ilusão de) reflexão individual – na expressão que organiza a atividade mental – subjaz um

*auditório social* que orienta o enunciar (BAKHTIN, 2014 [1929-30]) e mostra como se representam as relações daquele que enuncia com o mundo e com o já falado (CORRÊA, 2004).

Dessa forma, interessada pela inscrição do *outro* no *fio discursivo* e pelo imaginário de representações sobre o processo de escrita, ou seja, interessada pelas discussões sobre a *complexidade enunciativa* subjacente ao *modo de enunciar escrito*, é que proponho, neste trabalho, refletir sobre um fato de linguagem bastante particular à circulação de textos escritos: o de como se mostra representada, em texto de literatura infantil, especificamente em *Memórias da Emília*, a relação eu/outro em função do deslocamento do locutor-narrador, em um único e mesmo texto, por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas.

Para tanto, parto de duas premissas: (1) a de que discurso e sujeito são constitutivamente heterogêneos, tal que, na complexidade enunciativa, é possível detectar diferentes formas pelas quais o sujeito se representa como centro da (sua) enunciação, levando-se em consideração que ele também é parte dessa representação (AUTHIER-REVUZ, 2004); e (2) a de que a escrita, como modo de enunciação, resulta do trânsito do escrevente por práticas de oralidade e de letramento (CORRÊA, 2004). Assumindo essa complexidade de constituição da escrita como modo de enunciar, uma questão se mostra como central para a investigação: a de saber com quais aspectos desse deslocamento se mostraria representada a relação eu/outro num tipo particular de escrita, aquela relacionada à literatura infantil.

A busca de respostas a essa questão é orientada pela hipótese de que o deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento se mostraria por meio de entrecruzamentos dos papéis de falante, ouvinte, escrevente e leitor detectados na construção da dialogia eu/outro nessa escrita.

Visando demonstrá-la, o desenvolvimento da pesquisa será orientado pelo seguinte objetivo geral:

- *descrever como é representada a relação eu/outro no deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento.*

Relacionada a esse objetivo geral, a investigação será norteada, ainda, pelos seguintes objetivos específicos:

(1) *identificar com quais papéis enunciativos desse deslocamento a relação eu/outro é representada no material escrito, a partir da (sua) complexidade enunciativa;*

(2) *descrever em que planos da complexidade enunciativa esses aspectos do deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento são representados no material analisado.*

De natureza descritiva, esta pesquisa se apoia, conforme antecipado, nas formas mostradas marcadas de heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004), em que algumas subjetividades, assinaladas por um *auditório social* que organiza o próprio lugar de trânsito da pesquisa, orientam a seleção dos enunciados analisados, uma vez que este trabalho parte das relações dialógicas que envolvem a linguagem (BAHKTIN, 2003 [1979]) e, portanto, outros discursos são uma condição nessa seleção.

De olho na *escrita*: um olhar para opacidade da linguagem

Um esclarecimento sobre escrita se faz necessário na elaboração desta pesquisa. Na direção dos estudos de Corrêa (2004), o trabalho com a enunciação pela escrita não parte de uma visão que a entenda como hegemônica em relação a outras formas de registro. Também não reforça mitos como o da suposta invariância do sentido na escrita e o de que não haveria variação linguística nela. É na contramão desses mitos, difundidos em razão do seu registro espacial e da visibilidade invariante do produto gráfico (GOODY e WATT 1968; HAVELOCK, 1976, 1978; GOODY, 1977, 1986, 1993 apud CORRÊA, 2004), que se toma o fato da linguagem proposto – relembrando-o: a de como se mostra representada, em texto de literatura infantil, especificamente em *Memórias da Emília*, a relação eu/outro em função do deslocamento do locutor-narrador, em um único e mesmo texto, por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas.

Esse olhar faz parte de/se une aos estudos de letramento que tomaram a escrita – entendendo a natureza que a constitui, mas não sob a ótica imperiosa que a circunscreve –, como ponto de partida para reflexões sobre diversos fatos da linguagem. Principalmente aqueles estudos de letramento que partiram de uma concepção de escrita enquanto modo de enunciação. Nesse enfoque, e numa breve menção a esses estudos, numa primeira vertente, conforme Corrêa, tem-se a “[...] escrita alfabética como manifestação de saberes sobre a língua, considerados todos os tipos de efetiva produção escrita.” (2015, p. 132). Ilustra essa vertente um significativo conjunto de trabalhos: Abaurre e Cagliari (1985); Abaurre (1988, 1996, 1998); Cagliari (1992, 2002, 2004); Chacon e Berti (2008); Tenani (2008).

A segunda vertente sinalizada por Corrêa (2015) é aquela que o autor caracteriza como letramento no sentido estrito, a qual compreenderia a “[...] escrita alfabética como manifestação de práticas sociais letradas e de saberes sobre a dimensão discursiva da escrita nos textos, nos gêneros discursivos escritos, considerada a questão do sentido.” (CORRÊA, 2015, p. 132). Ilustram essa segunda vertente estudos como os de Abaurre (1999); Lemos (1998); Corrêa

(2001, 2004); Chacon (1999, 2004, 2005); Capristano (2010); Tenani (2009, 2011), Komesu (2003), Komesu e Tenani (2010); Soncin (2010).

A terceira vertente dos estudos sobre a escrita como modo de enunciação corresponde à do “[...] letramento em sentido amplo, ligado ao aspecto da permanência do caráter escritural da oralidade (e da literatura oral) que permite, a seu modo, preservar a memória cultural de um povo.” (CORRÊA, 2015, p.132). Aqui se situam, como atesta, ainda, Corrêa (2015), as pesquisas atuais do autor, os estudos de Ong (1998) e de Bonvini (2006).

Essas vertentes ilustram formas diversas de trabalho com a escrita. Alguns se voltam para a relação dialógica entre o já falado/escrito em contexto de educação infantil e de ensino fundamental com o olhar para a ortografia, para a segmentação de palavras e para a pontuação. Outros exploram essa relação dialógica em enunciados produzidos em plataformas digitais. Outros, ainda, em textos de vestibulandos e de universitários. Unindo-se a esses trabalhos, confere relevância ao trabalho que proponho o fato de explorar as relações dialógicas e a relação falado/escrito em objeto, dados e material de escrita, como o da escrita literária, até então não discutidos ou mesmo identificados nas pesquisas sobre heterogeneidade da escrita até o momento, o que contribui para discussão do conceito dessa heterogeneidade (CORRÊA, 2004) em outro tipo de material e suscita uma reflexão sobre a construção de si na relação sujeito/linguagem a partir da materialização linguística dessa dimensão da linguagem por meio da enunciação escrita.

Assumindo a ideia “[...] de que a prática, com reflexão teórica, é outra.” (CORRÊA, 2013, p. 485), esta pesquisa pretende contribuir para reflexões sobre a complexidade enunciativa que envolve a escrita e o seu caráter movente. Especialmente porque, “[...] numa época em que se discute o declínio da escrita em favor de outros modos de comunicação [...].” (CORRÊA, 2004, p. XI), tomar a escrita como ponto de partida para (re)pensar a construção de si é (re)pensar práticas de letramentos, e não só no âmbito da educação, mas em outras áreas, tais como fonoaudiológicas, psicológicas, sociológicas, que requisitem esse modo de enunciar para a construção da *subjetividade*. (Re)Abre-se uma arena de conflitos sobre a língua(gem) nos mais diversos campos da atividade humana, problematizando-a nesses campos, tais como o artístico, o científico, o familiar, o religioso, dentre outros.

Nessa direção de problematização das questões que envolvem a linguagem, a relevância deste trabalho para o campo dos estudos linguísticos se dá principalmente pela sua contribuição para o quadro epistemológico da escrita como enunciação. Debruçar sobre a escrita literária recupera diálogos sobre o *discurso literário*, não só como artefato artístico, mas como: i. um tipo de enunciado (BAKHTIN, 2003 [1979]); ii. um fato literário enquanto discurso

(MAINGUENEAU, 2005); iii. um discurso como produto do interdiscurso (AUTHIER-REVUZ, 2004); iv uma forma de se ver a heterogeneidade da/na relação fala/escrita nesse tipo de enunciado (CORRÊA, 2004). Dito de outro modo, a relevância da presente investigação se dá no âmbito de uma reflexão teórica sobre escrita no discurso literário que se abre para as possibilidades de se lê-lo como modo de enunciação, no sentido de identificar, nesse modo, a relação com outros dizeres já produzidos e a serem produzidos também. Desloca-se da previsibilidade do sentido comumente atribuída ao discurso literário, como, por exemplo a visão do autor e a do texto, e abre-se para discursividade do trânsito daquele que enuncia com o já falado/ouvido e já escrito/lido manifestado na materialidade da língua.

Explicando um pouco mais esta relevância, na alusão dos quadros teóricos suscitados, é a ideia de um dizer se formar a partir de um campo discursivo que orienta o olhar para a escrita do discurso literário. Pensando ainda nos campos da atividade humana que subjazem a ela, tomá-la como ponto de partida para a discussão empreendida neste trabalho é deslocá-la, primeiramente, do lugar que lhe é comumente atribuído: a de ser reconhecida como A escrita, em que a preocupação com a forma lega um imaginário de escrita ideal, modelar, a ser reproduzida. Por muito tempo, essa preocupação com a forma foi horizonte de expectativas de muitos estudos que se debruçaram sobre o discurso literário, principalmente na área de literatura. Voltavam-se para os aspectos formais que caracterizavam esse tipo de escrita, como, por exemplo, para as especificidades artístico-literárias que faziam determinada escrita ser caracterizada como gênero literário. Retomando o pensamento bakhtiniano (2003[1979]), a discussão em torno dos gêneros literários, da sua natureza verbal, carecia de um estudo que os entendesse como “[...] tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística).” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 280). Reinterpretando as palavras desse autor, compreender a escrita literária como um tipo particular de enunciado é compreender a complexidade que envolve a escrita quando ela materializa determinado tipo de gênero do discurso. Nesse sentido, abrem-se possibilidades de problematizar a ideia de sentido único para o texto escrito, dado que inúmeras são as possibilidades de leituras quando se toma a escrita como enunciado.

Maingueneau (2005), a respeito do discurso literário, afirma que considerar o fato literário em termos de discurso é contestar a ideia fixa de um dizer fundante sem comunicação com o discurso exterior. “É renunciar o fantasma da obra *em si*, em sua dupla acepção: a) a de obra autônoma, b) a de obra enquanto consciência criadora.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 17 – destaque do autor). Para o autor, pensar a instância criadora no discurso literário é renovar a

percepção da literatura, ou seja, é atrelar o fato literário a sua dimensão histórica e geográfica, renunciando à definição de um centro ou um lugar consagrado. Em suas palavras,

As condições do *dizer* atravessam o *dito*, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado ao seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados ao gênero, a relação com destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados...). (MAINGUENEAU, 2005, p.18 – destaque do autor).

Ou seja, na elaboração de um dizer, uma multiplicidade de outros dizeres o atravessam.

Interpretando essas condições enunciativas levantadas por Bakhtin (2003 [1979]) e também por Maingueneau (2005), uma heterogeneidade parece se configurar na forma de se conceber o discurso, uma heterogeneidade discursiva que problematiza as práticas de leituras cujas preocupações parecem ser, fundamentalmente, a de homogeneização da leitura e, portanto, de decodificação do material linguístico. Nessa tentativa de homogeneização da leitura de um determinado discurso recortam-se as condições de elaboração de um dizer, do sujeito que enuncia, da relação desse sujeito com o mundo e com o já falado (CORRÊA, 2004). Pode-se, em síntese, dizer que, de algum modo, oculta-se a historicidade do dizer.

Ainda se se toma o campo da atividade escolar, o discurso literário, como recurso de inserção em práticas de letramento – na maioria das vezes privilegiado nesse campo – funciona como apoio no ensino de leitura almejado nesse espaço de instrução. Com efeito, no espaço escolar, estar imerso no “mundo da leitura” foi, por muito tempo, estar em contato com a escrita literária, e continua sendo, em alguma medida, (re)tomar a contação de histórias, geralmente contos clássicos infantis, que permeia o imaginário sobre o que é a leitura das crianças nas escolas e, também, fora dela. Como aponta Zilberman (2003), a própria escola, entendida como lugar de formação de leitores, apropriou-se por muito tempo do discurso literário para estimulação da prática de leitura em sala de aula.

Assim sendo, este trabalho se une aos estudos que problematizam, de alguma maneira, a escrita literária como centro do dizer. Ao assumir o caráter dialógico na constituição dessa escrita afasta-se de olhar somente para o material na perspectiva de decodificação. A escrita como modo de enunciação em que a subjetividade emerge, lugar revisitado por muitos estudos que buscam a heterogeneidade da linguagem, é campo fecundo para a reflexão sobre práticas de leitura que não se restringem à mera decodificação do texto. Abre-se, com esse olhar, a possibilidade de se discutirem as diversas possibilidades de leitura de um texto – a partir do quadro teórico com que se olha o objeto da linguagem –, quando se retoma, nele, o princípio dialógico da linguagem.

Em síntese, a discussão empreendida neste trabalho corrobora: (a) uma reflexão teórica no âmbito dos estudos de escrita que se preocupam com a relação sujeito/linguagem; (b) uma reflexão que desloca, se pensarmos no âmbito dos estudos literários, a escrita do seu aspecto formal (artístico-literário) para ser compreendida como um tipo de enunciado; (c) uma contribuição para práticas de leitura que não se voltem para o enunciado escrito somente enquanto leitura passível de decodificação; (d) uma contribuição para o ensino da escrita e para o próprio ato de escrever.

De olho na *escrita*: nos rastros da narrativa *Memórias da Emília*

*Memórias da Emília*, que tem sua primeira publicação em 1936, é uma das vinte e três narrativas do acervo da literatura infantil de Monteiro Lobato. Compreendida não só como um artefato literário, em razão do campo literário que a recobre, mas como enunciado que surge da alternância de vozes, constitutiva na elaboração de qualquer gênero do discurso, detalho a escolha por essa escrita no capítulo sobre metodologia, ocasião em que se tratará especificamente da seleção do corpus.

O que se antecipa é que muitas são as pesquisas (teses, dissertações, livros, artigos) que envolvem a vasta produção de Monteiro Lobato, inclusive que abordam a narrativa *Memórias da Emília*. Essas pesquisas, em grande parte com enfoque literário, desdobram-se, de modo geral:

- i. na *vida e obra do autor*, escrevente polêmico no campo artístico-político-social, como apontam trabalhos como os de: Edgar Cavalheiro (1956), intitulado *Monteiro Lobato, vida e obra*; Dilma Castelo Branco Diniz (1997), intitulado *Monteiro Lobato: O perfil de um intelectual moderno*; Carmem Lúcia Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta (1997), intitulado *Monteiro Lobato: o furacão na Botocúndia*. Não se deve deixar de mencionar a narrativa de Laura Sandroni (1997) *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, que, embora não se configure como texto acadêmico, trata da dimensão dos textos desse autor, numa recriação ficcional da vida e da obra de Lobato do ponto de vista de seus personagens;
- ii. no olhar para o *artefato literário* e para as possibilidades de *leituras* evocadas pelas mais diversas temáticas que irrompem da ficção lobatiana. Ilustram essa perspectiva os estudos de Marisa Lajolo, uma das principais pesquisadoras das obras de Lobato,

que transitam por vários temas, mas, principalmente, pelos relacionados à leitura, à figura do negro e às cartas de leitores, como se observa em alguns dos seus trabalhos: *Monteiro Lobato: um brasileiro em trânsito* (2009), *A figura do Negro em Monteiro Lobato* (1998), *Monteiro Lobato: assíduo, dedicado e amoroso leitor* (2018). É importante frisar que a autora, juntamente com João Luís Ceccantini – professor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, e também pesquisador das obras de Lobato – organizaram, em 2009, o livro *Monteiro Lobato: livro a livro – Obra infantil*, que conta com a produção de vinte e oito pesquisadores que analisaram as obras desse autor. Esse livro – fruto do projeto temático *Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros* (FAPESP, 2003-2007) e vencedor do prêmio Jabuti em 2009 – vem coroar, de algum modo, a incursão desses autores ao longo de suas trajetórias de pesquisa acadêmica no espaço ficcional lobatiano, ao mostrarem, em sua organização, a amplitude de leituras que as obras desse autor evocam;

- iii. no enfoque *pedagógico*, como o atestam a dissertação de Socorro Acioli (2004) *De Emília a Dona Quixotinha: uma aula de leitura com Monteiro Lobato* e a tese de Adriel Oliveira (2015) *Memórias das Aritméticas da Emília: o ensino de aritmética entre 1920 e 1940*;
- iv. no enfoque *linguístico*, presente em trabalhos que também desenvolveram análises de textos de Lobato numa perspectiva enunciativa-discursiva, tais como o artigo de Elisa Battisti (2009) *Linguagem e construção de sentidos em “A colcha de retalhos”, de Monteiro Lobato* e a tese de Isis Cristina Ramanzini Monteiro (2017) *Lobato e o discurso do petróleo: o deslocamento da instituição literária para a arena de debates da política econômica*.

Esses trabalhos ilustram um pouco a fortuna crítica que se formou ao longo dos anos em torno do acervo desse autor, a maioria deles com enfoque literário. Para Marisa Lajolo, numa entrevista concedida à agência FAPESP em 2009, escrita por Fábio Reynol, esse seu debruçar sobre o acervo de Lobato resulta, em grande parte, da expansão da pós-graduação no Brasil, que promoveu pesquisas nos mais diversos cenários. A autora enfatiza, ainda, uma exigência de trabalhos de conclusão de curso, e Lobato, em sua opinião, é um nome forte no cenário dos estudos do texto literário. Outro apontamento para o interesse pelo autor, segundo Lajolo, foi o relançamento de suas obras no ano de 2007 pela Editora Globo, fato que o trouxe novamente à mídia. Ela acrescenta, também, a divulgação dos resultados dos trabalhos temáticos

desenvolvidos no interior do seu grupo de pesquisa e financiados pela FAPESP, além do importante apoio da Unicamp ao projeto, o que, em sua visão, contribuiu para que houvesse uma intensificação do interesse pelas obras desse autor.

O que se observa nessa enumeração dos trabalhos que se voltam sobre a obra de Monteiro Lobato permite, a meu ver, reforçar o caráter inovador de minha proposta, na medida em que ela visa construir outra possibilidade de análise dos textos de Lobato. De enfoque linguístico-discursivo, essa construção tem como centro a relação sujeito/linguagem a partir da heterogeneidade mostrada – o que exemplificarei com a análise da escrita de um dos textos desse autor.

Isso porque, se é na relação com o outro que se dá a constituição como sujeito, a linguagem, nesse trânsito, se assume como espaço de “novas” descobertas, inquietações e curiosidades. “Novas” porque, apropriando-me da premissa saussuriana, o ponto de vista cria o objeto – o que significa recriá-lo, a depender da perspectiva de sua observação/construção. “Novas” também, porque, na busca por esse objeto, outra premissa se reafirma: “É a estrutura material da língua que permite que, através da linearidade de uma cadeia, se inscreva a polifonia de um discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 62). Interpelada por essas premissas, resgatar/construir uma rede de (re)significações discursivas constituirá o estudo que aqui empreendo com o modo de enunciar por escrito, porque os entrecruzamentos enunciativos que compõem o dizer, como diz Authier-Revuz (2004), são indícios – dialógicos – de alusões, de citações, de quebra – ou não – de paradigmas, comportando, pois, negociação ou refutação, ou seja, aqueles entrecruzamentos são remissões que inscrevem o outro no (fio do) discurso. Nessa composição do dizer, é a escrita ponto de partida para se pensar o objeto deste estudo. Circunscrita num imaginário que representaria e resguardaria o dito, o olhar para ela, neste trabalho, interroga essa representação e convida a percorrer, assim como o faz Corrêa (2004), seu terreno fértil.

Na tentativa de estabelecer um trajeto de leitura para este trabalho, sua configuração se dará da seguinte forma: composta de seis capítulos, o primeiro, *Das heterogeneidades enunciativas à heterogeneidade da escrita: p(f)ontes teóricas*, trata do norte teórico que fornece subsídios para se pensarem as questões linguísticas aqui analisadas. Ele está subdividido em dois tópicos: um que discute a heterogeneidade mostrada marcada da linguagem e outro que discute a circulação dialógica presente no modo de enunciar por escrito. O segundo, *Procedimentos metodológicos: (re)narrando a questão*, descreve o percurso metodológico para seleção do material, recorte e análise dos dados. O terceiro, *Memórias da Emília: um tipo relativamente estável de enunciado*, traça as relações dialógicas dessa narrativa com os vários

outros que a constituem. Apresento nesse capítulo um panorama de como foi olhado *Memórias da Emília* enquanto enunciado que produz sobreposições de enunciados no interior da sua narrativa. O quarto, *Identificando os papéis*, configura-se como capítulo analítico, que responde ao primeiro objetivo específico. Nele, são descritos os papéis enunciativos indiciados nos enunciados analisados. O quinto, *Complexidade enunciativa: relação eu/outro*, descreve, a partir do funcionamento enunciativo e discursivo, os planos de enunciação que circunscrevem certas regiões do dizer, na medida em que esses planos colocam em circulação os papéis enunciativos com os quais se mostra representada a relação eu/outro. Esse capítulo se constitui como capítulo analítico que responde ao segundo objetivo proposto neste trabalho. O sexto, e último capítulo, *(Des)articulando fios*, contém considerações (não) finais, baseadas nos resultados apontados pelos dados na consecução dos dois objetivos específicos, os quais aludem ao objetivo geral desta tese, como um ponto, que, tal qual o da epígrafe que abre esta introdução, não esgota nem encerra o dizer.

## CAPÍTULO 1

### DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS À HETEROGENEIDADE DA ESCRITA: F(P)ONTES TEÓRICAS

- Agora escreva: *Capítulo Primeiro*  
(LOBATO, 1969 [1936], p. 18 –  
destaque do autor)

Este capítulo trata particularmente da revisão bibliográfica das fontes teóricas que subsidiaram esta pesquisa. Com o intuito de fazer um trajeto do dizer que oriente a leitura em função de como o capítulo foi pensado, o percurso que faço esboça um recorte de estudos que de algum modo mostraram a relação sujeito/linguagem num viés enunciativo. É a tentativa de explicitar a polifonia que ecoou, ecoa, e se abre para outras nesse plano gráfico do dizer: o da tese. Inicia-se com uma breve exposição sobre a posição do sujeito na linguagem, baseada em teorias linguísticas e dialógicas que movem a noção de heterogeneidade a partir de deslocamentos promovidos pelos estudos da enunciação. Em seguida, trata das bases epistemológicas que sustentam a teoria enunciativa formulada por Authier-Revuz (1998, 2004), descrevendo as formas de inscrição do *outro* no fio do discurso. Por fim, aborda a relação fala/escrita como constitutiva da heterogeneidade da escrita, que coloca em circulação a posição que ocupa o escrevente na dialogia com o já-dito-ouvido/já-falado-escrito.

#### 1.1 Descrevendo os campos das formas de inscrição do outro no (fio do) discurso:

##### 1.1.1 Os pós-saussurianos: uma visão mais formal da enunciação

Na oposição de estudos que, mesmo reconhecendo a função comunicativa da linguagem a delegaram a uma função secundária, é que traço, de modo breve, aqueles que, embora entendendo a língua como sistema abstrato de signos, se interessaram pelo sujeito na linguagem, pela complexidade enunciativa que redimensionam/deslocam a dicotomia língua e fala para outro plano da linguagem: o do *dizer*. É na contramão de um esquema de transmissão de sentido em que aquele que decodifica não atuaria na produção de sentido, funcionaria somente como pólo receptor de decodificação, que os estudos relacionados à enunciação tomam a subjetividade como elemento estruturante da noção de língua.

Não negando a ideia de língua enquanto sistema de signos, estes estudos enunciativos colocam em primeiro plano um ato individual de utilização da língua que demarca a presença do social no sujeito da linguagem. Numa esfera consciente da linguagem, é a capacidade de um

locutor de se colocar numa posição do dizer, ou seja, de se propor como sujeito que remete a ele mesmo como eu no seu discurso, mobilizando a língua por sua conta, a partir dos caracteres formais dessa mobilização (BENVENISTE, 1988 [1963], 1989 [1968]). Dito de outro modo, eles têm como ponto de interesse estudar as marcas do sujeito no enunciado, o que não significa dizer que é o próprio sujeito. Supõem um sujeito (FLORES, 2015, p. 11). É o uso da língua.

Nas investigações sobre o sujeito na linguagem, cito, conforme Flores (2015), os estudos do considerado primeiro pós-saussuriano Charles Bally sobre uma estilística da língua. Numa visão propriamente linguística, Bally propõe estudar o uso da língua para expressão de sentimentos. Para esse autor, a ênfase da estilística não é no estilo artístico pessoal; antes, um caráter coletivo de expressividade é colocado a efeito por um falante que se expressa por intermédio de processos linguísticos. Conforme ele, “[...] ‘a estilística abarca toda a linguagem. Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada.’” (BALLY *apud* FLORES, 2015, p. 16). Segundo Flores, a estilística desse autor é um estudo que se preocupa “[...] com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito.” (id., *ibid.*).

Ainda de acordo com Flores (2015), tem-se os trabalhos de Roman Jakobson. Este tem como ponto de partida os desdobramentos do pensamento de Saussure e os da teoria da comunicação e não necessariamente destinou seus estudos à enunciação. Mas, no interior da ampla diversidade temática que circunscreve seus estudos, é na teoria das funções da linguagem, principalmente em seu trabalho sobre os *shifters*, que, segundo Flores (2015), encontram-se algumas das primeiras sistematizações sobre o lugar do sujeito na língua e que levariam a se atribuir a Jakobson o papel de primeiro linguista a pensar num trabalho enunciativo da linguagem.

Por certo, ao retomar (e ampliar) o esquema de Bühler em seu estudo sobre as funções da linguagem, o esquema proposto por Jakobson (1975 [1960]) define todo ato de comunicação da seguinte maneira:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou ‘referente’, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente a ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem), e, finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos entrarem e permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 1975 [1960], p.123 – destaques do autor).

Ter-se-ia uma primeira suposição, esquematizada pelo autor, de um sujeito capaz de falar e de ter diferentes atitudes em relação aos diversos aspectos da mensagem, já que cada um desses seis aspectos destacados por ele determina uma diferente função da linguagem na comunicação verbal.

O ato de comunicação verbal de Jakobson seria, na visão de Flores (2015), uma primeira sistematização de um modelo que inclui a inscrição daquele que fala em sua fala. Seria, na interpretação desse último autor, uma inferência, num sentido bem amplo, de uma possível interpretação enunciativa, mesmo porque o que subjaz à teoria das funções da linguagem é uma “[...] perspectiva da teoria da comunicação acompanhada de uma perspectiva de língua como código, questões essas ausentes das teorias da enunciação propriamente ditas.” (FLORES, 2015, p. 24). Já no que se refere ao trabalho com os *shifters* há aí uma sistematização de um trabalho enunciativo, quando, no desdobramento do código e da mensagem, especialmente no que se refere à remissão do código à mensagem, tem-se manifestada a presença codificada do locutor no interior do enunciado (FLORES, 2015).

No trajeto de se pensar o sujeito na linguagem, faz-se ainda remissão às investigações de Benveniste (1988 [1963], 1989 [1968]), autor considerado como o principal representante do que se convencionou chamar de Linguística da Enunciação. O estatuto atribuído a esse teórico no quadro dos estudos da enunciação resulta do lugar singular em que brota suas reflexões: o apogeu do estruturalismo. Não negando a visão estrutural da língua, mas trazendo para a discussão o que foi excluído dessa visão, a discussão desse linguista trata do *homem na língua*, sujeito e estrutura articulados, dito de outra maneira, trata da constituição do sujeito pela (inter)subjetividade na linguagem, ponto singular dos seus estudos.

Para o considerado pai da enunciação, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.” (BENVENISTE, 1988 [1963], p. 286). Essa construção de sujeito é determinada por uma questão singular nos estudos desse autor, a *subjetividade*, compreendida como “[...] a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. (id., ibid.). Em outras palavras, trata-se da capacidade de se ver como sujeito e de mostrá-la na linguagem, numa construção de se colocar na posição de dizer, num modo consciente da linguagem. Essa consciência, na visão do autor, só ocorre se experimentada por contraste, na relação eu/outro. “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que seria na minha alocação um *tu*.” (id., ibid.). Essa condição de diálogo experimentada é pensada numa reversibilidade enunciativa, já que segundo o autor, “[...] a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa,

aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.” (id., *ibid.*). A polaridade das pessoas seria, portanto, a condição fundamental na linguagem. Essa polaridade não é igual nem simétrica, uma que o “[...] *eu* tem sempre uma posição de transcendência quanto ao *tu*.” (BENVENISTE, 1988 [1963], p. 286 – destaque do autor), mas nenhum dos dois termos se concebe sem o outro, já que complementares e também reversíveis.

A noção de *subjetividade*, cara aos estudos da enunciação (especialmente os de Benveniste [1988 [1963], 1989 [1968]]), desloca a língua enquanto sistema abstrato para o uso desse sistema. Compreendida como a instância de mediação entre língua e fala, que instaura um eu/aqui/agora, a enunciação, na concepção desse estudioso da linguagem, seria colocar em funcionamento a língua por um ato individual de apropriação dela. Conforme Benveniste (1989 [1968]), esse ato insere aquele que fala em sua fala, faz com que a presença do locutor em sua enunciação instaure, em cada instância de discurso, um centro de referência interno. Em síntese, para Benveniste, a língua em uso expressa uma certa relação daquele que enuncia com o mundo, dado que o tempo em que se fala é o aqui/agora, e a instalação da *subjetividade* na/da linguagem instaura a categoria de pessoa, marca a relação eu/outro.

Influenciado por Benveniste, pensar o sujeito na linguagem é questão também para Ducrot (1987), como explicita Flores (2015). Autor da premissa de que a argumentação está na língua, as pesquisas de Ducrot sobre semântica argumentativa com foco em questões de enunciação colocam em evidência a representação do sentido no dito. Para esse autor, a interpretação de um enunciado é mediada pela presença de diferentes vozes, que dão, a partir de princípios argumentativos, a direção dessa interpretação. De acordo com Flores (2015), nessa posição teórica, portanto, é possível verificar, no sentido do enunciado, diferentes representações do sujeito da enunciação.

Essas visões mais formais da enunciação (algumas inferidas como a de Bally e a de Jakobson), não menos importantes dado o deslocamento que promoveram nos estudos da língua em uso, não funcionam como suporte teórico deste trabalho, mas acabam por constituir uma negociação do dizer com as quais outras vozes, dialógicas e discursivas, negociam. Vozes estas que ganham um destaque maior na alusão teórica proposta aqui e que passo agora a explicitá-las.

### 1.1.2 Bakhtin: uma visão dialógica da enunciação

A compreensão dialógica suscitada nos trabalhos do Círculo de Bakhtin (Medvedev, Volochinov) atravessa os mais diversos estudos da área da linguagem. Sejam eles semióticos,

literários, linguísticos, evocar o dialogismo bakhtiniano é pensar o lugar atribuído ao outro. Para Bakhtin (2003 [1979]), o estatuto desse outro não é o de uma interlocução face a face nem um duplo de si. Esse estatuto em Bakhtin é advindo de uma fronteira interior, que a interlocução do diálogo externo constitui. Explica-se essa fronteira como uma compreensão responsivamente ativa do enunciador com os outros discursos que já ecoam, antes mesmo dele dizer, e com imagem que faz do seu discurso para um outro que assume, dada a responsividade ativa, a posição de réplica suscitada pela voz anterior (vozes anteriores).

Para explicar esta dialogização interior do discurso proposta pelos estudos bakhtinianos, retomo a discussão dos gêneros do discurso e das formas de enunciação que irrompem desses gêneros, na medida que essas discussões ressoam, de modo geral, no diálogo que travo entre o material de estudo (*As memórias da Emília* enquanto enunciado) e a representação da relação eu/outro nesse material por meio das formas (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre) com as quais essa relação é marcada.

É o uso do sistema, indissociável do campo de atividade humana, ponto de partida de Mikhail Bakhtin (2003 [1979]) para discussão do sujeito na linguagem. Em oposição ao conceito de língua da linguística estrutural, que não articula história, sujeito e prática social, esse filósofo da linguagem toma a “fala concreta” enquanto objeto dos seus estudos. Para esse autor, “[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e das enunciações.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 136). Não negando o componente abstrato da língua, mas se distanciando de uma visão formal, estática e normativa para ela, esse filósofo da linguagem propõe uma perspectiva dialógica para a compreensão da linguagem que leva em consideração *os acontecimentos concretos, únicos, que são os enunciados*. Para Bakhtin (2003 [1979]), o princípio do dialogismo subjaz ao uso da língua. A relação de alteridade que constitui esse princípio antecipa o estabelecimento de uma linguística da enunciação, essa relação assume o outro como constitutivo do “eu”, passando o diálogo a ser a unidade fundamental da língua.

Nessa visão dialógica, o sujeito na linguagem é historicamente construído no discurso, visto que se realiza na interação de “[...] dois indivíduos socialmente organizados, mesmo que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor.” (FLORES, 2015, p. 49). Sujeito e sentido são mutáveis e construídos numa enunciação em que o outro é elemento intrínseco dessa construção. Para Bakhtin (2003 [1979]), o enunciado é a unidade real de comunicação discursiva e emerge dos mais diversos campos da atividade humana em que a língua, em usos únicos, se concretiza em forma de enunciados que

se ancoram num já-dito e abrem-se para a possibilidade de outras enunciações, em razão do princípio constitutivo de alternância que localiza um outro responsivo ativo no funcionamento de cada enunciado. Opõe-se à ideia de uma língua estática, homogênea e monológica a favor de uma perspectiva dialógica para o estudo da linguagem.

### 1.1.2.1 Dialogismo nos *gêneros do discurso*

Não é da agora que muitos estudos que se debruçam sobre o texto e sobre o discurso se deparam com a problemática de definição do que é o gênero. Sem pretensão de traçar um percurso de como esses estudos da linguagem – tais como: a linguística textual, a perspectiva interacionista sociodiscursiva, a análise do discurso, dentre outros –, conceituam essa problemática, retomo somente a discussão sobre a definição de gênero aludindo aos estudos de Bakhtin (2003 [1979]), por entender que, na base do conceito proposto, o enunciado é constitutivo, em razão de ser a unidade de comunicação discursiva. Unidade de interesse particular desta investigação, já que o que se propõe analisar é justamente *Memórias da Emília* enquanto enunciado.

No recorte da definição clássica de gênero do discurso, “(...) *tipos relativamente estáveis de enunciados.*” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262), uma problemática aparece suscitada: a de que os gêneros do discurso não são tipos rígidos de enunciados. Não são modelos fixos da língua. Para o autor, cada campo de utilização da língua elabora enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de um campo da atividade humana em que é produzido, reunindo conteúdo (temático), estilo da linguagem e construção composicional.

A definição de gênero do discurso nos estudos de Bakhtin (2003 [1979]) implica a relação sujeito/linguagem, implica o uso da linguagem que irrompe dos diversos campos da atividade humana em que o uso da língua se dá em forma de enunciados – sejam eles falados, sejam eles escritos –, concretos e únicos, o que significa dizer que, na elaboração de um enunciado, na elaboração do gênero, revitaliza-se a linguagem na interação verbal, ou seja, é o uso que se faz da linguagem no campo de atividade humana em que esse gênero irrompe.

Muitas são as formas de se utilizar da linguagem, porque muitos são os campos de atividade humana que a colocam em uso:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003 [1952-53], p. 262).

Nesse sentido, quando se enuncia, enuncia-se em gênero elaborado num dado campo de atividade humana. Esse gênero é construído numa complexidade que toma a *subjetividade* como princípio definidor dessa unidade, em que o caráter de alternância enunciativa, elementar na sua produção, une-se ao estilo, ao conteúdo temático e a construção composicional nas condições específicas e nas finalidades para elaboração de um dizer, o que deriva na zona *relativamente estável* do tipo enunciado. Isto é, o enunciado, unidade de manifestação do uso da língua num determinado campo de atividade, se diferencia de outros tipos de enunciados elaborados seja nesse mesmo campo, seja em outros campos da atividade humana, mas têm com esses campos, como diz Bakhtin (2003 [1979]), a natureza verbal comum: o linguístico.

Não querendo minimizar, com a explicação acima, a natureza complexa do enunciado, o que parece ressaltar da discussão de Bakhtin (2003 [1979]) em *Os gêneros do discurso* é a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos advinda da própria complexidade do enunciado. Complexidade que ganha forma quando, num campo de atividade humana, um sujeito coloca em uso a língua. Um estudo do gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana enfocaria a língua enquanto discurso, enquanto *integridade concreta e viva*, e não somente como sistema. Mesmo porque, conforme esse filósofo da linguagem,

As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros discursivos, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 283).

Formas da língua e formas de enunciado se constituem como indispensáveis no processo complexo que envolve a comunicação verbal num campo de atividade humana do qual irrompem os gêneros.

Dada a complexidade que envolve a natureza dos gêneros do discurso, para o autor, qualquer investigação que tenha como finalidade analisar uma materialidade linguística (na sua manifestação falada ou na sua manifestação escrita), e que leve em consideração essa natureza, operará “[...] inevitavelmente com enunciados concretos que estão relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.264). Uma das assertivas que se pode depreender dessa afirmação é a de que debruçar-se sobre uma materialidade enunciada é chegar às particularidades que a envolvem e a definem como um enunciado concreto.

Na língua viva, no uso dela por falantes que antecipam uma responsividade ativa nos enunciados que a realizam (concretos), pode-se perceber o intrínseco jogo dialógico presente

nos enunciados. Jogo que delimita, mas não limita, o dizer, dadas as condições e as finalidades do campo da atividade humana que refletem o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional em que o gênero enunciado irrompe.

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, não dissociados das condições e das finalidades, formam o que poderia dizer, sem querer sintetizar a complexidade que envolve o pensamento bakhtiniano a respeito do gênero, uma tríade da natureza que o constitui. É como se, na produção de uma comunicação, as condições e as finalidades no campo da atividade humana, juntamente com essa tríade, funcionassem como modo de “regular”<sup>3</sup> a produção desse dizer, que não se inicia nem se encerra nele mesmo, uma vez que já pressupõe o uso do sistema da língua pelo falante e os enunciados, seus e de outros, que antecedem o enunciado que será produzido e com os quais esse enunciado se relaciona (seja para polemizar, para concordar, para negociar ou mesmo para pressupor como já conhecidos do ouvinte). Esse processo complexo e amplamente ativo da comunicação humana demonstra como “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 272).

Diversos são os campos de atividade humana, diversos são os enunciados, gêneros, produzidos nesses campos, em que estilo, conteúdo temático e estrutura composicional se fundem na finalidade do dizer.

#### 1.1.2.2 Dialogismo no *enunciado*

Produzidos na relação entre sociedade e linguagem, os gêneros discursivos acabam por demonstrar essa relação entre a história da sociedade e a história da linguagem por meio de enunciados. Sendo eles tipos *relativamente estáveis de enunciados* é no uso da língua viva que se tem o seu acontecimento.

Língua viva, em que o enunciado concreto é a unidade real da comunicação discursiva, Bakhtin, na exposição que faz sobre enunciados, não opõe/distingue enunciação de enunciado, diferentemente do que ocorre na proposição de Benveniste, em que esses termos admitem significações distintas. Para esse filósofo, o princípio constitutivo que está na base do enunciado/enunciação é o princípio dialógico, que pressupõe o outro como intrínseco do discurso. Bakhtin (2003 [1979]) caracteriza essa *unidade real de comunicação discursiva* a partir das seguintes peculiaridades:

---

<sup>3</sup> Leia-se regular não como uma delimitação fixa que modelaria e engessaria o dizer, mas como formas de organização na composição da enunciação.

- i. *Alternância dos sujeitos do discurso.* Segundo Bakhtin, a comunicação discursiva é um processo complexo e amplamente ativo. Na direção contrária dos estudos que delegam ao ouvinte uma função secundária, passiva, na comunicação, no real da comunicação discursiva, o que se tem é uma ativa posição responsiva entre falante e ouvinte. Para o autor, “Toda compreensão da fala viva é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso) [...]” (2003 [1979], p. 271), o que coloca obrigatoriamente o ouvinte na posição de falante também. Para o autor, todo falante é um respondente, em maior ou menor grau, na medida que o que fala é construído na relação que trava com o sistema da língua e com enunciados anteriores (seus e alheios), ou seja, “[...] não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 272);
- ii. *Conclusibilidade.* Intrínseca à *alternância*, a conclusibilidade é definida como “Essa inteireza acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de resposta (ou compreensão responsiva) [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 280). Essa segunda peculiaridade está associada ao caráter de réplica do enunciado, instaurada quando ouvimos (lemos/vemos) o todo conclusivo do falante (escrevente) que gera uma possibilidade de resposta ao enunciado. Esse todo conclusivo é determinado por três elementos no todo orgânico do enunciado: o primeiro, a exauribilidade do objeto e do sentido<sup>4</sup>; o segundo, o projeto de discurso do falante<sup>5</sup>; o terceiro, as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento<sup>6</sup>;
- iii. *A relação do enunciado com o enunciador e com os outros parceiros da comunicação.* O primeiro, correspondente à entonação expressiva, “É o elemento

---

<sup>4</sup> Essa exauribilidade é profundamente diversa nos diferentes campos de comunicação discursiva. Quase extremamente plena em alguns desses campos, como o das ordens militares, em que “Os gêneros do discurso são de natureza sumamente padronizada e o elemento criativo está ausente quase por completo.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 281), em outros, ocorre uma relativa conclusibilidade, como no da criação artística, em que a exauribilidade se torna relativa, dada a inexauribilidade do objeto. O que acontece é um recorte do *tema* do enunciado, que ganha “uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida do autor*.” (id., *ibid.* – destaque do autor).

<sup>5</sup> Esse projeto diz respeito ao modo como “[...] abrangemos, interpretamos e sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante (...). Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 281– destaque do autor).

<sup>6</sup> Essas, para Bakhtin (2003), correspondem às formas estáveis *de gênero* do enunciado, correspondem à *escolha de um certo gênero de discurso* que realiza a vontade discursiva do falante (escrevente), escolha determinada por um dado campo da comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação concreta dessa comunicação, pela composição pessoal dos seus participantes e também pela intenção discursiva.

expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 289). Trata-se das peculiaridades estilístico-composicionais, ou seja, das escolhas dos recursos linguísticos e dos gêneros discursivos realizadas pelo falante (escrevente), que só ganham existência na interação com os enunciados individuais dos outros. “Quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo não há palavra.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 132). Quer dizer, a entonação expressiva só existe se a tomar como palavra dialógica, em que se faz escutar os ecos de outros enunciados, colocada a efeito pela expressão individual. Já a relação do enunciado com os outros parceiros da comunicação compreende a intrínseca relação com a alternância, com a conclusibilidade e com entonação expressiva. Trata-se do direcionamento, ou mesmo antecipação, daquele que constrói o enunciado, da compreensão responsiva ativa endereçada ao ouvinte, ou melhor, coloca em evidência a representação que esse falante faz do(s) seu(s) ouvinte(s), bem como das escolhas dos recursos linguísticos-composicionais para realizar o enunciado, a partir da representação que esse falante faz para si desse outro num dado campo da comunicação discursiva.

Bakhtin estabelece, também, uma oposição entre enunciado e oração. Algumas características marcariam a distinção entre esses dois elementos: o enunciado é uma unidade concreta da comunicação, a oração é uma unidade abstrata da língua; o enunciado pressupõe autoria, a oração não pressupõe; o enunciado pressupõe um acabamento específico (conclusibilidade), a oração apresenta acabamento gramatical por um único falante (escrevente); o enunciado tem a alternância como particularidade da comunicação, a oração tem a fronteira gramatical que não pressupõe o princípio de alternância; o enunciado pressupõe uma posição valorativa (uma expressividade) em relação à realidade, a oração é neutra.

Indissociável é o elo entre enunciados e gêneros. Estes, mesmo assumindo certa “padronização” na maneira como se mostrarão sob forma de enunciados concretos, estão longe de se constituírem sob o rigor de um modelo, em razão da própria natureza semelhante do gênero e dos enunciados, natureza de ordem da utilização concreta da língua.

### 1.1.2.3 Dialogismo nas *formas da enunciação*

São as formas do *discurso de outrem* que materializam a inscrição do outro nos enunciados. Compreendidas por Bakhtin (Volochínov) (2014 [1929-30]) como discurso citado, ou seja, como “[...] o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas [...], ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 150 – destaques do autor), é por meio de esquemas de transmissão desse discurso, e que admitem variantes, que o autor, numa menção à fronteira entre gramática e estilística, que o autor descreve esses esquemas como discurso direto, discurso indireto e as variantes desses discursos.

Esses esquemas, para Bakhtin (Volochínov), estão longe de traduzirem, de maneira direta e imediata, as tendências e as formas da apreensão ativa e apreciativa da enunciação de outrem. Ainda segundo o autor, “Esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso do outrem.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 153), o que significa dizer que seu funcionamento é dado pelas condições de transmissão e de suas finalidades, pela relação dialógica constitutiva do dizer. O diálogo, a língua enquanto reflexo das relações sociais estáveis dos falantes, as condições de transmissão e suas finalidades atuam na composição desses esquemas. Na visão do autor, no quadro do discurso interior a apreensão apreciativa da enunciação de outrem – orientação ativa do falante – tem sua expressão, que se opera em dois planos: no do comentário efetivo e no da réplica que produz.

Como comentário efetivo entende-se a apreensão apreciativa da enunciação de outrem, que, já se constituindo em caráter de réplica, objetiva-se no contexto narrativo que engloba o discurso citado. Nessa inter-relação entre comentário efetivo e réplica é que Bakhtin (Volochínov) chama atenção para o contexto narrativo, já que, quando um falante enuncia o que se reflete nessa enunciação é “[...] a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 154), em outras palavras, no uso da língua, o falante cita o dizer alheio ou desloca esse dizer para um esquema de infiltração das entoações próprias a ele no discurso de outrem.

Nessa esteira entre discurso citado e contexto narrativo, Bakhtin (Volochínov) diferencia, a partir da apreensão apreciativa da enunciação, dois estilos da linguagem: o linear e o pictórico. O primeiro é marcado pela tendência de “[...] criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 156), de outra maneira, haveria uma homogeneidade estilística entre a enunciação produzida e outras que a

atravessam. Já, no segundo, a tendência é “[...] atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 156). Nesse estilo, o contexto narrativo absorve o discurso citado e acaba por apagar suas fronteiras. Dito de outro modo, “A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 156). Nesse tipo de estilo, dado o esforço de desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, observa-se uma variedade de tipos de esquemas que apagam as fronteiras do discurso citado, ou, ainda, pode o discurso citado acabar por dissolver o contexto narrativo.

Sobre os esquemas que caracterizam o discurso citado e o discurso narrativo, Bakhtin (Volochínov) (2014 [1929-30]) acentua que cada esquema só se realiza por uma variante. São os esquemas de discurso indireto e de discurso direto e as variantes desses esquemas, bem como do discurso indireto livre, que caracterizam o outro no dizer. Não farei, aqui, uma descrição detalhada dessas formas, uma vez que as retomarei à frente, ao tratar da apropriação que farei de Authier-Revuz (2004). Menciono, apenas, algumas delas descritas a partir da visão de Bakhtin (Volochínov).

Conforme Bakhtin (Volochínov), o discurso indireto apresenta tendência analítica, dado que “[...] ouve de forma diferente o discurso de outrem.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 165). Esse tipo de discurso, que transpõe uma enunciação a partir do dizer do outro, “[...] implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 165). Essa enunciação de outrem pode ser apreendida na variante de: i. *discurso indireto analisador do conteúdo*, que diz respeito à transposição do que disse o falante no plano meramente temático; ii. *discurso indireto analisador da expressão*, que diz respeito à transposição não só do objeto (plano temático), uma vez que as palavras e as maneiras de dizer do próprio falante integram a transposição do discurso do outrem. Segundo Bakhtin (Volochínov) (2014 [1929-30]), em russo, pode se ter, ainda, uma terceira variante do discurso indireto: a *impressionista*. Essa variante, que corresponde à transmissão do discurso interior, dos pensamentos e sentimentos da personagem, “[...] se encontra a meio caminho da variante analisadora do conteúdo e da variante analisadora da expressão.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 171).

Em relação ao discurso direto, é num recorte para as variantes que efetuam uma troca de entoações que Bakhtin (Volochínov) descreve esse esquema. A primeira variante corresponde à do *discurso direto preparado*, o discurso direto emergindo do indireto e também do indireto livre. A segunda variante corresponde à do *discurso direto esvaziado*, em que o “[...] contexto narrativo é construído de tal forma que a caracterização objetiva do herói, feita pelo

autor, lança espessas sombras sobre o seu discurso direto.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 173). A terceira variante à do *discurso citado antecipado e disseminado*, em que o discurso citado é conduzido pela ótica do herói no discurso direto que esse produz. Nessa variante, “[...] toda a narrativa poderia ser posta entre aspas como se fosse de um ‘narrador’, embora isso não seja marcado temática ou composicionalmente.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 173). Por fim, a quarta, e última, variante corresponde ao *discurso direto retórico*, tida por Bakhtin (Volochínov) como a mais importante das variantes de estilo linear e caracterizada pelo valor “persuasivo” elementar dessa forma.

No que diz respeito ao discurso indireto livre, este esquema é compreendido por Bakhtin (Volochínov) como uma combinação das entoações da personagem (empatia) e das entoações do autor (distanciamento) dentro dos limites de uma mesma e única construção linguística. Para o autor, no discurso indireto livre, identifica-se a palavra citada não só pelo sentido, mas principalmente pelas entoações e pelas acentuações próprias do herói, pela orientação apreciativa do discurso.

Assim, “[...] o destino da palavra é o da sociedade que fala.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 202). A palavra só existe na circulação dialógica e as formas de transmissão do discurso de outrem funcionam como esquemas que explicitam como “[...] a língua, numa ou noutra época do seu desenvolvimento, apreende a palavra de outrem e a personalidade do falante.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014 [1929-30], p. 201). Dito de outro modo, as formas da enunciação e apreensão da personalidade do falante na língua refletem as formas sociais da interação verbal, da comunicação ideológica verbal das quais as formas de enunciação emergem.

Em síntese, o que se observa nas peculiaridades que constituem os gêneros, o enunciado e as formas é que instauram um todo complexo no discurso. Marcam o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica. Relembre-se que, diferentemente do que ocorre no pensamento benvenisteano, nessa perspectiva, o outro é constitutivo do discurso, produzido no seu interior, no diálogo interno desse com os outros discursos, que já ecoam, e com as réplicas que eles suscitam (outro-interlocutor), já que a enunciação pressupõe uma responsividade ativa que coloca aquele que ouve/fala (escreve) sempre em resposta a outros discursos, ao mesmo tempo em que antecipa a réplica para esse dizer.

Essa contextualização da natureza dialógica que envolve a enunciação dá uma dimensão da natureza dos gêneros do discurso, do enunciado e das formas de remissão ao discurso de outrem. Essa natureza dialógica da linguagem é um dos alicerces da presente investigação, mas com distanciamento quanto ao outro bakhtiniano. Nos estudos da Authier-Revuz, em que esta

investigação primordialmente se apoia, o outro não se dá numa dimensão consciente da linguagem, mas na ilusão dessa consciência. Nesse sentido, o dialogismo bakhtiniano, um dos tripés epistemológicos de sua postulação das heterogeneidades enunciativas, é deslocado por Authier-Revuz (2004). Deslocado, porque o estatuto do outro assume posição diferente nos estudos desses dois autores, já que, para Authier-Revuz, é o outro do inconsciente, do imprevisto do sentido, que está na base dessa postulação. O deslocamento se dá pelo fato de o outro suscitado por Bakhtin admitir uma previsibilidade do sentido construído (fonte consciente), quando, na antecipação da compreensão responsiva, “*Visando à compreensão de seu interlocutor, o locutor *íntegra*, [...] na produção de seu discurso, uma imagem do ‘*outro discurso*’, aquele que ele empresta a seu interlocutor.*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 42 – destaques da autora). O outro (interlocutor, discurso) de Bakhtin, *da réplica ainda não dita, mas solicitada e já prevista*, é sempre “o outro de um outro” (interlocutor, discurso), ou seja, não há outro do Outro (inconsciente). (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 44). Retomo essa discussão no tópico abaixo, ao abordar o quadro teórico com o qual este trabalho preferencialmente dialoga, com uma visão linguístico-discursiva da enunciação.

### 1.1.3 Authier-Revuz: uma visão linguístico-discursiva da enunciação

No trajeto de pensar o sujeito na linguagem, privilegio os estudos de Authier-Revuz (2004), que, no diálogo entre a posição da *língua como ordem própria*, mas sem desconsiderar a ordem do discurso, estabelece um olhar para as formas mostradas da língua que atribuem ao outro um lugar linguisticamente descritível – e que, particularmente, interessa para este trabalho, já que um dos objetivos específicos da presente investigação é descrever em que planos da complexidade enunciativa a relação eu/outro se mostra representada nos enunciados analisados. Para demonstrar esses planos, é central, na investigação, a noção de Representação de um Discurso-Outro (RDO), proposta pela autora para explicitar formas de abordagem do outro no fio do discurso.

#### 1.1.3.1 Bases teóricas da complexidade enunciativa

O outro é sempre representação. Representação que se mostra não como a imagem do mundo nem como o horizonte de verdade de um dito, mas como formas recuperáveis de sua presença *no fio do discurso*, instauradas pela circulação do locutor, que, enquanto ser no mundo, (se) representa e é representado no discurso.

É na contramão de abordagens teóricas pragmáticas, principalmente as de perspectivas comunicacionais, que Authier-Revuz (2004) localiza seus estudos. Define-os como: “[...] corrente ‘enunciativa no sentido estrito’, ‘neo-estruturalista’, **que parte** – nesse campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores – **das formas de língua.**” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 16 – destaques da autora). Parte do campo heterogêneo e das formas da língua para discutir o que caracterizou como heterogeneidade mostrada e como heterogeneidade constitutiva, destacando a diferença de estatuto entre elas nos seus estudos. Conforme Authier-Revuz (2004), essas heterogeneidades tratam de *realidades* distintas, na medida em que a primeira inscreve o outro *no* discurso e a segunda o entende como constitutivo *do* discurso. Mas não se trata de uma situação de espelhamento das heterogeneidades, como se uma representasse a outra, mesmo porque a heterogeneidade constitutiva, para ela, é princípio que fundamenta a natureza da linguagem. (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Ao se debruçar sobre as formas de heterogeneidade mostrada – formas da língua como os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos, que funcionam como sinais, na língua, que explicitam o outro no discurso –, a autora descreve os diversos tipos de “negociação” do sujeito com o que é constitutivo do (seu) dizer. O sujeito, para ela, é uma ancoragem no exterior do linguístico necessária para a descrição linguística de tais formas.

O “tripé teórico” em que Authier-Revuz (2004) se assenta para identificar, inventariar, classificar e descrever as formas de heterogeneidade mostrada é: (1) o dialogismo do círculo de Bakhtin; (2) a psicanálise lacaniana, na releitura que Lacan faz dos estudos de Freud, que destitui a ideia de um sujeito centro do dizer; e (3) a noção de interdiscurso de Pêcheux, que corrobora a discussão da representação de um imaginário sobre a linguagem posto em circulação pelo locutor.

Embora reconheça que a heterogeneidade na constituição do *outro* no dialogismo e na psicanálise sejam de natureza distintas, Authier-Revuz evoca-os para entender como o locutor, na ilusão de ser fonte consciente de um sentido que ele traduz nas palavras de uma língua, mostra a presença das “palavras dos outros” no discurso e assim se mostra.

Da primeira ancoragem, a autora recupera a orientação dialógica constitutiva do discurso na palavra que, quando enunciada, enuncia-se e faz ouvir uma polifonia *acentuada de ponta a ponta*, uma polifonia que ecoa nas vozes os acentos sociais de orientação contraditória. (AUTHIER-REVUZ, 2004). Recupera, como ela acentua:

- i. o uso da língua. No sentido de esta “[...] só se realizar atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam uma às outras em um jogo inevitável de *fronteiras* e de *interferências*;” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68).
- ii. a não neutralidade das palavras. “[...] elas são todas “habitadas” pelos discursos em que viveram “sua vida de palavras”, e o discurso se constitui, pois, por um *encaminhamento dialógico*, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos...pelo “*meio*” dos outros discursos;” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68).
- iii. os outros discursos. “Entre esses outros discursos, aquele que o locutor empresta ao interlocutor determina, através de um parâmetro dialógico específico, o processo dialógico de conjunto.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68 e 69).

Da segunda ancoragem, é a ideia de sujeito dividido, inconsciente, problematizada por Freud e retomada por Lacan, a questão de interesse da Authier-Revuz (2004) para descrição dos pontos de heterogeneidade que inscrevem o outro no discurso. A autora observa que, para Freud, a tarefa do analista, ao se voltar para o discurso ausente, para o apagamento de um dizer, é “[...] construir o que foi esquecido a partir de traços deixados por esses esquecimentos.” (FREUD apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50). Deslocando esse olhar do analista para os estudos da autora, trata-se aqui de recuperar, na polifonia que ecoa na linearidade de uma cadeia, as ressonâncias de um dizer. A polifonia, juntamente com a ruptura de um sujeito cartesiano, marca o discurso como não transparente, dada a singularidade do sujeito, que não é homogêneo nem exterior à linguagem; por isso, não é fonte consciente do sentido, antes representação da sua própria linguagem (AUTHIER-REVUZ, 2004). Na visão de Authier-Revuz (2004), a língua é condição do inconsciente e, assim, o sujeito é colocado como efeito de linguagem. Nas palavras da autora, “[...] *não há centro*, para o sujeito, *fora da ilusão* e do fantasma. Todo sujeito está sujeito ao fantasma, e a ilusão do centro é sua ‘tendência’.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 66 – destaques da autora). Desse modo, a noção de sujeito estruturalmente dividido, sujeito enquanto representação na/pela linguagem, é outro ponto de interesse da autora para descrever as formas explícitas de heterogeneidade, formas que implicam, para ela, diferentes modos de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.

Da terceira ancoragem, o domínio do interdiscurso e do sujeito do inconsciente, segundo a leitura que Authier-Revuz (2004) faz de Pêcheux, constituiria o “exterior” de apoio para o estudo enunciativo que ela propõe. Assinala-se que, das ideias de Pêcheux, o que a autora

desloca é a questão do imaginário, mas não compreendido pela noção de *forma-sujeito* formulada pelo autor, a partir da concepção de *interpelação* de Althusser, em virtude de, na visão dela, reduz o sujeito ao imaginário. Para Authier-Revuz (2004), o imaginário também é construído por uma ilusão de centro de que é preciso desconfiar. Na visão da pesquisadora:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Ainda sobre os fundamentos da proposta de Authier-Revuz para se conceber o outro como condição constitutiva do discurso, assim como esse outro não tem o mesmo estatuto para Bakhtin e para Lacan, do mesmo modo o *já-dito*, que preexiste ao sujeito e ao discurso, tem raízes teóricas diferentes para Bakhtin e para Pêcheux. Quando Pêcheux, na terceira fase da análise do discurso, realiza os deslocamentos do heterogêneo na linguagem não foi ao dialogismo bakhtiniano que ele recorreu. O trajeto percorrido pelo autor busca apoio numa teoria do discurso e do interdiscurso como lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 17). Não é pretensão de Authier-Revuz articular o pensamento desses autores de modo a forçar uma aproximação epistemológica; a autora se serve apenas dos pontos de heterogeneidade teórica de cada teoria para pensar a complexidade enunciativa que envolve a língua.

As abordagens exteriores à Linguística juntamente com a propriedade reflexiva da língua são pontos de partida para se compreender o funcionamento da enunciação e da produção de sentido, melhor dizendo, para se compreenderem “[...] as formas de representação da enunciação, com as quais os enunciadores espontaneamente duplicam, às vezes, no decorrer do discurso, a enunciação de um elemento.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 81). É essa configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa – uma auto-representação do dizer –, que a autora chama, também, de modalização autonímica enunciativa, que consagra suas pesquisas.

Esta complexidade enunciativa elucidada por Authier-Revuz (2004) orienta o olhar para proposto neste trabalho, em que o interesse se fixa por mostrar como a relação eu/outro é representada linguisticamente nos enunciados analisados. São as formas de inscrição do outro no fio do discurso, descritas pela autora, que explicitam essa relação. Mostram essa complexidade que passo a especificar na subseção seguinte.

### 1.1.3.2 Complexidade enunciativa: modalização autonímica

No campo de estudos sobre a propriedade de flexibilidade da linguagem, na capacidade que ela tem de ser sua própria metalinguagem, é que se inscreve a pesquisa sobre modalização autonímica proposta pela Authier-Revuz (1998, 2004). Essa modalização, que trata da duplicação de uma enunciação, é pensada a partir de um campo aberto por Rey-Debove. Esta autora trata especificamente da descrição semiótico-linguística a respeito das formas de metalinguagem natural, representadas pelo que essa autora chamou de conotação autonímica – estrutura complexa em que a “menção” duplica o “uso” que é feito da palavra. Essa menção que duplica o uso é deslocada por Authier-Revuz de um ponto de vista semiótico para um ponto de vista enunciativo, com o propósito de repensar a heterogeneidade posta nas discussões que remeteram à articulação língua e fala e, portanto, possibilitaram uma redefinição do sujeito e do sentido na linguagem.

Na discussão sobre modalizar um dizer, a autora empreende uma explicação sobre o signo-padrão e o signo autônomo. O primeiro, identificado como estrutura semiótica simples, representa o signo dotado de significante e de significado, remete a um elemento do mundo, nomeia. Já o segundo é identificado como estrutura semiótica complexa, em que o significado ao qual está associado o significante é o próprio signo, remete, como referente, à própria palavra. Assim, na menção ao signo, mostra-se a palavra.

Para Authier-Revuz (1998), a autonímia diz respeito à possibilidade de os signos serem usados para se remeterem a si próprios. Sua existência “[...] é capital para o exercício da ‘função metalinguística’ [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 137). Dotada de propriedades que a singularizam, a autora observa que, independentemente da categoria gramatical que circunscreva o signo-padrão, “[...] o signo autônomo correspondente é um *substantivo no singular*, passível de ocupar uma função-sujeito [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 138 – destaque da autora). Outra propriedade destacada pela autora é que a autonímia dispensa sinônimos, ou melhor, não os possui, em razão de já conter no signo a própria referência à palavra, ou seja, o seu significante em seu significado.

Essa oposição, gerada pelas características que correspondem ao signo padrão e ao autônomo, uso e menção, respectivamente, admite também outra estrutura complexa que reúne uso e menção. Para Authier-Revuz (1998), essa complexidade é asseverada quando o enunciador, ao usar um elemento padrão, acrescenta ao uso desse elemento um retorno a esse uso, um “[...] comentário reflexivo no qual intervém a menção ao elemento X visto como

palavra [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 141), ao qual a autora denomina como modalização autonímica.

Partindo do fato de que “[...] o locutor faz uso das palavras inscritas no fio de seu discurso (sem a ruptura própria à autonímia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra.” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 92), a autora inscreve a modalização autonímica como forma de auto-representação reflexiva, opacificante, do dizer. Essa modalização, compreendida como um desdobramento enunciativo de um modo de dizer, observável numa cadeia – por isso reflexiva e opacificante – funcionaria como pontos de heterogeneidade, formas de se perceber a alteridade no discurso, a partir da duplicação/menção do uso de um termo, que questiona o caráter absoluto vinculado ao uso-padrão das palavras.

Para especificar essa reflexibilidade do dizer sobre ele mesmo, a autora propõe três pontos que singularizam essas formas metaenunciativas. O primeiro seriam as *formas isoláveis* na cadeia, definidas como “[...] a propriedade de referir a um segmento dado da cadeia [...]” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82). O segundo seriam as “[...] formas *estritamente reflexivas*, que correspondem ao desdobramento, no âmbito de um ato único de enunciação, do dizer de um elemento por um comentário ‘simultâneo’ – nos limites da linearidade – desse dizer.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82). Por fim, o terceiro seriam as “[...] formas *opacificantes* da representação do dizer, em que o elemento de enunciação, ao qual elas se referem, é um fragmento de cadeia associando significado e significante – bloqueando a sinonímia – e não somente um conteúdo que poderia ter um sinônimo [...]” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82 – destaque da autora).

Sobre esse conjunto de formas, seu funcionamento se organizaria por tipos de não-coincidências do dizer. Essas não-coincidências são explicadas pela autora como *negociação* obrigatória do sujeito falante com as heterogeneidades que o constituem e que alteram localmente o (seu) dizer:

Dito de outro modo, o sujeito, movido pela ilusão de ser o centro de sua enunciação e, ao mesmo tempo, impossibilitado de escapar da heterogeneidade que o constitui, abre em seu discurso espaço para o *não um*, por um processo que procura mostrar “como homogêneo o que é heterogêneo em sua essência” (FLORES, 2015, p. 83).

A autora assinala quatro tipos de não-coincidências do dizer: (i) não-coincidência *interlocutiva*; (ii) não-coincidência *do discurso consigo mesmo*; (iii) não-coincidência *entre as palavras e as coisas*; e (iv) não-coincidência *das palavras consigo mesmas*. Essas *não-coincidências* representam as imagens dadas pelos enunciadores da negociação que eles fazem

em seu dizer e que nada diz respeito a um “[...] reflexo exato que dá acesso diretamente ao real da enunciação.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 21). O que se teria são hipóteses teóricas sobre este funcionamento real afetado por essas imagens.

A *interlocutiva*, relacionada à perspectiva pós-freudiana de sujeito, refere-se à não partilha imediata ou absoluta de um elemento pelos dois protagonistas da enunciação. A *do discurso consigo mesmo*, em referência ao dialogismo bakhtiniano, baseia-se na ideia de que todo discurso faz parte de um já-dito, toda palavra já é habitada pelo discurso outro, um outro que lhe é constitutivo. Baseia-se, também, na teorização sobre o interdiscurso, desenvolvida por Pêcheux, segundo a qual o que se fala, aqui e agora antes e independentemente, ressoa a algo já-dito em outro lugar. Aquela *entre as palavras e as coisas* corresponde à produção da “palavra exata”, plenamente adequada à coisa. Por fim, a *das palavras com elas mesmas* diz respeito à dimensão de equívoco do dizer, o “[...] encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 25). Ao inventariar essas formas de não-coincidência, Authier-Revuz (2004) demonstra que “[...] o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 17).

Para descrever as formas de inscrição do outro no discurso, a autora situa sua reflexão na *Representação de um Discurso-Outro* (RDO). Distingue e agrupa, então, essas formas nos seguinte níveis: (a) o das formas marcadas, unívocas, representadas (i) pelas formas de discurso direto (DD), (ii) pelas formas de discurso indireto (DI), (iii) pela modalização em discurso segundo sobre o conteúdo e (iv) pela modalização em discurso segundo sobre as palavras; (b) o das formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo, representadas pelo conjunto de aspas, itálicos e entonação de modalização autonímica, que referenciam um outro discurso; e (c) o das formas puramente interpretativas, representadas (i) pelos discurso direto livre (DDL) e indireto livre (DIL) e (ii) por citações escondidas, alusões e reminiscências. Sobre o funcionamento dessas formas em relação ao discurso relatado, ou seja, em relação ao discurso direto e ao discurso indireto, o que ele relataria é um ato de enunciação (E)<sup>7</sup>, definido por um par de interlocutores (L/R), uma situação (SIT), com seu tempo e seu lugar e, entre a infinidade de dados referenciais, um acontecimento particular representado por um outro ato de enunciação (e) que é objeto da mensagem (M) de (E). Nesse funcionamento, o ato de

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, sempre que nos referirmos a um ato de enunciação (E) e a um outro (e), tomo as notações (abreviaturas) correspondentes ao funcionamento dessas enunciações descrito por Authier-Revuz (2004), só que entre parênteses. Por exemplo: (E) (L), (R), (SIT), (M) e (e), (l), (r), (sit), (m). Ressalte-se que, em citação direta, manteremos a marcação da autora citada.



Aproveito, ainda, para explicar que, neste trabalho, quando faço referência a *papéis enunciativos*, retomo a relação dialógica que envolve os interlocutores, na qual aquele que enuncia se mostra e representa o outro numa alternância de papéis intrínseca ao dialogismo próprio do uso da língua em seu modo de enunciação escrito – escrevente / leitor / falante / ouvinte – já que partimos de uma constituição heterogênea da escrita em que a recuperação de elementos de práticas de oralidade e de letramento é possível no próprio produto escrito. Em relação aos *planos de enunciação*, esses se caracterizam como formas de inscrição do outro em diferentes modos de dizer, uma vez que um mesmo enunciado, visto a partir da enunciação, além de assumir diferentes configurações de inscrição do outro, ou seja, diferentes representações a depender daquele que enuncia, permite a recuperação, em sua superfície discursiva, de diferentes enunciados em um mesmo enunciado.

Dessa forma, são as formas de modalização de um discurso que inscreve o outro no *fio do discurso*, a partir de uma não-coincidência da linguagem, que nos permite olhar para os enunciados analisados neste trabalho. Isso não significa que se está a prever as formas que marcam esse outro nos enunciados e sim que se toma essas formas como direção de como observar esses enunciados. Específico um pouco mais essas formas de inscrição do outro na subseção seguinte.

### 1.1.3.3 Complexidade enunciativa: descrição da Representação de um Discurso-Outro (RDO)

Iniciando pelas formas de representação do discurso relatado (DR)<sup>8</sup>, formas que derivam da oposição semiótica uso/menção e que marcam os modos de representação de um discurso outro no discurso, elas são descritas como formas unívocas categorizadas pelo DD e pelo DI que, segundo Authier-Revuz (2004), instauram no plano da frase um outro ato de enunciação. No primeiro, o locutor se apresenta como “porta-voz” da enunciação e, no segundo, se mostra como tradutor, que, ao fazer uso de suas próprias palavras, “[...] remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Este campo do DR, nos estudos da tradição gramatical, tem seu funcionamento descrito como “simples” (para o DD) e derivável desse para a composição do DI, o que, na leitura que Authier-Revuz (1998) faz desse campo, cria uma série de equívocos. Para a autora, o funcionamento do DD é relativamente bem mais complexo do que o do DI, e este não é

---

<sup>8</sup> A partir deste momento, toda vez que remetermos às formas de inscrição do outro no discurso, marcadas ou puramente interpretativas, elas serão referenciadas a partir das siglas que lhes correspondem. Por exemplo, para as formas marcadas: DD (discurso direto), DI (discurso indireto), MDS (modalização em discurso segundo); para as não marcadas: DIL (discurso indireto livre), DDL (discurso direto livre) e assim por diante.

derivável do DD, já que, na base de constituição/referência ao discurso outro, o que se tem é uma reformulação-tradução pelo locutor. Ao problematizar as afirmativas do campo do DR no eixo da tradição, a autora mostra a insuficiência da “vulgata” desse campo do DR.

Numa descrição das formas do DR no sentido estrito que Authier-Revuz (1998) ressalta a derivação dessas formas, como já mencionado, da oposição signo-padrão/signo-autônomo, ou seja, uso/menção. Com efeito, no DI, “[...] o enunciador relata um outro ato de enunciação e usando suas próprias palavras, pelas quais ele reformula as palavras de outra mensagem: o modo semiótico do DI é, de maneira homogênea, o modo-padrão.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139 – destaques da autora). Já no DD,

O enunciador relata um outro ato de enunciação e, usando suas próprias palavras na descrição que faz da situação de enunciação e (quem fala, a quem, quando ... ?), ou seja, naquilo que chamamos sintagma introdutor, mas faz menção às palavras da mensagem que relata; o modo semiótico do DD é, assim, heterogêneo: padrão no sintagma introdutor, ele é autônomo na parte “citada”, isto é, mostrada. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139 – destaques da autora).

A implicação dessa definição é a de que o DD, enquanto modo semiótico autônomo, oferece uma estrutura sintática particular, que não rompe a gramaticalidade da frase e que não admite substituição por sinonímia, já que a mensagem “mostrada” é dada em sua materialidade significante. Inscreve-se na contramão o DI, que, tido como uma frase “normal” na estrutura da língua, ao enunciar um conteúdo, “[...] obedece a todas as coerções e restrições de combinação da gramática na língua.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139).

Interpretando Authier-Revuz (1998), em relação ao funcionamento das formas de inscrição do outro pelo DR em sentido estrito, relatar um *outro* ato de enunciação (e) – este objeto de (M) –, é supor que (E) não coincide com (e), o que implica locutor, interlocutor, tempo, lugar, situação e mensagem distintos no ato enunciativo, o que marca aí uma fronteira da inscrição desse *outro*. Nesse caráter de suposição, na visão da autora, o que se forma em (e) é outro ato de enunciação, que deriva daquele que já está acontecendo, uma moldura (interna) do campo do DR.

Sobre a questão do sentido implicada no DR, este é atribuído pela situação particular de enunciação, que não se deve confundir, na explicação dada pela Authier-Revuz (1998), com o significado, descritível no interior do sistema da língua, de uma frase. Para a autora, os sentidos irrompem na enunciação e “[...] o que caracteriza todo DR (DD ou DI) é que a situação de enunciação e na qual e através da qual a mensagem m de e ganha sentido não é um dado de fato, como em um ato de fala ordinário, mas está presente apenas pela descrição que L faz dela

em M.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 148). Portanto, por mais minuciosa que seja a descrição da situação de enunciação dada por (L) no sintagma introdutor, não há no DR uma restituição fiel de outro ato de enunciação que ele tenha como objeto – o que, na explicação da pesquisadora, desconstrói a ideia de um DD objetivo e fiel. Antes, o que opera nessa forma é uma estrutura heterogênea, interpretável a partir da posição enunciativa do (L) sobre a (m) do (e), inevitavelmente, parcial e subjetiva.

Ao explicar o DD como correspondendo a uma operação de citação da mensagem do ato relatado e o DI como uma operação de reformulação, “[...] isto é, de produção de um enunciado como tendo o mesmo sentido que a m do ato relatado.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 150). A autora acentua uma oposição entre essas duas formas de DR: o DD, como estrutura heterogênea, excepcional na língua; o DI, como estrutura homogênea, da sintaxe normal da língua. Ainda segundo a estudiosa, esta oposição nos planos da língua é marcada:

a) no estatuto semiótico: (L) do DD é porta-voz da (m) produzida no (e), usa as palavras como suas, produzindo uma ficção de apagamento. Já no DI, L reformula (m) com suas próprias palavras, coloca-se como um tradutor da (m);

b) na estrutura sintática: duas construções se assumem no DD quando (L) enuncia – a de presença e a de apagamento de um dizer. No DI, uma única construção, que corresponde a uma frase normal da língua, dita de um outro modo pelo (L), em que, conforme Authier-Revuz (1998), é o sentido e não necessariamente uma forma sintática particular que leva ao reconhecimento desse funcionamento;

c) na modalidade de enunciação: no DD, há uma intercalação de modalização de enunciação de uma (M) que relata outra (m). No DI, uma só modalidade de enunciação – a de (M) – escolhida por (L);

d) no quadro de indicações dêiticas: no DD, os elementos dêiticos que figuram no sintagma introdutor estão por ser interpretados em função da situação do (E), em que o *eu* remete a (L), o *tu* remete a (R) e o *aqui, agora* remetem a situação (SIT), “[...] ou seja, no interior das aspas, na parte citada, os elementos dêiticos (cujo L não ‘usa’, apenas ‘menciona’, isto é, ‘mostra’) esperam ser interpretados em função da situação e, relatada, e da imagem que é dada dela em sua cadeia, no sintagma introdutor.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 153). Trata-se do “[...] único caso na língua em que vários *eu* ou *você* ou *aqui* ou *agora* podem ter em uma única frase valores diferentes” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 153). Ao contrário do funcionamento de DD, no DI, o quadro de indicações dêiticas é o da situação efetiva de enunciação (E);

e) na designação por descrições definidas: no DD, “[...] as designações são escolhidas por L como adequadas à SIT e à R, nos sintagmas introdutores, e são, na parte mencionada, as escolhidas por I como adequadas à sit e à r. No DI, as designações são homogeneamente feitas em função de E.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 153);

f) nos elementos expressivos, exclamativos: na mesma oposição da dualidade e da unidade, no DD, os elementos se ligam à subjetividade de (L) no sintagma introdutor, e de (I) na (m) "mencionada". No DI, esses elementos são interpretados como emanados de (L).

Nos planos da língua, o que se tem, de fato, é um funcionamento do DR marcado pela heterogeneidade em DD e pela homogeneidade em DI. Operam-se formas avaliativas, neste último, por funcionar como uma reformulação-tradução de (m), nos termos de (L) em (E); para o primeiro, formas de maneiras de dizer próprias de (I) na situação (e), em que se assinala a dualidade. Essas formas que ilustram a heterogeneidade em DD e a homogeneização em DI podem vir manifestas no registro da língua, no estado de língua – entende-se, pela explicação da Authier-Revuz (1998), este último como uma tradução em língua contemporânea – e na avaliação, quer dizer, na operação manifesta de tradução da (m) por um (L).

Portanto, em DD tem-se um funcionamento dual em que (L), ao se colocar como portavoza da (E), mostra outro ato de enunciação (e) que o constitui. Em DI, o (L), ao assumir a posição de tradutor, interpreta um enunciado (m) com observação à situação de enunciação (e), e acaba por produzir “[...] um novo enunciado (M) que, levando em consideração a situação (E), será considerado por (L) como equivalente ao sentido interpretado.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 156). A autora ainda ilustra os casos particulares de manifestação do DR. O DD pode relatar atos de enunciação que ainda não aconteceram, ou antecipar seu acontecimento:

Convém registrar ainda que, mesmo no caso em que um DD relata um ato de enunciação acontecido anteriormente, não é raro que as palavras que L "mostra" sejam explicitamente caracterizadas ou implicitamente interpretáveis como aquelas palavras escolhidas por L como sendo as que resumem perfeitamente, dizendo a verdade, "sem disfarce", o conteúdo da mensagem de I, ou ainda, simplesmente traduzindo da língua de E como o fazem sistematicamente os jornais escritos e orais, citando, em DD, proposições dos políticos do mundo inteiro. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 157).

Já o DI corresponderia a uma *ilha textual*, elemento “[...] interpretável como tendo ‘resistido’ à tradução, e encontra-se ali enfatizado, carregado de uma atenção particular.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 157). A pesquisadora menciona também a forma de DI quase textual que implica na citação de uma (m) sem passar pela reformulação-tradução da nova situação (E), conservando as escolhas lexicais da (m) relatada:

[...] não é o caso de analisar o DI quase-textual como um DI "seguido de DD" ... : a parte entre aspas não é DD: o funcionamento dos dêiticos – calculados na situação E – o exclui dessa possibilidade; de fato, semioticamente, é uma "ilha textual" estendida até a dimensão de mensagem inteira que nos interessa (AUTHIER- REVUZ, 1998, p. 158).

Outra forma marcada de inscrição do *outro* no fio do discurso é a da *modalização em discurso segundo*, ou seja, forma cuja especificidade, conforme a autora, é a de modalizar pela referência a um outro discurso. Segundo a autora, de acordo com a incidência da modalização, dois conjuntos se formam: o que recai sobre o conteúdo da afirmação de (E), formas do tipo *segundo fulano*; e o que recai sobre o *emprego de uma palavra* tida como emprestada de um exterior, a exemplo: *como diria x*, o que Authier-Revuz (1998) chama de *modalização autonímica* (MA) em discurso segundo.

No DR, o signo-padrão/uso está para o modo semiótico assumido pelo DI e o signo-autonímico/menção está para modo semiótico assumido pelo DD. No caso da “ilha textual” em DI, o que se tem aí é uso com menção, que já caracteriza a modalização autonímica, de elementos integrados à frase “normal”.

Já *as formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo* corresponderiam a formas de modalização autonímica representadas por sinais tipográficos ou entoativos da oralidade, que se configuram como marcas que devem ser interpretadas como referência a um outro discurso.

Por fim, quanto às *formas puramente interpretativas* – o DDL, o DIL e as citações escondidas, alusões, reminiscências –, as duas primeiras formas são não marcadas, puramente interpretativas de representação de um outro ato de enunciação que só conseguem ser caracterizadas como DDL ou DIL em função do contexto discursivo e do situacional que orientam sua interpretação. O funcionamento do DDL seria como no funcionamento dos elementos dêiticos do DD: pessoa, tempo e lugar são descritos em razão do (e), o que significa dizer, “[...] que se pode considerar o DDL como um DD sem introdutor e sem marca tipográfica.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 160). No DIL, os dêiticos de pessoa seriam obrigatoriamente os de (E), reformulados em função de (L) e (R), como ocorre no DI, embora possam sofrer alteração com os dêiticos de tempo (verbais ou adverbiais), em razão do (L) reformular o dizer de (l) de (e). Dessa maneira, o DIL apresentaria uma situação mais complexa, em razão de, no plano dos elementos dêiticos, sofrer alteração nas maneiras de dizer de (l). Para a autora, “[...] o DIL não pode ser considerado como um ‘DI sem elemento introdutor’: comportando elementos expressivos, exclamativos, avaliativos, maneiras de dizer de 1, ele

aparece como uma forma original, bivocal, já que mistura elementos enunciativos de I e L.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 160). Em relação às citações escondidas, formas também puramente interpretativas, elas derivariam completamente de um “já-dito” colocado em evidência pelo reconhecimento do receptor desse outro lugar do dizer:

Na falta de marcas, uma alusão pode, é claro, não ser reconhecida; mas tal segmento pode também ser identificado, interpretado pelo receptor como vindo de outro lugar, eco de um outro discurso, fora de toda intenção do enunciador para o qual esse "já-dito" terá o estatuto não de alusão intencional, mas de reminiscência (ao qual ele poderá, aliás, em conflito sobre esse ponto com o receptor, denegar toda realidade) – isso nos levando, por um continuum, desde os fatos de representação do discurso outro no discurso (formas da heterogeneidade representada) até o fato da presença constitutiva de um outro lugar discursivo no discurso, independentemente da vontade e da consciência que o enunciador tenha disso (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.145).

Estas três formas – marcadas, marcadas interpretativas e puramente interpretativas – de inscrição do *outro* no discurso funcionam como pontos de heterogeneidades enunciativas. Heterogeneidades que inscrevem o outro no fio do discurso e que interessam, neste trabalho, como formas de se perceberem os planos enunciativos que irrompem de um ato de enunciação.

Como se pode observar, a autora faz “[...] uma descrição minuciosa das formas da língua que apontam para a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu dizer.” (FLORES, 2015, p. 84). Não é, porém, interesse de Authier-Revuz, das análises que faz sobre essas formas, verificar o extraverbal da constituição do sujeito e do discurso pelo outro, mesmo atuando na fronteira da Linguística com outros campos de conhecimentos – como quando mobiliza Bakhtin, Pêcheux e a psicanálise freudo-lacanianiana para elaborar o estudo da modalização autonímica. Operando nessa fronteira, a teoria enunciativa proposta por Authier-Revuz oferece “[...] uma descrição linguística que permite surpreender, no fio do discurso, a construção dos objetos discursivos, dos acontecimentos e dos lugares enunciativos, razão pela qual vem atraindo a atenção de estudiosos do discurso. (FLORES, 2015, p. 84).

Não se pode deixar de frisar que a heterogeneidade de que trata Authier-Revuz alude a toda forma de alteridade enunciativa e não somente à relação com outros discursos. É uma heterogeneidade que subjaz ao dizer, reinstaura nele um *outro* para circunscrever e afirmar o *um*. Essa heterogeneidade é fomentada também pela noção de um sujeito estruturalmente clivado, que não é fonte do seu dizer. É na recusa da ideia de um sujeito pleno, fonte intencional do sentido e de um sujeito reduzido ao imaginário que a autora, ao se apropriar da noção psicanalítica de sujeito, formula uma teoria que aborda o inconsciente na linguagem como parte da atividade enunciativa, sem reduzi-lo a um imaginário. Diante disso, as formas de

desdobramento metaenunciativo colocadas a efeito por um enunciador, na posição de ilusão de um controle sobre um dizer, funcionam como pontos privilegiados do imaginário na enunciação, já que elas mostram, de algum modo, a relação do sujeito com a linguagem, sem reduzi-lo à ilusão subjetiva plena (uma vez que a ilusão é parte da atividade enunciativa) nem reduzi-lo ao imaginário posto nessa ilusão.

No que diz respeito à presente investigação, o pensamento de Authier-Revuz particularmente interessa, já que se busca depreender, no fio do discurso, os planos com quais a relação eu/outro se mostra representada no dizer, ou seja, como dialogam com a subjetividade que marca o sujeito na linguagem.

As heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz, juntamente com o dialogismo de Bakhtin, ecoam na postulação de Corrêa (2004) de uma heterogeneidade constitutiva da escrita. A relação sujeito/linguagem, nessa postulação, se dá por um viés linguístico-discursivo, quando esse autor discute a circulação pela imagem que o escrevente faz da (sua) escrita na dialogia com o já falado/escrito. Segue-se a descrição do percurso dessa abordagem.

## 1.2 Heterogeneidade da escrita: um olhar para relação eu/outro

Sendo a heterogeneidade que envolve a linguagem o ponto de partida na compreensão como o sujeito se relaciona com a língua, tomo a heterogeneidade da escrita como apoio para entender a circulação daquele que enuncia pelas práticas de oralidade e de letramento que o cercam. O interesse é por mostrar com quais papéis enunciativos esse locutor se representa e representa outro, em razão da dialogia constitutiva para o dizer.

Numa abordagem discursiva para a compreensão da relação sujeito/linguagem que Corrêa (2004) formula a proposição da heterogeneidade da escrita. Heterogeneidade (re)pensada na desconstrução da ideia de que, no trabalho com escrita, o falado ali presente funcionaria como interferência da fala, como ponto de heterogeneidade **na** escrita, e não como constitutiva do ato de linguagem, proposta que baliza os seus estudos.

Para caracterizar a heterogeneidade da escrita, Corrêa (2004) percorre um vasto caminho de diálogos com os estudos de letramento, com a heterogeneidade mostrada e com aspecto dialógico fundamental no modo de constituição da escrita. Promove deslocamentos teóricos ao problematizar a ideia de escrita como representação do mundo ou do falado, assumindo a escrita “[...] como um tipo particular de enunciação na qual as relações com o mundo e com o falado se dão no próprio processo de escrever [...]” (CORRÊA, 2004, p. 232).

Dito de outro modo, na representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado na (sua) escrita.

O ponto de partida de seu estudo se assenta no questionamento (i) à suposta supremacia da escrita em detrimento da fala (uma visão autonomista da escrita), (ii) à (assim chamada) interferência da fala na escrita e, ainda, (iii) à proposta de um *continuum* tipológico nas relações entre práticas orais e práticas letradas (heterogeneidade na escrita) – já que dessas visões, de algum modo, resultarão como dicotomizantes as relações entre fala e escrita.

Explicitando um pouco mais a proposta de Corrêa (2004), na discussão sobre as relações entre oralidade e letramento, práticas sociais que inserem um modo oral/falado e letrado/escrito na constituição de um dizer, o autor defende a íntima relação entre um fato linguístico e uma prática social, explicita que “[...] os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas.” (CORRÊA, 2004, p.2). A proposição dessa íntima relação faz com que Corrêa (2004) recuse a dicotomia radical entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, tal como se vê em Goody, (1979) e em Olson (1977), admitindo-a, eventualmente, apenas como recurso metodológico, como o faz ao reinterpretar estudos de Tannen (1982), de Chafe (1982; 1985), de Biber (1988) e de Marcuschi (1995; 2001). Em direção contrária a uma concepção autonomista de escrita tal como defendida por autores que acentuam sua suposta dicotomia radical<sup>9</sup>, ainda que reconhecendo contribuições nas reflexões de teóricos como Goody e Olson, Corrêa (2004) distancia-se dessa posição que supervaloriza a escrita em detrimento da fala, para evocar a relação intrínseca, constitutiva, que envolve esses modos de enunciar. A heterogeneidade constitutiva da escrita é inspirada em ideias de Street (1984),

[...] explicitamente de um misto entre o oral e o letrado; de Tfouni (1994), que defende o letramento como “um processo, cuja natureza é sócio-histórica” (*op. cit.*, p. 50); de Abaurre (1989, 1990a, 1990b, 1994) e Abaurre *et. al.*, (s/d e 1995), especialmente em seus estudos de aquisição da escrita; de Silva (1991), ao tratar da escrita espontânea de crianças; e de Chacon (1998), que, desenvolvendo algumas hipóteses de Abaurre sobre aquisição da escrita, vê a organização do heterogêneo da linguagem por meio do ritmo da escrita. (CORRÊA, 2004, pp. 4; 5).

O autor conduz sua busca para a explicitação dessa heterogeneidade partindo primeiramente da ideia do material significante, gesto articulatório e gesto traduzido graficamente em ritmo da escrita, ou seja, gestos linguisticamente marcados no texto que

---

<sup>9</sup> Essa concepção sustenta-se na ideia de uma crescente autonomia da escrita em relação à fala, sob o argumento de que, na escrita, o dito prevalece resguardado, dado o caráter de abstração e de permanência no tempo/espaço que ela teria.

colocam em relevo a construção pelo escrevente das dimensões conversacionais e argumentativas do seu trânsito pela linguagem. Esse recurso está plasmado em estudos de Vygotsky sobre o que esse autor chama de “desenvolvimento pré-histórico” da escrita infantil, na medida em que “[...] os gestos ligam-se à origem dos signos escritos tanto no domínio dos ‘rabiscos das crianças’ como na esfera de atividade dos ‘jogos das crianças’.” (CORRÊA, 2004, p. 6).

A propósito, Corrêa (2004) destaca que Luria também já entrevia a ideia de material significativo, de “estímulos” ou “insinuações particulares” realizadas na escrita, entendida como “signo auxiliar”, ou seja, como signo cuja “[...] percepção leva a criança a recordar a ideia [...] a qual ele se refere.” (LURIA apud CORRÊA, 2004, p. 6). Ainda sobre o material significativo, a “escrita ritmicamente reprodutiva” – aquela baseada na diferenciação rítmica – mostraria o movimento da criança em perceber diferenciações semânticas no plano da expressão, ao marcar em linhas curtas e em linhas longas palavras e frases em rabiscos curtos e longos, respectivamente.

Aludindo à “escrita ritmicamente reprodutiva”, Corrêa, ao retomar os estudos de Abaurre (1991), menciona que essa autora vê o ritmo como traço essencial da escrita. O “gesto rítmico” se materializaria na escrita a partir de sinais gráficos materializados em três esferas significantes: o gesto; o material fônico-acústico (o ritmo); e o material gráfico. Haveria um “ritmo da escrita”, ideia posteriormente desenvolvida por Chacon (1998). Com efeito, ao analisar textos de vestibulandos, esse autor vê nos sinais de pontuação o ponto de partida de observação desse ritmo. Baseando-se em Meschonnic (1982), Chacon (1998) propõe a alternância como um dos traços fundamentais do ritmo na escrita. É no caráter da descontinuidade/continuidade do ritmo que ele destaca a relação fala/escrita nos textos, indiciada pela pontuação, que, em sua visão, funciona como recurso de interpretação para o texto e revela tentativas de reprodução da fala. Assim, “[...] se a escrita se caracteriza por ser rítmica é porque, em sua gênese, está ‘um reflexo do ritmo da frase pronunciada no ritmo do signo gráfico’.” (CHACON, 1998, p. 54). O que se percebe é que a ideia de “gesto rítmico” acentua a participação do sujeito ao colocar em representação os materiais significantes de que ele dispõe, ideia que contribui, de algum modo, para a recusa de uma dicotomia entre fala e escrita e um argumento forte para a heterogeneidade que constitui essa relação (CORRÊA, 2004).

Para defesa da heterogeneidade da escrita, esse autor parte da apreensão do imaginário sobre a escrita a partir de três eixos de representação: (1) o da gênese da escrita; (2) o do código escrito institucionalizado; e (3) o da dialogia com o já falado/escrito, que passo a descrever no

próximo tópico. Mas antes, recupero dois diálogos fundamentais do autor subjacentes à proposição desses três eixos. No primeiro diálogo, são os modos de inscrição do outro no discurso que interessam a Corrêa (2004), quando propõe a apreensão do imaginário sobre a escrita nos três eixos de (sua) representação. Na base dessa representação, encontra-se a imprescindível dialogia de um discurso com outro(s) discurso(s) que regula qualquer utilização da linguagem. Dito de outra forma, trata-se das negociações, constitutivas, do sujeito e do (seu) discurso com outros sujeitos e discursos, na medida em que “Essas negociações mostradas no texto escrito abrem a possibilidade de observar o aspecto dialógico constitutivo também dessa sua prática, ainda que nela atuando de um modo particular.” (CORRÊA, 2004, p. 230). Assim, “É, pois, pela mediação desse imaginário que se dá o ato de apropriação da escrita, evidenciando a dimensão dialógica de sua constituição como escrita.” (CORRÊA, 2004, p.235).

Na ideia do imaginário como representação, do *discurso como produto do interdiscurso* (AUTHIER-REVUZ, 2004), que Corrêa busca, no diálogo que o escrevente estabelece com o que representa como sua exterioridade, “[...] as pistas destacadas pela *heterogeneidade mostrada*, por meio das quais o próprio escrevente negocia com a *heterogeneidade que lhe é constitutiva*.” (CORRÊA, 2004, p. 231). Pistas que mostram as negociações seja com o *outro enunciador* no texto do escrevente, com a *língua*, com o *registro discursivo*, com o *leitor* entre outros. Para captar essas negociações, o autor adota um procedimento indiciário, já que o material linguístico, em sua visão, é tido como rastro, como pistas (de processos) deixadas no fio do discurso.

Encerrada a recuperação do primeiro diálogo subjacente à reflexão de Corrêa (2004), passo a um segundo diálogo também subjacente a essa reflexão: aquele com a dimensão dialógica constitutiva da linguagem. Referência a Bakhtin, o dialogismo funciona como elemento organizador da tese proposta por Corrêa (2004), já que o autor o assume como princípio de constituição da escrita. A suposição dos três eixos dialógicos que mostrariam a circulação do escrevente por seu imaginário sobre a escrita é, em si mesma, uma constituição dialógica da própria escrita, em razão de a escrita do escrevente já ser réplica de um diálogo, um ato não inaugural, em que o próprio escrevente dialoga com os outros sujeitos e discursos prévios e também antecipa uma responsividade ativa no modo de como dizer.

Para Corrêa (2004), a escrita supõe movimentos que a inscreve ora como uma suposta modalidade autônoma em relação à fala (a ilusão da autonomia da escrita, como já aludida nesta tese), ora como manifestação de práticas de letramento que a vinculam à pluralidade dessas práticas. É na recusa à primeira posição e assumindo a segunda que o autor propõe o caráter heterogêneo da escrita.

Essa heterogeneidade se assenta em quatro princípios: (1) o de que não há um único tipo de letramento, e sim letramentos, no plural (STREET, 1995; 2006); (2) o da relação entre as diferentes formas de escrita e as diferentes manifestações dos vários tipos de letramento; (3) o da circulação dessas manifestações em diferentes espaços sociais; e (4) o da não autonomia da escrita em relação à linguagem articulada (CORRÊA, 2010).

A heterogeneidade é compreendida pelo autor não como uma característica pontual e acessória da escrita, mas, sim, como interior a ela, constitutiva. Recusa, assim, a ideia de uma interferência exterior que produziria essa heterogeneidade, fruto do que ele chama de um esquecimento linguístico-pedagógico, que se ampara

[...] ora na ideia de que existem fatores sociais que determinam – do exterior – a presença do oral no escrito, ora em um princípio de adequação estilística que, como forma de atender às exigências da situação de comunicação – tida, também, como exterior ao texto –, determinaria o modo mais adequado de justificar a presença do oral no escrito na produção escrita dos alunos. (CORRÊA, 2001, p. 144).

Opõe-se também ao que chama de esquecimento propriamente linguístico da heterogeneidade da escrita, detectado, por exemplo, na ideia de pureza da escrita. Pureza que, na percepção do autor, projeta um ideal de escrita que não permite que se reconheça a presença do falado nela como um dado constitutivo de (sua) heterogeneidade. Para o autor, a desconsideração da relação falado/escrito na produção escrita resulta de um “[...] posicionamento que julga o **produto** escrito a partir de uma escrita idealizada, supostamente exemplificada nos grandes autores.” (CORRÊA, 2001, p. 147 – destaque do autor). Na visão de Corrêa, o que é curioso, e parece ter ficado no esquecimento, é que esses mesmos autores demonstram, em seus textos, um trabalho sofisticado com a heterogeneidade da escrita, e muitas vezes são considerados grandes justamente em razão do trabalho que fazem com essa heterogeneidade.

Em contraposição à denegação da heterogeneidade **da** escrita, posta pelos esquecimentos linguístico-pedagógico e propriamente linguístico – que levariam à ideia de uma heterogeneidade **na** escrita –, Corrêa defende a existência de três modos de reconhecimento da heterogeneidade que propõe. Tais modos funcionariam como pontos de alteridade da circulação do escrevente pelas representações sociais sobre a fala e sobre a escrita, bem como da alteridade da circulação dele com o já-dito. Metodologicamente, o autor distingue o primeiro como a circulação do escrevente pela ideia de gênese da escrita, o segundo como a circulação do escrevente com a representação do código escrito institucionalizado e o terceiro como a circulação do escrevente pela dialogia com o já falado/escrito.

No primeiro modo, o que está em pauta é a oscilação entre a representação dos sons que o escrevente produz em sua variedade linguística falada e a convenção ortográfica que a escola ensina. Localiza-se, pois, nessa oscilação, “[...] um modo de emergência da heterogeneidade da escrita já em seu aspecto ortográfico.” (CORRÊA, 2001, p. 150).

No segundo modo, o que está em evidência é a “[...] consideração da relação sujeito/linguagem, modo pelo qual o escrevente registra suas marcas linguístico-históricas na escrita.” (CORRÊA, 2001, p. 152). Aqui salienta-se o caráter da escrita como forma de registro que preserva a memória cultural de um povo e que, portanto, organiza os eventos linguísticos a partir da diversidade dessas memórias. Todavia, conforme Corrêa (2001), mesmo quando se reconhece a necessidade de valorização das várias histórias que marcam a constituição de um povo por meio da escrita, esta assume a posição de código e o texto de produto, sem atenção para o processo de suas produções. No final, a tentativa é sempre de alçamento daquele que enuncia ao que já é instituído para determinadas práticas com a escrita, ou seja, uma adequação do escrevente a certos modos legitimados de uso da língua e das convenções instituídas.

Por fim, o terceiro modo é tomado como móvel de toda a circulação do escrevente, seja com a representação que faz da gênese da escrita, seja com a representação do código institucionalizado, seja com a dialogia imaginada com a exterioridade que constitui o seu texto, a saber: outros textos, a própria língua, outros registros, outros enunciadores, o diálogo que, de algum modo, aparece representado no fio do discurso em razão da heterogeneidade que constitui o dizer. Não se pode esquecer que essa dialogia também se assume a partir de presumidos sociais, que, sendo condição para essa heterogeneidade,

[...] nunca podem ser transparentes, já que são... presumidos e, como tais, dão opacidade ao que se poderia querer como transparência. Do mesmo modo, nunca podem ser apenas pressupostos ou implícitos já que isto seria produzi-los como verbais e não como extraverbais. Por sua vez, a falta de algum elemento de natureza verbal pode indicar não propriamente uma falta, mas um lugar que marca uma presença: o de alguma relação intergenérica relevante para o escrevente, mas ainda não reconhecida para o gênero produzido. (CORRÊA, 2013, p.496).

Nessa circulação do escrevente, assim como nas demais, o que se tem é a representação que o escrevente faz dos sujeitos e dos discursos com os quais dialoga.

Específico um pouco mais esse terceiro eixo de circulação do escrevente – sobre a dialogia com o já falado/escrito –, por entender que ele, primordialmente, orienta a dimensão dialógica com a qual tomamos os enunciados analisados. Esse eixo está “[...] na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, na medida em que fornece ao

escrevente o fundamento de linguagem que lhe permite colocar-se em relação com o outro.” (CORRÊA, 2004, p. 237 e 238). É a dimensão dialógica, em caráter de representação, que levou a identificar com quais papéis enunciativos o locutor se mostra e mostra o seu interlocutor quando enuncia, uma vez que mostra como aquele que enuncia representa sua relação com o mundo e com o já falado (CORRÊA, 2004).

O eixo do *imaginário sobre a dialogia com o já falado/escrito* acaba, como exposto, reunindo a circulação dialógica dos outros dois eixos – o da suposta gênese da escrita e o do código institucionalizado –, por ser, ele mesmo, o eixo da dimensão dialógica de constituição da escrita. Corrêa justifica a razão de cada eixo pelo fato de que, de um ponto de vista metodológico, “[...] pouco se poderia ganhar reunindo, num único eixo, as remissões ao código institucionalizado e à gênese da escrita.” (CORRÊA, 2004, p. 236). Pelo contrário, muito se perderia “[...] se não pela desconsideração da diferença entre aqueles eixos e o da dialogia com o já falado/escrito, pela própria desconsideração da diferença daqueles dois eixos entre si.” (id., *ibid.*).

Três especificidades marcam este terceiro eixo de circulação. A primeira corresponde à dimensão dialógica como constitutiva da escrita. A segunda corresponde ao duplo papel representado por esse eixo: o de ser ele a dimensão dialógica que permite o movimento entre os outros dois eixos (marcando as aproximações ou, talvez, as fronteiras entre eles) e o de ser ele mesmo o eixo de circulação. A terceira corresponde à atribuição dos chamados “problemas de escrita” à falta de leitura, mas não de qualquer leitura, de certos tipos de leitura valorizados pela escola. Conforme o autor, parece haver um equívoco quanto a essa atribuição, já que, no âmbito de ensino, predominam concepções muito restritas de leitura e de escrita: “É a produção (e não a falta) de leitura (de vários tipos) que agrega dificuldades no momento da textualização pela escrita.” (CORRÊA, 2004, p. 239). Segundo o autor, expressões como interferência da oralidade, reprodução de modelos e falta de leitura são mais bem definidas como sintomas da falta de reconhecimento e de compreensão da relação que o sujeito mantém com a linguagem no processo de sua constituição como escrevente-leitor.

A exposição de características deste terceiro eixo pretende dar conta da imagem que o escrevente faz da dialogia com o já falado/escrito. Trata-se “[...] de localizar e explicar as representações do escrevente acerca de outros textos, outros interlocutores, outros registros discursivos, [...] fatores relacionados com a imagem que o escrevente faz de si mesmo, de seu interlocutor e da própria escrita.” (CORRÊA, 2004, p. 253)

Em síntese, as perspectivas que se assentam numa suposta dicotomia entre fala e escrita como argumento para pensar o estudo da língua de modo polarizado (gêneros tipicamente orais

e gêneros tipicamente escritos), bem como os estudos que concebem a relação fala/escrita como uma interferência da primeira na segunda, projetam uma noção de heterogeneidade **na** escrita, que denega sua constituição heterogênea. Trata-se, segundo Corrêa (2013), de uma heterogeneidade concebida como uma alteridade no seu sentido fraco. Diferentemente, a ideia de heterogeneidade proposta pelo autor resulta da ideia de hibridismo entre as formas faladas e formas escritas (STREET, 1984), que, por sua vez, pode ser remetida ao historiador Clanchy, ao postular uma mistura entre os modos oral e letrado, quando trata da mudança da passagem da memória para o registro escrito na Inglaterra medieval. Essa hibridização dos modos, que Corrêa, em razão do caráter dialógico da linguagem, entende como constitutiva, é concebida como alteridade em seu sentido forte e marca o que esse autor chama de heterogeneidade **da** escrita.

Seguindo o trajeto da heterogeneidade **da** escrita, é a dialogia instaurada na constituição da escrita ponto de interesse para análise proposta neste trabalho, já que, como explicitado, parto do modo como aquele que enuncia se projeta e projeta o outro a partir das representações que faz das práticas de oralidade e de letramento que o circundam.

## CAPÍTULO 2

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: (RE)NARRANDO A QUESTÃO

- É que o começo é difícil. Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos. Sua idéia qual é? (LOBATO, 1969 [1936], p. 8).

Este capítulo corresponde ao percurso metodológico que eu definiria como a coluna vertebral que estrutura o corpo do texto. Como qualquer coluna, flexível, permeável e relativamente estável, assim foi a busca por esse percurso, em que os ecos que levaram à seleção do corpus e às formas de análise são mostrados mediante os objetivos propostos para o trabalho. Como modo de organizar um trajeto de leitura, mesmo que ilusório, esboço-o da seguinte forma:

- i. uma breve menção à perspectiva teórica conjugada ao paradigma indiciário;
- ii. uma menção à seleção do corpus;
- iii. um olhar para as formas de análise, com atenção para os dois objetivos específicos.

#### 2.1 Heterogeneidades e paradigma indiciário

De natureza descritiva, a perspectiva teórica-metodológica deste trabalho se ancora na dialogia entre heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2004) e paradigma indiciário (GINZBURG, 1991). De Corrêa, é a dialogia instaurada na relação fala/escrita que move a descrição dos papéis enunciativos que irrompem dos atos de enunciação que interessam; de Authier-Revuz, o interesse é pelas formas de representação do discurso outro que inscrevem esse outro numa dada materialidade linguística dos planos enunciativos suscitados no ato de enunciação. Para investigar a dialogia fala/escrita e as formas de representação do discurso outro, recorre-se a Ginzburg, cujo pensamento sustenta a busca que se fará de seus rastros, como *zonas privilegiadas* de uma opaca realidade passível de decifração, recuperados no (fio do) discurso.

Retomo, sucintamente, a ideia de paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1991). Fascinado pelas investigações de Giovanni Morelli<sup>10</sup> e pela criação de Arthur Conan Doyle<sup>11</sup>. A proposição desse paradigma calca-se na arte (método morelliano), na prática investigatória (as investigações criminais de Sherlock Holmes) e na psicanálise (Freud). O efeito da proposta é o de que signos pictóricos, indícios e pistas, respectivamente, passam a ser entendidos como sintomas a serem interpretados. Trata-se, portanto, de um método centrado no detalhe, nos resíduos tomados enquanto pistas, dada a opacidade da linguagem. Desse modo, o pesquisador que se debruça sobre o objeto – a depender do foco que se tome – vê, em dados marginais, indícios, sinais, vestígios que apontam para possibilidades nem sempre previsíveis de explicação do fenômeno observado.

Não é a repetição nem a quantidade de dados o foco do paradigma indiciário. O interesse é pelos detalhes, pelos indícios que irrompem de certa materialidade da linguagem e que funcionam, conforme Ginzburg (1991), como *zonas privilegiadas* que nem sempre se mostram facilmente ao investigador, uma vez que exige interpretação de uma realidade. Para Corrêa (1991), o reconhecimento dessas zonas privilegiadas está atrelado à reconstrução da dialogia daquele que enuncia com o já-dito e com a interlocução que trava com seu suposto interlocutor. Esse autor propõe uma articulação entre paradigma indiciário e perspectiva dialógica, em que a dialogia funciona como recurso, singular, na compreensão da alteridade que propõe na linguagem: fala e escrita como constitutivas uma da outra. Nesse sentido, tomar essa articulação como suporte metodológico neste trabalho é, de algum modo, recuperar nos indícios que irrompem no ato enunciativo os pontos, tanto de interlocução direta como de já-dito, enunciados na relação eu/outro. Pontos que mostram as interações firmadas ao longo da história e que atravessam o dizer desse locutor.

Debruçando-me sobre a materialidade linguística, levando em consideração as condições sócio-históricas do corpus analisado, é que busco descrever e interpretar o modo como a relação eu/outro se mostra representada nesse corpus. Em razão do traçado teórico-metodológico proposto, não é pretensão neste trabalho estabelecer categorias fixas para olhar para relação sujeito/linguagem. Com olhar qualitativo, a articulação entre o paradigma indiciário e a perspectiva discursiva-dialógica estará na base da observação de indícios que

---

<sup>10</sup> Historiador de arte que traça um método comparativo para avaliar a autoria de quadros antigos em museus, distinguindo originais e cópias. De acordo com Ginzburg (1991), Morelli começa a perceber que características mais notáveis desses quadros são repetidas nas réplicas produzidas, o que leva sua atenção para as minúcias nesses quadros, cuja ausência revelaria a falsificação da obra.

<sup>11</sup> Escritor que dá vida ao detetive Sherlock Holmes, personagem que toma os indícios como pistas significativas para reconstrução do crime.

demonstrem a construção da *subjetividade* no ato enunciativo. Serão buscados índices das representações da relação eu/outro do trânsito do escrevente pelo mundo e pelo já falado/escrito, que mostrem a dialogia constitutiva do dizer.

Dessa maneira, este trabalho persegue os rastros de enunciação de um dito. Reinterpretando Ginzburg (1991), se existe uma materialidade da linguagem, alguém *passou por lá*. Significa que há *lá* indícios de um locutor nessa/dessa materialidade. Locutor que tomo discursivamente e que, portanto, deixa marcas linguísticas e sócio-históricas no registro que faz. Ainda reinterpretando a comparação entre paradigma indiciário e a observação de um tapete descrita por Ginzburg (1991), esse objeto, compreendido como produto, apresenta um desenho que se diria relativamente denso e homogêneo. Passível de análise, a depender da pretensão de (sua) observação, esse desenho se fragmenta, já que, retomando o pensamento do historiador, a imagem delineada no tapete está sujeita à mudança a depender da posição – horizontal, vertical, diagonal –, com que se tome a figura. Igualmente tomo os enunciados analisados, atrelados à perspectiva discursivo-dialógica (CORRÊA, 1991), como um tapete a ser observado, inscritos numa zona relativamente estável do enunciado, em que, a depender das hipóteses do pesquisador, diferentes enunciados podem ser vistos/resgatados da materialidade linguística e das remissões a um já-dito evocadas nessa materialidade. Reinterpretando Corrêa (1991) quando alude às remissões alocadas por uma memória discursiva, num processo de enunciação o locutor materializa leituras das circunstâncias do aqui/agora, ao mesmo tempo em que traz, no seu dizer, circunstâncias já vividas em outros processos de enunciação. Nesse sentido, o olhar para o corpus reúne paradigma indiciário e perspectiva discursivo-dialógica da linguagem na compreensão da relação eu/outro. Explícito, então, à seleção do corpus.

## 2.2 Seleção do corpus

Assumindo que a escrita não se encerra em si mesma, o interesse por esse modo de enunciar, ou melhor, pela complexidade enunciativa que a envolve é o ponto de partida para seleção do corpus. Esta seleção – dividida em dois momentos: o da seleção do material de escrita e o da seleção, nesse material, dos enunciados que constituíram o *corpus* da pesquisa – é baseada num princípio de oposição inerente à língua: o de que uma escolha implica uma série de exclusões. Assim, passo para o primeiro momento de seleção.

### 2.2.1 Seleção do corpus: primeira clivagem

A natureza de investigação de uma pesquisa orienta a seleção do material de análise. Não é de modo aleatório que se dá essa seleção. Antes, um repertório social já se assume como lugar de inquietação, e não é diferente aqui. Conforme dito anteriormente na apresentação deste trabalho, movida pelas discussões sobre as formas explícitas de heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004) e sobre os estudos a respeito da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), a escolha por se trabalhar com escrita literária foi suscitada pela tentativa de contribuir para discussões sobre essas formas explícitas a partir de um material ainda não investigado. Escrita marcada por uma diversidade de formas de dizer. Trata-se, ainda, de não mais deixar implícita a curiosidade em perceber o linguístico no literário, o que também marca a trajetória de pesquisa com esse tipo de material.

A seleção da narrativa *Memórias da Emília*, que se enquadra na dita escrita literária, não se justifica por um desejo puramente subjetivo do analista; antes, outras subjetividades determinam a escolha do material. Uma delas é marcada pela reminiscência de discursos que só caracterizam esse tipo de escrita como representação purista da linguagem, posição e associação que correspondem a uma forma clássica da estilística de compreender o romance como a representação literária da linguagem (FIORIN, 2016). No entanto, dada as condições de sua produção, essa escrita também se refaz na heteroglossia – na diversidade social de tipos de linguagens –, o que pode se configurar como ponto problematizador da relação sujeito/linguagem.

Embora reconheça que, em nossa cultura grafocêntrica, esse tipo de escrita desfrute de prestígio social e que o trabalho com ela, seja na escola ou fora dela, muitas vezes fomenta e reforça mitos sobre o letramento, não se pode desconsiderar o caráter dialógico instaurado nessa forma de dizer, útil se se pensar no desenvolvimento da escrita em ambientes como a escola, uma vez que pode ser eixo problematizador de discussões sobre escrita por meio da própria escrita. Para Corrêa (2006), a valorização da escrita na escola, muitas vezes, é perpassada pela associação que essa instituição faz entre língua e escrita, mas não de qualquer escrita, escrita como domínio do código alfabético. Segundo o mesmo autor, num campo pedagógico tradicional, que, para ele – em muitos sentidos – é o nosso, a escrita é vista como instrumento primordial da instituição escolar e como meio de o sujeito se inserir no processo de formação escolar, sendo, portanto, a principal oferta da escola. O que leva ao equívoco de “[...] sob o pretexto de ter algo indispensável a ensinar, a escola expor-se ao risco de reduzir a língua unicamente à enunciação escrita.” (CORRÊA, 2006, p. 206).

Essa valorização da escrita também está atrelada à produção de material didático contemplado no processo de educação formal, que, por muito tempo, se utilizou da escrita literária como modo de avaliar a compreensão/interpretação de texto. Nesse sentido, se, por um lado, a escrita, e, principalmente, a literária, foi compreendida como meio de imersão dos sujeitos nas práticas de leitura e de escrita nas instituições de ensino, se não o principal, mas, provavelmente, o mais valorizado em detrimento de outros (o que, a meu ver, resulta em muitos equívocos em torno da difusão da leitura), por outro lado, o trabalho com esse tipo de escrita – priorizada não só nas instituições de ensino (um exemplo dessa priorização são as indicações de textos literários como modo de avaliar leitura em muitos processos seletivos de ensino superior), mas em instituições como a família –, pode funcionar como ponto de partida para uma reflexão não dicotômica sobre língua na prática com leitura e com escrita. O olhar para esse modo de enunciar por meio de um discurso socialmente prestigiado, o literário, percorre outra direção: a de não reforçar mitos de letramento, talvez construídos pela atenção dirigida à forma, *a forma em si e por si*<sup>12</sup>, que guiaram por muito tempo os estudos de leitura e de escrita a partir dessa materialidade.

Nesse sentido, o debruçar sobre o material elencado para esta pesquisa toca de algum modo o método sociológico de análise, no aspecto que concerne à “[...] interação causal entre literatura e seu meio social extra-artístico circundante.” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976 [1926], p. 1). Para esses autores, com o “coração artístico” imanente da literatura não há nada a fazer, já que seria trabalho para a poética teórica e histórica com seus métodos de análise do desenvolvimento evolucionário autônomo do texto literário. Quanto ao “[...] processo desse desenvolvimento, a literatura se torna sujeito da influência ‘causal’ do meio social extra-artístico” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976 [1926], p. 1). Ou seja, o estético passa a ser uma variedade do meio social, e não somente um valor artístico, como seria numa dimensão imanentista da literatura. Essa interação causal, para os autores, coloca em relevo a literatura como um fenômeno social e histórico. E é enquanto fenômeno social e histórico, enquanto gênero discursivo, que a escrita elencada por este trabalho é ponto de partida para se (re)pensar a intrínseca relação entre sociedade, história e língua/linguagem.

Diante do exposto, a seleção do material foi movida por critérios que dou agora a conhecer:

---

<sup>12</sup> Expressão presente em *Discurso na vida e discurso na arte* (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976 [1926]).

- i. contribuir para as discussões sobre as formas explícitas de heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004) e sobre os estudos a respeito da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), a partir de um material de escrita até então não investigado nas pesquisas acadêmicas a que tive acesso;
- ii. na vasta produção com tal gênero discursivo, priorizar, dada a familiaridade de trajeto de pesquisa com este tipo de escrita, a leitura de narrativas da literatura infantil produzidas no Brasil, para que o olhar para esse tipo de escrita seja observado à luz da “realidade” linguística do Brasil;
- iii. deste acervo de narrativas brasileiras, priorizar a leitura de textos de escreventes que, na ilusão de centro do dizer, destinaram sua produção para criança, num recorte desses escreventes, e orientada por uma conversa com o Dr. João Luis Cardoso Tápías Ceccantini<sup>13</sup>, foi adotado, enquanto critério de seleção, escreventes cujas escritas fossem reconhecidas por um grupo que, de alguma forma, as tivesse legitimado a partir de algum fenômeno da linguagem, bem como corroborado para a circulação desse escrita em espaços sociais diversos, o que apontou para escrita produzida por Monteiro Lobato.

Com efeito, no interior da produção do acervo infantil deste autor, motivada pelas leituras teóricas que embasam este trabalho, um único critério de seleção foi elencado para chegar ao material contemplado, a saber:

- i. uma narrativa em que a discussão sobre escrita estivesse explicitamente mostrada, numa remissão a ela própria, o que me levou a *Memórias da Emília*.

Narrativa publicada em 1936, é com a décima sexta edição, republicação de 1969 pela Editora Brasiliense, que o trabalho se dá. Edição ilustrada por Jurandir Ubirajara Campos e Andre Le Blanc, sua formatação conta quinze capítulos distribuídos em cento e quarenta páginas que narram as peripécias de Emília ao parecer simular à escrita de suas memórias. Ainda em relação a esta primeira clivagem, num campo macro, passo a tratar, no terceiro capítulo, a relação dialógica que envolve a narrativa explicitada, enquanto enunciado concreto,

---

<sup>13</sup> Em conversas de orientação com Lourenço Chacon, a respeito da seleção do material de análise, fui orientada a conversar com João Luís Cardoso Tápías Ceccantini, professor/pesquisador da Unesp de Assis, estudioso da área de estudos literários, especificamente da literatura infantil. Nessa conversa, que ocorreu no segundo semestre de 2015, Ceccantini me sugeriu que, a título de alcance da leitura da tese, priorizasse textos cuja circulação já tivesse “aceitabilidade” nos mais diversos campos sociais.

com seu escrevente (em termo de obra e autor) e com algumas possíveis remissões com que essa narrativa parece dialogar.

### 2.2.2 Seleção do corpus: segunda clivagem

É no uso/menção sobre escrita de memórias que a narrativa *Memórias da Emília* tem sua trama desenvolvida. Compreendida, neste trabalho, como enunciado concreto que organiza outros enunciados, em razão do princípio de alternância dos sujeitos, da relativa conclusibilidade e da relação do enunciado com o enunciador e com o já-dito que envolve a sua constituição, é o enunciado a categoria de seleção para o recorte dos dados na estrutura interna da narrativa elencada.

No plano de construção interno da narrativa, esta é dividida, por assim dizer, em três momentos de escritura: i. quando o narrador se põe a contar o que aconteceu quando Emília resolveu escrever suas memórias; ii. quando a protagonista resolve escrever suas memórias, a priori, com mãos alheias, ou seja, resolve ditá-las para um escrevente, representado na narrativa pelo personagem Visconde, e quando, ao dispensar Visconde, assume, de fato, o posto de escrevente de suas memórias; iii. quando Visconde é designado pela própria Emília a continuar a escrever as memórias dela, sem sua presença. Essa alternância entre Emília e Visconde no papel de escrevente das memórias ocorre ao longo de todo enredo.

Compreender a narrativa elencada como enunciado concreto cliva e marca um lugar de partida para a seleção dos enunciados analisados num material em que as possibilidades de leitura implicam uma vasta complexidade de réplicas que indicia, recupera e coloca em circulação outros discursos. Não de modo aleatório, a seleção dos enunciados analisados se deu a partir do seguinte critério:

- i. priorizar somente enunciados que fizessem remissões à escrita de memórias no fio do discurso – já que entendemos que, de algum modo, o que temos nessas remissões é uma configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa sobre tal modo de enunciar.

Para fim de análise, busco nesses enunciados pistas linguísticas que indiquem papéis enunciativos com os quais se representam os interlocutores e sua alternância. Para isso, traço uma organização geral desses enunciados a partir do modo como a narrativa apresenta as vozes que narram a trama, ou seja, explícito, a partir de um locutor (na posição de narrador), a

organização mostrada pelo jogo de enunciação em função dos tipos de alternância – jogos enunciativos – que se mostraram ao longo do texto:

- i. a do narrador como locutor (L);
- ii. a do narrador projetando Visconde como locutor (lv);
- iii. a do narrador projetando Emília, ora ditando ora escrevendo, como locutor (le).

Oito enunciados<sup>14</sup> foram selecionados e dispostos da seguinte maneira: quatro para o primeiro objetivo específico deste trabalho, correspondendo um exemplo para cada alternância enunciativa, de modo a se identificarem os papéis com os quais os locutores se mostram representados e representam seus interlocutores; e quatro para o segundo objetivo, correspondendo também um exemplo para cada jogo enunciativo, de modo a descrever os planos enunciativos. Antecipo, ainda, que, eventualmente, outros enunciados não previstos sejam analisados, quando se façam necessários para a explicação de características daqueles selecionados para análise. Detalhando um pouco mais as formas de análise, passo ao modo de como os enunciados foram compreendidos à luz de cada objetivo específico.

### 2.3 Forma de análise dos enunciados

Uma vez definidos os critérios de seleção dos enunciados, para fornecer respostas ao primeiro objetivo específico da pesquisa – lembrando-o: *identificar com quais papéis enunciativos, do deslocamento do locutor-narrador, a relação eu/outro é representada no material escrito, a partir da (sua) complexidade enunciativa* –, recorro aos rastros de individuação do locutor, ou seja, pistas linguísticas, rastreadas no fio do discurso, que mostrem a relação eu/outro. Destaco como essa relação é representada via relação dialógica entre falado/escrito constitutiva da escrita, que põe em circulação papéis enunciativos. Para isso, apoio-me no modo heterogêneo de constituição da escrita, nos traços linguísticos que indiciam os papéis de (i) falante, (ii) ouvinte, (iii) escrevente e (iv) leitor nos enunciados, a fim de identificar o modo como o locutor se representa e representa seu interlocutor na enunciação. Em síntese,

---

<sup>14</sup> Somente esses oito enunciados, que compõem o corpus de análise, serão digitalizados. Qualquer outra referência a enunciados retirados da escrita *Memórias da Emília*, necessários para explicação do corpus, seguirá o modo de citação da ABNT.

- i. apresento o enunciado concreto, correspondente a cada tipo de interlocução, seguido de uma tabela que sintetiza os dados;
- ii. descrevo o ato de enunciação (E)/(e), com seus respectivos interlocutores;
- iii. identifico, a partir das pistas deixadas na interlocução, os papéis enunciativos (falante/ouvinte/escrevente/leitor) com os quais o locutor se mostra representado e representa seu interlocutor.

Antecipo a tabela do modo como os dados do primeiro objetivo foram organizados, lembrando que, para cada tipo de jogo enunciativo, segue uma tabela.

**Tabela 1-** Exemplificação dos Papéis Enunciativos

Colocação	LOCUTOR (L)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (R)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística

**Legenda:** Colocação: posição do locutor na enunciação; (L): locutor; (R): interlocutor; Papéis enunciativos: papéis com os quais os interlocutores se mostram/são mostrados no ato de enunciação; Em que momento: ocasião em que os interlocutores se mostram/são representados; Marca linguística: pistas linguísticas que evidenciam os papéis dos interlocutores do ato de enunciação.

Organizada a partir dos quadros teóricos, discursivos-dialógicos, que orientam esta pesquisa, esta tabela parte das alternâncias de papéis, em que um locutor (L), ao enunciar, projeta um interlocutor (R) diante de si. Nesse sentido, explicando o quadro no campo do

- a) Locutor (L):
  - i. a colocação diz respeito à posição do locutor na enunciação, se é tradutor de um ato de enunciação ou se é porta-voz dele;
  - ii. o locutor (L) diz respeito à quem enuncia no ato de enunciação, se é o narrador (LN), se o Visconde (lv), se é a Emília (le).
  - iii. os papéis dizem respeito aos papéis enunciativos (falante, ouvinte, escrevente, leitor) com os quais esse locutor se mostra representado e mostra o seu interlocutor;
  - iv. em que momento diz respeito à especificação de quando o locutor se mostra representado nos papéis enunciativos;

v. *a marca linguística* diz respeito às pistas linguísticas, que evidenciam os papéis enunciativos, mostradas na materialidade da língua ou inferidas da mesma materialidade.

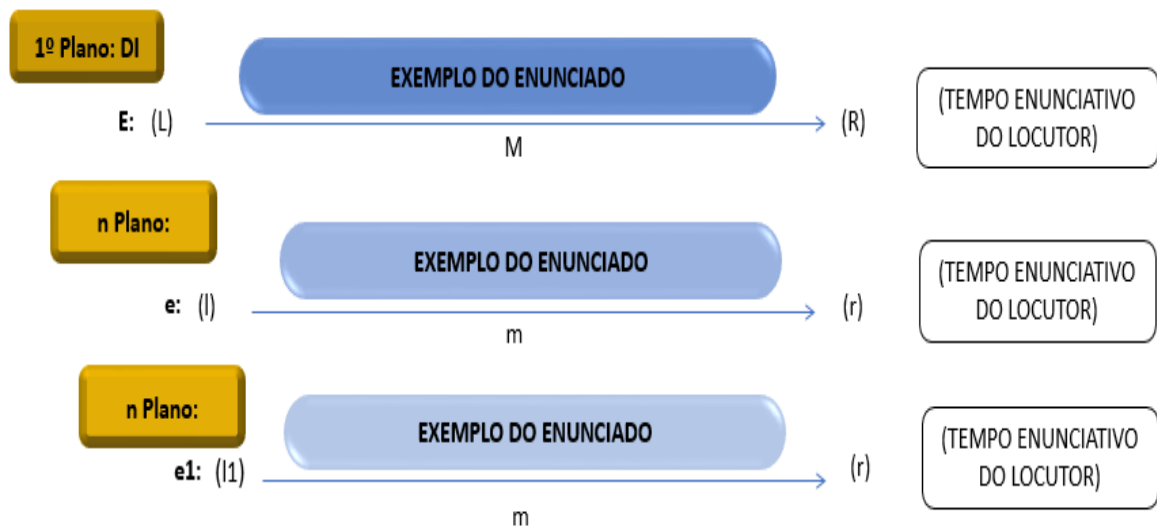
b) Interlocutor (R):

- i. *o interlocutor* (R) diz respeito a quem, dialogicamente, o (L) destina sua enunciação.
- vi. *os papéis* dizem respeito aos papéis enunciativos (falante, ouvinte, escrevente, leitor) com os quais o locutor projeta o interlocutor.
- vii. *em que momento* diz respeito à especificação de quando o locutor, ao enunciar, projeta o interlocutor em papéis enunciativos;
- viii. *a marca linguística* diz respeito às pistas linguísticas que evidenciam os papéis enunciativos, mostradas na materialidade da língua ou inferidas dessa mesma materialidade.

Já para fornecer respostas ao segundo objetivo específico, retomando-o: *descrever em que planos da complexidade enunciativa esses aspectos do deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento são representados no material analisado*, recorro às formas que inserem o outro no discurso, a fim de descrever os planos enunciativos recuperados na linearidade de uma cadeia por meio dos índices deixados pelo locutor, que, quando enuncia, marca *pontos de heterogeneidade* (na interlocução, no registro discursivo, nas remissões a outros discursos, nas remissões ao próprio texto) seja no plano semiótico, seja no sintático, seja no enunciativo, o que se configura nas negociações de sentido do locutor com seu dizer. Em síntese,

- i. apresento o enunciado concreto, seguido de uma tabela que sintetiza os dados, correspondente a cada tipo de interlocução;
- ii. descrevo o plano de organização do enunciado, com atenção aos atos de enunciação (E)/(e) ali indicados;
- iii. identifico as formas de inscrição do *outro* marcadas no fio do discurso;

Apresento o esquema por meio do qual os dados do segundo objetivo foram organizados em cada jogo enunciativo:

**Esquema 1-** Exemplificação dos Planos de Enunciação

**Legenda:** Plano: corresponde às formas de explicitação de um discurso, por exemplo: DI: Discurso indireto; (E): corresponde ao ato de enunciação; (e): corresponde ao ato de enunciação descrito na mensagem (M) de (E); (L): locutor de (E); (R): interlocutor de (E); (l): locutor de (e); (r): interlocutor de (e); Tempo enunciativo do locutor: anterior, contemporâneo ou posterior ao ato de enunciação narrado.

Seguindo os quadros teóricos de orientação discursivo-dialógica já sinalizados neste trabalho, especificamente o da heterogeneidade mostrada, é que, a partir do sistema de notação proposto por Authier-Revuz (2004), esse sistema foi elaborado. Relembrando-o: um ato de enunciação (E) definido por um par de interlocutores (L) e (R), numa situação (SIT) com tempo, lugar e, entre a infinidade de dados referenciais, um acontecimento particular (ou vários) que é um outro ato de enunciação (e). Sendo esse outro ato (e), definido ele mesmo por um par de interlocutores (l) e (r), numa situação (sit.) – com tempo, lugar e uma infinidade de dados referenciais –, que compõe a mensagem (m). Esse (e) funciona como objeto da mensagem (M) produzida no ato de enunciação (E).

Especificando como o ato de enunciação foi posto no esquema que proponho:

- i. (E) corresponde ao ato de enunciação que se mostra no primeiro plano da materialidade da língua;
- ii. (L): corresponde ao locutor que enuncia o ato de enunciação de acordo com o jogo enunciativo, se for o narrador (LN), se for o Visconde (lv), se for Emília (le).;
- iii. (R): corresponde ao interlocutor projetado no ato de enunciação;
- iv. (M): corresponde à mensagem e nela será sinalizada marca linguística que suscita os planos do dizer;

- v. tempo enunciativo do locutor: corresponde à situação de enunciação – anterior, contemporâneo ou posterior ao ato enunciativo narrado;
- vi. (e): corresponde ao ato enunciativo que é mostrado na (M) de (E);
- vii. (l): corresponde ao locutor que enuncia esse (e);
- viii. (r): corresponde ao interlocutor projetado por (l);
- ix. (m): corresponde à mensagem de (e) e nela será sinalizada marca linguística que suscita os planos do dizer;
- x. tempo enunciativo: corresponde à situação de enunciação, se foi anterior, contemporâneo ou posterior ao ato enunciativo da interlocução narrada.

Em relação ao plano de enunciação apresentado no esquema, este corresponde às formas de inscrição do outro<sup>15</sup> no discurso. Caracterizadas como (i) formas marcadas, (ii) formas marcadas que exigem trabalho interpretativo e (iii) formas puramente interpretativas, cada uma delas descreve um plano do dizer:

- i. nas formas marcadas ou unívocas têm-se a de discurso relatado (DR) –representadas pelo discurso direto (DD) e pelo discurso indireto (DI) – e a de modalização em discurso segundo (MDS);
- ii. nas formas marcadas que exigem trabalho interpretativo têm-se os sinais tipográficos ou entoativos que sinalizam a modalização autonímica (MA);
- iii. nas formas puramente interpretativas têm-se a de discurso direto livre (DDL), a de discurso indireto livre (DIL), as citações escondidas, as alusões e as reminiscências.

A tabela e o esquema funcionam na análise como forma de sintetizar os dados na identificação dos papéis, na apresentação dos dados relativos ao primeiro objetivo, e na descrição dos planos, relativos ao segundo.

Ressalto ainda que a seleção do *corpus* foi baseada em enunciados que explicitamente mostraram, no fio do discurso, uma remissão à escrita de memórias. Neste trabalho, foi desconsiderada a relação eu/outro do plano enunciativo macro, ou seja, a representação escrevente/leitor, aqui representada por Lobato e seu público. Essa desconsideração não significa que, em alguma medida, não se recorra a esse plano na análise, dadas as possíveis representações sobre imagens da representação do contato deste locutor com o mundo e com o já falado que podem se mostrar manifestadas nos demais planos. A exclusão desse plano macro, caracterizado como registro “particular” da relação do escrevente com a língua, deu-se em razão de ele estar circunscrito a outro plano maior de enunciação (de réplicas) que, para este momento,

---

<sup>15</sup> Essas formas de representação de um discurso-outro (RDO) foram descritas no capítulo teórico. Retomo a título de exemplificação as siglas correspondentes a essas formas.

não seria possível recuperar – dadas as limitações de recorte e de tempo necessário para a conclusão de um percurso de doutorado.

Em síntese, o traçado metodológico da análise apoia-se numa perspectiva linguístico-discursivo-dialógica que se articula ao paradigma indiciário para responder aos objetivos propostos neste trabalho. Em relação ao primeiro objetivo é o modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004) que dará base para a identificação dos papéis enunciativos, a partir dos indícios de como aquele que enuncia se relaciona com já falado/escrito. Em relação ao segundo objetivo, são as formas de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 2004) que direcionam a descrição dos planos enunciativos por meio das formas de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO) marcadas na superfície do enunciado. Essas fontes teóricas, conjugadas ao paradigma indiciário, orientam o olhar para as marcas linguísticas que “[...] não se oferecem espontaneamente ao desejo do analista.” (CORRÊA, 2004, p.27), mas como índices a serem interpretados.

### CAPÍTULO 3

#### **MEMÓRIAS DA EMÍLIA: UM TIPO RELATIVAMENTE ESTÁVEL DE ENUNCIADO**

E foi assim que as “Memórias da Marquesa de Rabicó” principiaram. (LOBATO, 1969 [1936], p.10).

*Memórias da Emília* é uma das narrativas que compõem o acervo da escrita infantil de Monteiro Lobato. Considerado como pai da literatura infantil pelos críticos literários, esse destaque se deve à imersão que a escrita de Lobato faz por um imaginário de como seria escrever para criança, como se pode depreender de carta desse autor para o amigo Rangel:

Verde, verde, o ano inteiro! Tudo verde, como o Menino Verde, um álbum colorido com que me diverti em criança, companheiro do João Felpudo. Lembra-te disso? Pobres crianças daquele tempo! Nada tinham para ler. Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’Os Filhos do Capitão Grant (LOBATO, 1956: 292-293).

Vê-se que Lobato, num plano macro de escritura, se coloca como escrevente/leitor não só de narrativas, mas também do momento político, histórico e social – *Pobres crianças daquele tempo! Nada tinham para ler. Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças* –, quando projeta um tipo de destinatário específico para a leitura da sua produção. Ao escolher excluir/descartar um tipo de material (a escrita “para marmanjos”), marca nessa exclusão um estilo que, em seu imaginário, aproxima a (sua) escrita ao (seu) público leitor imaginado. A consagração de Lobato como expoente da literatura infantil brasileira, conforme Campos; Oliveira (2009), está ainda intimamente aliada a um projeto de nacionalização de referências que contemplassem a cultura brasileira nesse tipo de escrita, mas não de uma representação de um nacional idealizado.

Lobato, como quem constrói uma saga, ambientou suas narrativas infantis no espaço do Sítio do Picapau-Amarelo<sup>16</sup>, com um grupo permanente de personagens (Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Visconde, Quindim e Emília) que, sendo os moradores do Sítio,

---

<sup>16</sup> Neste trabalho, toda vez que o espaço do Sítio do Picapau Amarelo for referenciado, a palavra *sítio* será marcada em maiúscula em remissão ao lugar de ambientação da narrativa.

vivenciam aventuras, no plano da ficção, que transitam entre o real e o imaginário das histórias contadas.

Nesse cenário se insere *Memórias da Emília*, cujo enredo é construído a partir do desejo de Emília (uma boneca de pano) escrever suas memórias. Quinta obra do acervo infantil desse autor, a narrativa inicia como se o narrador já desse como conhecidos do leitor os personagens, como se detecta no enunciado de abertura da trama: “Tanto Emília falava em ‘Minhas Memórias’ que uma vez Dona Benta perguntou: [...]” (LOBATO, 1969 [1936], p.3). Nesse enunciado não há apresentação das personagens nem do ambiente, o que pode pressupor que são personagens e ambientação conhecidos para esse leitor imaginado, ou mesmo pressupor uma ideia de continuidade das aventuras vivenciadas pelas personagens em obras anteriores publicadas, obras supostamente conhecidas desse leitor projetado, já que *Memórias da Emília* corresponde, como já dito, à quinta obra da literatura infantil de Lobato. A própria configuração de uma literatura marca um lugar escritural para a produção da escrita proposta por esse escrevente. Composição, tematização, estilo, juntamente com a finalidade e o campo artístico de onde irrompe essa literatura, compõem os gêneros do discurso elaborados por ele.

Em analogia à discussão de gênero do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]), *Memórias da Emília*, enquanto gênero discursivo e, portanto, um tipo relativamente estável de enunciado, é produzida numa determinada esfera da comunicação – o campo artístico, criativo, da linguagem literária – e parece se inserir numa tradição de gêneros memorialísticos da literatura brasileira que, segundo Zagury (1982), tem seu *boom* no Brasil na década de 30 do século XX. Essa narrativa, publicada em 1936, cujo título deflagra o gênero *memórias*, parece compor essa tradição e, reforçando-a, tem sua singularidade no modo de narrar, funciona como um enunciado único no campo dessa atividade.

Na trilha dessa tradição memorialística, que, já no título, faz menção ao gênero, algumas narrativas literárias a compõem, assim fazem: Manuel Antônio de Almeida, com *Memórias de um sargento de milícias* (1991 [1854]); Machado de Assis, com *Memórias Póstumas de Brás-Cubas* (2006 [1881]); Monteiro Lobato, com *Memórias da Emília* (1969 [1936]); Visconde de Taunay (2005 [1948]) com *Memórias*; Oswald de Andrade, com *Memórias sentimentais de João Miramar* (1973 [1924]); Graciliano Ramos com *Memórias do Cárcere* (2008 [1953]); Orígenes Lessa, com *Memórias de um cabo de vassoura* (1970), dentre outras. Definidas como memórias por seus escreventes, elas apresentam um modo singular no trabalho com a voz que narra.

Nestes textos memorialísticos, chamo a atenção para os dois que antecedem a escrita de *Memórias da Emília*. O primeiro deles, *Memórias de um sargento de milícias*, são as

lembranças de um narrador sobre um certo sargento de milícias que mostram os acontecimentos vividos pelo personagem, o que suscita as memórias serem do narrador e não do sargento. Já no segundo deles, *Memórias Póstumas de Brás-Cubas*, um defunto-autor conta a sua história, o que coloca em xeque a própria veracidade dos acontecimentos, já que é um defunto a narrar. *Memórias da Emília* parece estabelecer um diálogo com essas memórias, no que se refere ao modo como a narrativa é contada. Nela, é uma boneca, objeto inanimado que ganha vida na ficção, a protagonista das memórias, que ora parece ser simulada como narradora, tal qual o defunto-autor, e passa a inventar suas histórias como se as tivesse vivido, ora é narrada ou simula ser narrada por outros narradores que passam, tal como o narrador de um sargento de milícias, a deter o ponto de vista das memórias dos acontecimentos vividos por ela.

*Memórias da Emília* parece reunir os elementos inusitados que aparecem nas outras duas memórias comentadas: (i.) o de ser uma boneca, aparentemente um ser sem vida tal qual o defunto-autor, a contar suas histórias, o que tira a veracidade dos acontecimentos no plano interno da narrativa, ou seja, no plano da escrita das *Memórias da Marquesa de Rabicó* simulada pela boneca, mas não no plano ficcional das *Memórias da Emília*, em que esse acontecimento de inventar histórias não vividas pela Marquesa passa a ser um acontecimento da vida da Emília e, portanto, de suas memórias; (ii.) o de ter suas memórias, em parte, narradas por um outro, como o sargento de milícias.

Um exemplo que parece estabelecer o diálogo entre as memórias explicitadas pode ser visto na conversa entre Dona Benta e Emília sobre a veracidade das memórias a serem contadas pela boneca. A matriarca do Sítio ironiza a definição de gênero memórias dada por Emília: “- Nesse caso – caçou Dona Benta – uma pessoa só pode escrever memórias depois que morre...” (LOBATO, 1969 [1936], p.4). Percebe-se, nesse exemplo enunciativo, *um narrador em terceira pessoa* a mostrar em discurso direto uma fala debochada de Dona Benta sobre a possibilidade de um *morto escrever suas memórias*, o que poderia suscitar uma remissão, implícita, ao defunto-autor Brás-Cuba. O narrador em terceira pessoa e a remissão a um morto escrever suas memórias parecem se configurar como exterioridades com outros textos memorialísticos na escrita de *Memórias da Emília*.

Na interlocução supostamente imaginada por Emília para a composição de suas memórias no plano interno da narrativa, não foi o romance, nem o conto, nem a novela, nem a carta, nem outro gênero do campo artístico literário o referenciado; foi a escrita de memórias o gênero definido nessa composição. A escolha por ser as memórias da Emília, no rol de personagens do Sítio do Picapau Amarelo, uma boneca que nasceu, como ela mesmo explícita, “[...] duma saia velha de tia Nastácia.” (LOBATO, 1969 [1936], p. 10), conhecida por sua

irreverência, por sua ousadia, por ser falante demais, parece seguir uma não convencionalidade do gênero, já que o que se espera dele é que seja contado por pessoas mais velhas, como observa Visconde de Sabugosa: “- Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco já tem coisas para contar num livro de memórias? Isso é para gente velha, já perto do fim da vida.” (LOBATO, 1969 [1936], p.5).

Essa escolha não-convencional de ser a boneca a contar suas histórias também se mostra no modo de como a história é narrada. Traços de informalidade da língua ganham contorno ao longo do enredo, como, por exemplo, numa conversa entre Emília e Dona Benta, em que a boneca explica que suas memórias teriam uma única mentirinha, mas que tudo mais seria “[...] verdade pura, da dura – ali na batata – como diz Pedrinho.” (LOBATO, 1969 [1936], p.4). Reproduz-se uma variante informal, que parece ser comumente usada por um morador do Sítio. Esses traços de informalidade compõem o estilo da narrativa, aproxima as memórias do seu contador, uma boneca, que, assim como os netos de Dona Benta, estava a apreender o mundo pelo universo criativo/cotidiano do Sítio.

Esta escolha por um modo mais informal de narrar, não muito comum nos textos do campo artístico do momento da produção das obras de Lobato, em que o traço formal da língua costumava ser o mais esperado, provavelmente está atrelada a um projeto de nacionalização, não ufanista, movido pela mudança de um governo monárquico para um republicano com o qual Lobato se identificava e que requisitava bens culturais que atendessem, de algum modo, à nova classe que se formava com essa mudança (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991). Detecta-se aí, de algum modo, o que entendemos ser a recuperação, no produto escrito, do trânsito do escrevente (o autor) pelo que hoje podemos interpretar como práticas de oralidade e práticas de letramento que remetem a diferentes lugares ocupados pelo autor, como: os de jornalista, o de editor, o de tradutor, o de empresário, o de contista, o de ensaísta, o de escritor, conforme Azevedo, Carmagos e Sacchetta (1998). No projeto de modernização do país (no qual estava imerso), ao se apropriar da escrita e colocá-la em circulação como forma de manifestação política, cultural, comercial e educacional, Lobato já traz para o jogo do dito e do dizer, presente em qualquer enunciação, muitos dos atravessamentos das (hoje entendidas como) práticas orais/letradas que o constituem como escritor.

Em relação às primeiras décadas republicanas no Brasil, momento de produção das narrativas de Lobato, o cenário político, social e cultural exigia uma nova ordem. De acordo com Lajolo; Zilberman (1991), junto com o novo regime político, uma classe média urbana ascendia e reivindicava condições favoráveis – maior liberdade política, melhores negócios, dinheiro mais acessível, instrução – para sua manutenção e contribuição na política que se

instaurava. Para essas autoras, a acelerada urbanização, corroborada pela incipiente indústria brasileira que via no grupo emergente potenciais consumidores para sua produção, pressionava o mercado livreiro para atender as ânsias dessa nova classe. Reproduzia-se, pois, o que ocorreu na Europa, quando a burguesia ascendeu. Segundo as pesquisadoras, essa nova classe exigia que o infante não mais fosse compreendido como adulto em miniatura, já que legitimava a unidade familiar, e requisitava bens culturais que atendessem às necessidades desse público mirim, orientando, assim, uma produção para crianças.

No Brasil não foi diferente. Seguindo os moldes da Europa, quando o novo grupo emergente ascende, passa a requisitar bens culturais que respondessem à dinâmica estrutural dessa ascensão. Nessa construção, para Lajolo e Zilberman (1991), a produção para crianças assume a condição de mercadoria, uma produção para um mercado específico. Sobre essa produção,

O acervo de textos para crianças é, portanto, composto de um material variado e heterogêneo, cujo único ponto em comum reside no fato de ser a criança o seu virtual consumidor. Desta forma, a especificidade do gênero literário infantil é dada a partir de seu destinatário, o que implica uma conceituação extra-literária, uma vez que o adjetivo infantil diz respeito ao leitor e não à literatura (MAGALHÃES, 2001, p.21).

Imerso nesse cenário, Lobato captou as exigências dessa classe que se formava e viu na escrita para criança – modo de enunciar que o consagrou enquanto escritor – condições favoráveis para o mercado livreiro e também de materializar críticas a esse estado em formação:

Com uma percepção aguçada do cenário literário nacional, Lobato constatou que faltavam livros dedicados ao público infantil. Assim, ainda em 1920, lançou a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado*. Como recebera críticas favoráveis, resolveu lançar um formato escolar do livro intitulado *Narizinho arrebitado*, o qual foi aceito e adotado nas escolas públicas. Empolgado com o sucesso de seu primeiro livro para crianças, decidiu lançar-se ao gênero. Passou não somente a escrever livros infantis, mas a traduzir e a publicar obras voltadas para crianças. Entrava em cena a face do escritor infanto-juvenil, que o tornaria mais conhecido (CAMPOS, OLIVEIRA, p. 69, 2009).

Escola, criança, imaginário fantástico são alguns dos eixos temáticos estruturantes das narrativas lobatianas. Na representação simbólica dessa instituição formadora, ausente enquanto local de ensino nas suas obras, mas presente enquanto discurso, o Sítio materializa o lugar de formação das crianças que vivem em férias permanentes da escola. É por meio dos serões de contação de histórias com Dona Benta, das aulas de gramática com o Quindim, das

viagens ao céu para aprendizagem astronômica, do cotidiano inventivo, do imaginário como espaço da criatividade que estimula a imaginação dos infantes no processo de aprendizagem que *Memórias da Emília* estabelece um trânsito com a língua na sua formalidade e na sua informalidade. O cotidiano, no espaço do Sítio, é o lugar da língua. As convenções de natureza abstrata dessa, que, como diz Emília, organiza o pensamento, são mencionadas e valorizadas como orientação de aprendizagem dos moradores: “- Eu já estive no País da Gramática, onde todos os habitantes são palavras. E um dia hei de contar por miúdo como a Gramática lida com elas e consegue dar ordem ao pensamento.” (LOBATO, 1969 [1936], p. 24). No entanto, é no uso formal e informal da linguagem que se dá a construção das falas dos personagens na narrativa *Memórias da Emília*, esse último a se mostrar mais quando se trata do uso da língua por Emília, como na seguinte situação: “-Macaco de sabugo *dobre a língua!* – gritou Emília.” (LOBATO, 1969 [1936], p. 45 – grifo nosso).

Em relação ao estilo de *Memórias da Emília*, observa-se o uso do diminutivo ao longo de todo o texto. A título de ilustração, “bobinha, finalzinho, mãozinha, estrelinhas, caixãozinho, latinzinho, pedacinho (...)” (LOBATO, 1969 [1936], p. 3, 4, 5, 6, 7,8), dentre outros, podem ser depreendidos ao longo do texto. No plano interno da narrativa, esse uso pode estar associado à ideia de ser Emília a narrar suas próprias memórias, o que pode soar como uma marca característica da fala da personagem e sugerir uma veracidade de ser Emília – ora simulando ser narrada ora sendo a narradora – a contar suas histórias; pode sugerir, também, uma aproximação com o público, a quem supostamente se destina esse dizer, que parece, num dado momento de formação, ter esse traço diminutivo no uso da língua. Retomo a suposição de ser Emília a simular um outro narrando-a no subtópico que trata do foco narrativo, ainda neste capítulo.

Em relação à composição da narrativa *Memórias da Emília*, há a problematização de como escrever o gênero *memórias* na estrutura interna da narrativa, marcada por características que aproximam as memórias a outro gênero discursivo – o romance –, como o demonstra a mudança constante de foco narrativo, de modo a permitir essa aproximação. Mas essa mudança admite possibilidades de interpretação, como, por exemplo, significar uma estratégia supostamente organizada pelo narrador – voz que organiza o dizer –, como também uma estratégia da própria personagem Emília, como narradora, oscilando no modo como narrar suas memórias no gênero em que as enuncia. Essa mudança de foco parece, ainda, sugerir duas tramas paralelas na construção interna da narrativa, que justificam, de alguma maneira, a remissão ao título *Memórias da Emília*. Dito de outro modo, é como se em *Memórias da Emília* houvesse uma explicitação do modo como Emília escreveu suas memórias e, nessa explicitação,

outra narrativa, *Memórias da Marquesa de Rabicó*, é mostrada no plano da ficção, memórias de histórias inventadas pela boneca: “- São memórias fantásticas.” (LOBATO, 1969 [1936], p. 129).

A ideia de uma escrita na escrita se configura como uma metalinguagem para o narrar, um jogo de enunciação que envolve uma sobreposição de planos que resulta em *Memórias da Emília* ser uma narrativa que conjuga memórias dos acontecimentos vividos pela boneca, centradas num só personagem, o que já assinala uma distinção do gênero romance. Diferentemente das *Memórias da Marquesa de Rabicó*, simuladas como escrita por Emília e por Visconde, que, na visão de Dona Benta, se caracteriza mais com um romance do que com memórias:

- Emília! – exclamou Dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?
- Minhas “Memórias” – explicou Emília – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver.
- Então é romance, é fantasia... (LOBATO, 1969 [1936], p. 129).

O que se percebe é que *Memórias da Marquesa de Rabicó* passa a ser um acontecimento de escrita simulado na escrita das *Memórias da Emília*. Explicitemos um pouco mais esse acontecimento de um para circunscrever um outro.

### 3.1 Memórias da Marquesa de Rabicó: um acontecimento nas *Memórias da Emília*

Num uso/menção sobre escrita, explicitamente marcado no desejo de Emília de escrever suas memórias, mas com a ajuda de *outras mãos*, é que a narrativa *Memórias da Emília* tem sua trama desenvolvida. Uso/menção porque não se trata da escrita enquanto signo padrão, e sim antonímico, uma escrita em remissão, na estrutura interna das *Memórias da Emília*, as *Memórias da Marquesa de Rabicó*.

Evento de letramento na escrita das *Memórias da Emília*, *Memórias da Marquesa de Rabicó* transita entre o espaço ficcional das *Memórias da Emília* e o espaço “real” no mundo do Sítio do Picapau Amarelo. Como duas tramas desenroladas concomitantemente, o gênero discursivo escolhido, tanto nas *Memórias da Emília* como nas *Memórias da Marquesa de Rabicó*, são as *Memórias*. Não é intenção investigar as razões para escolha de tal gênero, mas algumas perguntas acabam por ecoar dessa escolha – atreladas ao desejo da personagem no plano ficcional: Por que memórias? Por que Emília a ganhar o espaço no plano da ficção para contar suas memórias e não outro personagem do Sítio?

Estas curiosidades – poderia dizer empíricas –, suscitadas pela leitura das memórias relacionam-se, de algum modo, a outras duas questões, a meu ver, cruciais para o entendimento do que move a produção de determinado gênero. A primeira, às condições de produção do gênero; a segunda, que não deixa de estar relacionada à primeira, à definição do que caracteriza esse gênero.

Sem me delongar numa explicitação em torno do conceito de memória, para Le Goff (1990), é um instrumento de poder e está relacionada à tradição, à dominação das recordações e à propriedade de conservar a história. Nos estudos da literatura, o gênero *memórias* foi compreendido como uma “[...] forma narrativa que promove um retorno temporal por parte do eu-narrador com intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve.” (MACIEL, 2013, p. 551). De forma narrativa de fatos revisitados no passado, esse gênero passa a uma dimensão criativa já que quem narra apresenta um dizer a partir das escolhas que faz para esse narrar (OLMI, 2006).

Para Bosi (1987), em estudo sobre histórias narradas por idosos, as memórias são pontos de vista, uma versão do acontecido pela qual o que interessa é o ponto lembrado, escolhido, para perpetuar a história da vida dos narradores. Ainda para a autora, além de as lembranças serem o material de onde os narradores extraem suas memórias, os lapsos, os esquecimentos desses narradores<sup>17</sup> devem ser considerados, porque evidenciam as marcas desses corpos que falam. Nesses narradores, faltou-lhes “[...] a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer.” (BOSI, 1987, p. 3). O que importa, para a autora, é que o acontecimento narrado tenha sido vivenciado, mesmo que se tenha trocas de datas, de lugares e de nomes.

Compreendendo as memórias como gênero discursivo, e resgatando os sentidos atribuídos como lugar de preservação da história, de criatividade, de modo de narrar, de um acontecimento vivenciado por aquele que conta, o que parece haver nesse conjunto de significações são os elementos que contribuem para constituição desse gênero, sendo aquele que narra elemento fundamental do dizer, ao organizar suas lembranças a partir de um ponto de vista, singular, num dado campo de atividade humana.

É interessante mencionar que as obras de Monteiro Lobato se unem numa remissão às próprias obras do autor (e às de outros), como se pode depreender da conversa entre Emília e Narizinho em *Dom Quixote das Crianças* (1965 [1936]), quando a boneca diz que deseja um Cervantes que a faça conhecida no mundo todo e Narizinho, em tom de reclamação, replica:

---

<sup>17</sup> No caso de suas pesquisas, com idosos que contam, no modo de enunciação falado, suas histórias.

- Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós – conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta... (LOBATO, 1965 [1936], p.38).

Embora não faça menção a *Memórias da Emília*, a boneca é a única personagem do Sítio do Picapau Amarelo a ter suas memórias contadas num livro só de memórias “dela”. “Dela” porque, se se tomam as Memórias da Marquesa de Rabicó como um acontecimento de escrita nas *Memórias da Emília*, em Memórias da Marquesa de Rabicó tem-se as memórias da boneca oscilando entre ela a contar suas histórias e um terceiro a narrar suas histórias. Nas *Memórias da Emília* parece ser a própria Emília a voz narradora a simular as outras vozes que contam sua história, uma vez que esses narradores assumem posição defensiva, ou mesmo de exaltação, para as atitudes da boneca, como no exemplo que segue: “Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com ideias tão filosóficas.” (LOBATO, 1969 [1936], p. 4). As expressões lexicais “espantou-se”, “simples bonequinha de pano”, “tão filosóficas” sugerem um narrador cúmplice de Emília, se não a própria Emília a se projetar na voz de um outro (o próprio narrador), o que justificaria o título da narrativa *Memórias da Emília* de ser a própria boneca a contar sua história. Não é intenção da pesquisa pressupor quem é a representação da voz que narra, mas é interessante pensar numa possível estratégia de se colocar a boneca como organizadora do dizer, elaborando uma escrita de narrativa em que tenta reproduzir as histórias ouvidas/lidas nos serões da Dona Benta.

“Memórias da Marquesa de Rabicó” em *Memórias da Emília* acaba por retomar modos de como narrar. Numa analogia à novidade da adequação<sup>18</sup>, é nela que Emília, simulada ou se simulando enquanto narradora, tenta representar uma experiência de escrita, quando se coloca em dúvida sobre qual caminho escolher para iniciar suas memórias e, por não se decidir, acata a seguinte sugestão de Visconde:

- Minha idéia – disse o Visconde – é que comece como quase todos os livros de memórias começam – contando quem está escrevendo, quando esse quem nasceu, em que cidade etc. As aventuras de Robinson Crusoe, por exemplo,

<sup>18</sup> A novidade da adequação diz respeito à uma discussão empreendida por Corrêa (2006) para tratar da heterogeneidade da escrita nos aspectos concernentes à relação entre produto escrito e processo de escrita, de um lado, e as ideias de adequação e de acontecimento, por outro, importantes, na visão do autor, para pensar o ensino-aprendizagem da escrita nas escolas. Essa novidade está atrelada a não mais conceber a escrita como uma adequação de um modelo rígido a ser seguido, mas como modo enunciativo que se faz na dialogia entre o já-dito e os seus atores. (CORRÊA, 2006).

começam: “Nasci no ano de 1632, na cidade de Iorque. Filho de gente arranjada etc.”

- Ótimo! – exclamou Emília. Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... (LOBATO, 1969 [1936], p.8).

Na reprodução de um modelo para escrita de memórias, *Memórias da Marquesa de Rabicó* elabora outra forma de dizer, no sentido de uma novidade de adequação. Essa narrativa é elaborada numa construção própria que não se limita a reproduzir a escrita como um produto, estática e prevista. Assim faz Emília: imprime na escrita de suas memórias marcas próprias das situações de sentidos que a circundam e que ela queira provocar, como quando responde para Visconde ao ser indagada sobre o porquê de tanta estrelinha: “ – [...]. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: [...]” (LOBATO, 1969 [1936], p.10). Tal novidade de adequação a um modelo se configura como um acontecimento de escrita, produzida na escrita de *Memórias da Emília*. Essa adequação acaba por se tornar um evento de letramento produzido no interior de outro evento de letramento – a narrativa *Memórias da Emília* –, um acontecimento escritural de uma outra narrativa – as *Memórias da Marquesa de Rabicó*.

Ainda se se comparar a abertura de *Memórias da Emília* e *Memórias da Marquesa de Rabicó*, ambas materializam aberturas que não seguem modelos prototípicos de escrita para o gênero *memórias*, por exemplo. Retomando a última, embora tome o modelo proposto por Visconde para iniciar o texto: “ – “Minha ideia – disse o Visconde – é que comece como quase todos os livros de memórias começam - contando quem está escrevendo, quando esse quem nasceu, em que cidade etc. [...]” (LOBATO, 1969 [1936], p. 8), o ato enunciativo é único e, portanto, a adequação desse ato logo se mostra com a omissão de determinadas informações pela boneca. Já a primeira, outro lugar de elaboração da escrita, rompe com a estrutura modelar sugerida por Visconde, já que se “inicia”, como já destacado anteriormente, sem apresentar os personagens e sua ambientação. Parte de uma outra memória discursiva para o modo com que representa o “início” da história, diferentemente da memória discursiva evocada na “fala” do Visconde, em que o sabugo, mesmo reconhecendo não serem todos os livros de memórias que principiam com uma apresentação da personagem central – *quase* todos os livros –, assinala um modo recorrente de abertura na literatura para o gênero aludido. Assim, *Memórias da Marquesa de Rabicó* e *Memórias da Emília*, como narrativas distintas, não coincidem na representação de como iniciar a narrativa de memórias; mostram-se, antes, como representações de diferentes modos de narrar por aquele que enuncia.

## CAPÍTULO 4

### IDENTIFICANDO OS PAPÉIS ENUNCIATIVOS

– Oh – disse ela – você não imagina como é interessante a língua que falamos aqui! As palavras da nossa língua servem para indicar várias coisas diferentes, de modo que saem os maiores embrulhos. (LOBATO, 1969 [1936], p. 18).

A língua é ponto de partida da descrição dos papéis enunciativos que proponho neste capítulo. Embrulhos/confusões/sentidos, ela é quem possibilita explorar a relação sujeito/linguagem na discussão alçada a objetivo geral desta tese: *descrever como se mostra representada a relação eu/outro do deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento*. Desse modo, esse capítulo trata de responder ao primeiro objetivo específico proposto, qual seja, o de: *identificar com quais papéis enunciativos desse deslocamento a relação eu/outro é representada no material escrito, a partir da (sua) complexidade enunciativa*. Faço, então, uma apresentação dos enunciados concretos a serem analisados, seguida de uma tabela que sintetiza os dados. Em seguida, descrevo os atos de enunciação e identifico os papéis enunciativos que irrompem desses atos no (*fio* do) discurso. Relembro que adoto a sequência dos jogos enunciativos conforme foram destacados na metodologia: (i.) narrador como locutor (LN); (ii.) narrador projetando Visconde como locutor (lv); e (iii.) narrador projetando Emília como locutor (le).

#### 4.1 Identificando os papéis em três jogos enunciativos

É numa remissão à escrita, explicitamente marcada na proposta de Emília, personagem principal da trama *Memórias da Emília*, de escrever suas memórias, mas com ajuda de outras mãos, que o enredo da narrativa mencionada ganha forma. Nessa proposta, um outro já é instaurado no fio do discurso: a remissão à elaboração da própria narrativa *Memórias da Emília*.

Sendo uma narrativa de memórias, composição, tematização, estilo e, por assim dizer, circulação são características dessa narrativa, colocadas a efeito por aquele que enuncia na elaboração de um gênero do discurso. Gênero do discurso porque, aproximando-me de ideias de Corrêa (2013), que assume o pensamento bakhtiniano (2003 [1979]) no que diz respeito ao gênero como pertencente a uma esfera de atividade humana, como realidade de língua em discurso, não só a construção composicional e o aspecto organizacional estão na base de constituição de um gênero; mas também o caráter processual, histórico – que “[...] permite

pensar a íntima relação entre sociedade, história e língua/linguagem.” (CORRÊA, 2013, p.485). –, compõe essa constituição. Constituição dialógica, intergenérica, que tem no diálogo – no par dialógico eu-tu – o alicerce, em caráter de réplica, do gênero do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]; CORRÊA, 2013).

Nesse sentido, a escritura de memórias, evento ficcional simulado na estrutura interna de *Memórias da Emília*, já enuncia uma relação dialógica específica, o que confirma o fato de que “[...] qualquer caracterização/classificação de um gênero deve passar pelo diálogo que, nele, se reinveste.” (CORRÊA, 2013, p. 486).

Enquanto espaço dialógico de atividades empreitadas por aquele que escreve e nas quais está particularmente imerso, a escrita se constitui como meio de muitas representações da circulação desse escrevente por um dizer. Passo a exemplificar, separadamente, os três jogos enunciativos e a descrição dos papéis neles.

#### 4.1.1 Primeiro jogo enunciativo: *narrador* como locutor (LN)

Com o olhar para o par dialógico, apresento os enunciados concretos do primeiro jogo enunciativo, o do narrador sendo ele mesmo o locutor (LN) do ato de enunciação (E):

**Imagem 2-** Exemplificação do enunciado concreto do primeiro jogo enunciativo do primeiro objetivo

(01) Tanto Emília falava em “Minhas Memórias” que uma vez Dona Benta perguntou:  
 (02) — Mas, afinal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?  
 (03) — Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.

Fonte: LOBATO, 1969 [1936], p. 1.

**Tabela 2-** Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador como locutor (LN)

Colocação	LOCUTOR (LN)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (R)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
1ª colocação: Narrador como TRADUTOR do Ato de Enunciação (E)	Locutor Narrador (01)	<b>Ouvinte</b>	Quando ele se mostra como um possível interlocutor da fala da Emília	<i>Tanto Emília falava [...]</i>	Interlocutor supostamente imaginado	<b>Ouvinte</b>	Quando este (R) é suposto como alguém que escuta a narração do narrador.	<i>Tanto Emília [...] que uma vez [...]</i>
		<b>Falante</b>	Quando parece contar o que observou ou presenciou do ato de enunciação que narra.	<i>Tanto Emília falava [...] que uma vez</i>		<b>Leitor</b>	i. Quando supõe que este (R) já conhece as personagens e, talvez por isso, o narrador dispense apresentá-las.	<i>i. Tanto Emília falava [...] que uma vez Dona Benta [...]</i>
		<b>Leitor</b>	Quando inicia a narrativa sem apresentar as personagens, como se desse a entender que as personagens são figuras conhecidas já de outras narrativas.	<i>Tanto Emília falava [...] que uma vez Dona Benta [...]</i>		<b>Leitor</b>	ii. Quando esse narrador mostra, na escrita, o “desejo”/ “insistência” da fala da Emília de escrever suas memórias, conduzindo o (R) a ver/interpretar as aspas ali alçadas.	<i>ii. [...] “Minhas Memórias” [...]</i>
		<b>Escrevente</b>	Quando, na escrita, enfatiza que Emília pretendia escrever suas Memórias.	<i>Tanto Emília falava em “Minhas Memórias”</i>				

Legenda: (LN) – locutor narrador; (R) suposto interlocutor de (LN); (01) – referência ao primeiro enunciado do jogo enunciativo.

**Tabela 3** - Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le)

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (r)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
2ª colocação: Narrador como TRADUTOR de outros atos de enunciação (e) inscritos na mensagem (M) que enuncia	Emília (01)	<b>Falante</b>	Quando é mostrada como falante pelo narrador	<i>Tanto Emília falava [...]</i>	Narrador ou qualquer outro personagem do Sítio	<b>Ouvinte</b>	Em suposta conversa de Emília com o narrador ou com outro personagem da narrativa, em que ela conta que irá escrever as memórias dela.	<i>Tanto Emília falava em “Minhas Memórias” [...]</i>
		<b>Falante Ouvinte</b>	Quando é mostrada como falante/ouvinte pelo narrador a partir da pergunta feita por Dona Benta	<i>[...] Dona Benta perguntou</i>	Dona Benta	<b>Ouvinte Falante</b>	Quando Dona Benta escuta, das inúmeras conversas de Emília com ela ou mesmo com outro personagem, que a boneca escreverá suas memórias, colocando-se também como falante	<i>Tanto Emília falava [...] Dona Benta Perguntou</i>

Legenda: (le) – locutor Emília; (r) – interlocutor projetado por (le); (01) – referencia ao primeiro enunciado do jogo enunciativo.

**Tabela 4-** Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le)

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (r)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
3ª colocação: Narrador como TRADUTOR de outro ato de enunciação (e) inscritos na mensagem (M) que enuncia	Emília (01)	Falante			Narrador			
		Ouvinte						
		Leitor	Quando é mostrada na escrita, por meio da modalização autonímica, como enunciando determinada fala.	<i>Tanto Emília falava em “Minhas Memórias” [...]</i>	Dona Benta	Ouvinte	Quando supostamente enuncia para algum deles que iria escrever suas memórias.	<i>Tanto Emília falava em “Minhas Memórias” [...]</i>
		Escrevente			Outros personagens do Sítio			

Legenda: (le) – locutor Emília; (r) – interlocutor projetado por (le); (01) – referencia ao primeiro enunciado do jogo enunciativo.

**Tabela 5-** Enunciado (01) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando dona Benta como locutor (lb)

Colocação	LOCUTOR (lb)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (re)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
4ª colocação: Narrador como <b>TRADUTOR</b> de outro ato de enunciação (e) inscrito na mensagem (M) que enuncia	Dona Benta (01)	<b>Falante</b>	Quando é mostrada dirigindo-se a Emília.	<i>Dona Benta perguntou:</i>	Emília	<b>Ouvinte</b>	Na escuta da pergunta que lhe foi feita	<i>Dona Benta perguntou:</i>
		<b>Ouvinte</b>	Na expectativa da resposta à pergunta que faz	<i>Tanto Emília falava [...] Dona Benta perguntou:</i>		<b>Falante</b>	E em resposta à pergunta que lhe foi feita.	<i>Dona Benta perguntou:</i>

Legenda: (lb) – locutor dona Benta; (re) – interlocutor Emília; (01) – referencia ao primeiro enunciado do jogo enunciativo.

**Tabela 6-** Enunciado (02) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando dona Benta como locutor (lb)

Colocação	LOCUTOR (lb)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (re)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
5ª colocação: Narrador mostrando os interlocutores como PORTA-VOZES dos atos de enunciação (e) que produzem	Dona Benta (02)	<b>Falante</b>	Quando direciona uma pergunta a Emília.	<i>Travessão Pergunta interrogativa</i>	Emília	<b>Ouvinte</b>	Na escuta da pergunta que lhe foi feita	“– <i>Memórias são [...]</i> ”
		<b>Ouvinte</b>	Na expectativa da resposta da pergunta que faz	<i>Pergunta interrogativa</i>		<b>Falante</b>	Em responder à pergunta que lhe foi feita.	“– <i>Memórias são [...]</i> ”
		<b>Leitor</b>	Quando na pergunta que faz, parece mostrar entoação de dúvida ou mesmo uma ironia a respeito do entendimento da Emília sobre memórias, gênero tipicamente escrito.	<i>– Mas, afinal de contas, bobinha, que é que vc entende [...]?</i>		<b>Leitor</b>	Na definição que dá sobre memórias a partir de uma sua suposta circulação por esse gênero escrito	“– <i>Memórias são [...]</i> ”

Legenda: (lb) – locutor dona Benta; (re) – interlocutor Emília; (02) – referencia ao segundo enunciado do jogo enunciativo.

**Tabela 7-** Enunciado (03) do primeiro jogo enunciativo: narrador projetando Emília como locutor (le)

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (rb)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
6ª colocação: Narrador mostrando os interlocutores como PORTA- VOZES dos atos de enunciação (e) que produzem	Emília (03)	<b>Ouvinte Falante</b>	Em resposta à pergunta feita por Dona Benta.	– <i>Memórias são [...]</i>	Dona Benta	<b>Ouvinte</b>	Quando supostamente encerra a pergunta com uma definição	– <i>Memórias são [...]</i>
		<b>Leitor</b>	Quando responde à indagação de Dona Benta com uma definição de memórias.	– <i>Memórias são [...]</i>				

Legenda: (le) – locutor Emília; (rb) – interlocutor dona Benta; (03) – referencia ao terceiro enunciado do jogo enunciativo.

Nesse primeiro jogo enunciativo, os três enunciados que o compõem constituem-se como abertura da narrativa *Memórias da Emília*. Simulam um jogo enunciativo no qual o locutor narrador (LN), ao se colocar como tradutor de situações (sit) das quais participou como observador, bem como de mensagens (m) em uma delas produzidas, construídas como os enunciados (02) e (03), os reformula e organiza, como se na mensagem (M), por meio da qual enuncia, houvesse uma tradução do que é observado nessas situações e “falado” nas (m) produzidas em (02) e (03), ou seja, no diálogo simulado na interlocução entre (lb) e (re) – Dona Benta e Emília –, em alternância de papéis.

Pensando na dialogia instaurada pelo enunciado que nomeei de jogo enunciativo 01, foram identificados seis tipos possíveis de colocações dos papéis ocupados pelos interlocutores dos atos de enunciação (e) traduzidos pelo locutor narrador (LN) na mensagem (M) que enuncia.

Observando o enunciado (01), na 1ª colocação, (LN) – ao se colocar como narrador de atos outros de enunciação (e) – se projeta de modo implícito como um ouvinte/escrevente desses atos. Com efeito, o intensificador – *Tanto* – sugere um (LN) que **ouviu** inúmeras vezes, supostamente em inúmeros (e), a **fala** de Emília sobre suas memórias e que, pela **escrita** conta esse fato, simulando, nessa escrita, um par dialógico locutor (le) / interlocutor (rb) – Emília e Dona Benta –, em que atribui tanto a (le) quanto a (rb) a alternância de papéis de falante e de ouvinte. Os itens lexicais *falar* (atribuído a Emília) e *perguntou* (atribuído a Dona Benta) indiciam essa alternância de papéis. Sugere ainda um (LN) nos papéis de falante e de leitor, quando, para o primeiro papel, parece contar o que observou ou presenciou do ato de enunciação que narra – *Tanto* Emília falava [...] *que uma vez* – o intensificador que inicia a oração, seguido de uma subordinativa, indicia um (LN) que pode estar a narrar pelo modo de enunciação falado. Já para o segundo papel, o de leitor, esse mesmo (LN) quando inicia a narração sem apresentar os interlocutores, Emília e Dona Benta, do ato enunciação que traduz, sugere que esses interlocutores são personagens já conhecidos de outras narrativas, o que instancia também como conhecedor dessas narrativas seja pela leitura/escuta delas.

Sobre a projeção do interlocutor (R) na 1ª colocação, (LN) ao se mostrar possivelmente nos papéis de ouvinte, de falante, de leitor e de escrevente projeta um (R) interlocutor, supostamente imaginado por ele, nos papéis de ouvinte e de leitor, papéis estes passíveis de identificação das mesmas marcas linguísticas que o mostram como locutor (LN). Esse (R), supostamente imaginado por (LN), assume o papel de ouvinte quando parece estar a escutar a história contada pelo locutor (LN) – *Tanto* Emília falava [...] *que uma vez* [...] – e de leitor quando o (LN), mostra pela escrita, o desejo/insistência da fala da Emília de escrever suas

memórias, conduzindo o (R) a ver/interpretar as aspas ali alçadas do ato de enunciação que simula como dito por Emília – “*Minhas Memórias*” –, bem como quando esse (LN) parece supor um (R) que também é conhecedor de outras narrativas em que as personagens da interlocução que traduz – Emília e Dona Benta – fazem parte do enredo e, talvez, por isso dispense apresentá-las aos seu (R).

Com referência ao enunciado (01), só que agora na 2ª colocação – o narrador como tradutor de outros atos de enunciação (e) inscritos na mensagem (M) que enuncia – (LN), ao explicitar o desejo de Emília de escrever suas memórias, mostra nessa explicitação uma interlocução entre Emília e Dona Benta numa alternância de papéis de falante e de ouvinte. Emília é duplamente mostrada no papel de falante quando, pela tradução de (LN), em outros atos de enunciação (e), supostamente produzidos por ela, – *Tanto Emília falava* –, a boneca é mostrada como locutor (le) ou mesmo quando na projeção de falante marcada por um outro, como no questionamento de Dona Benta direcionado a ela – [...] *Dona Benta perguntou* – mostra-a como um interlocutor (re) ouvinte projetada como locutor (le) que assumirá o papel de falante, essa marca lexical, *perguntou*, evidencia esses papéis, ao mesmo tempo que instancia a matriarca do Sítio, Dona Benta, como locutor (lb) nos papéis de falante e de ouvinte também da interlocução, uma vez que o ato de perguntar pressupõe uma expectativa de resposta.

Em relação ao interlocutor (r), da 2ª colocação do enunciado (01), projetados na suposta fala da Emília como locutora (le) – *Tanto Emília falava em “Minhas Memórias”* [...] que uma vez *Dona Benta perguntou* – dois possíveis (r) podem ser recuperados: i. um (r) implicitamente sugerido – possivelmente o narrador e/ou qualquer outro personagem do Sítio – no papel de ouvinte que supostamente em várias conversas de (le), locutor Emília, escuta que ela irá escrever suas memórias; ii. (rb), explicitado em *Dona Benta*, nos papéis de ouvinte e de falante, mostrado na suposta interlocução descrita entre Emília como locutor (le) e interlocutor (re) e *Dona Benta* como interlocutor (rb) e locutor (lb), como evoca o enunciado narrado por (LN), em que elas são indiciadas como interlocutoras do (e) – *Tanto Emília falava em “Minhas Memórias”* [...] que uma vez *Dona Benta perguntou* – que elucida essa alternância enunciativa. Alternância também exemplificada na 3ª colocação, quando a mesma marca lexical indicia *Dona Benta* como locutor (lb) e interlocutor (rb) nos papéis de falante e de ouvinte da pergunta dirigida à Emília, projetando-a como (re) e (le) nos papéis de ouvinte e de falante do questionamento destinado à boneca.

Ainda no enunciado (01), na 4ª colocação, observa-se uma modalização autonímica, mostrada na (M) produzida por (LN) e marcada pelo sintagma nominal aspeado “*Minhas Memórias*”. Essa forma de modalização inscreve na (M) um (e) cujo funcionamento se mostra

como se (LN) reproduzisse igualmente a (m) de (l), nesse caso Emília. Assim, esse sintagma funciona como signo autônomo, na medida em que (LN) – o narrador – menciona palavras atribuídas a outro (le) – Emília. Nessa menção, parece ocorrer também ênfase à repetição do dizer atribuída por (LN) a (le), Emília, uma certa forma de avaliar o dizer (como insistente) de (le). Essa construção de enunciação parece indiciar um (LN) que projeta na autonomia uma representação de papéis na qual se mostra um (le), Emília, como ouvinte / falante / leitor / escrevente em projeção de um (r) ouvinte, na medida em que o sintagma nominal aspeado, além de relacionado a *falar*, alude a um contato de (le) com o gênero tipicamente escrito em questão (as memórias) em que se infere como ouvido/lido por (le) e que passará a escrever. Sobre o (r) – podendo ser o narrador ou mesmo Dona Benta ou mesmo qualquer outro personagem – possivelmente imaginado na modalização autonímica, esse é projetado no papel de ouvinte quando supostamente é quem escuta a fala insistente da Emília sobre escrever suas memórias – “*Minhas Memórias*”.

No que se refere ao par dialógico descrito nos enunciados **(02)** e **(03)**, este é organizado por uma voz enunciativa que, como antecipamos, se mostra como a voz de um (LN) na função de narrador de um outro ato de enunciação (e). Esse par – que, construído como externo a (E), assume a configuração de pergunta, em **(02)**, e de resposta, em **(03)** – é dialógico também no sentido de que simula uma conversa (as marcas de travessão exemplificam essa simulação) entre interlocutores. Nessa simulação, no enunciado **(02)**, o (lb) – Dona Benta – é representado como um falante, papel indiciado, por exemplo, por meio das marcas de pontuação *travessão* e *interrogação*, e também como ouvinte, já que o sinal de interrogação, além de situá-lo como falante, cria a expectativa de (lb), Dona Benta, ser colocado / se colocar como (rb) do segundo elemento do par dialógico. No mesmo (e), (lb), Dona Benta, é representado também como leitor, papel sinalizado pela própria entoação de dúvida lançada pelo (lb) ao direcionar uma pergunta a (re) – Emília –, sobre um gênero discursivo tipicamente escrito (as memórias). Reforçam a construção de (lb) no papel de leitor também a conjunção adversativa *Mas*, o aposto, caracterizado por um chamamento no diminutivo, *bobinha*, e a remissão ao gênero *memórias* a partir de uma indagação: *que é que você entende por memórias?*. Destaque-se, por fim, que essas mesmas pistas linguísticas projetam (re) – Emília – como ouvinte, falante e leitor.

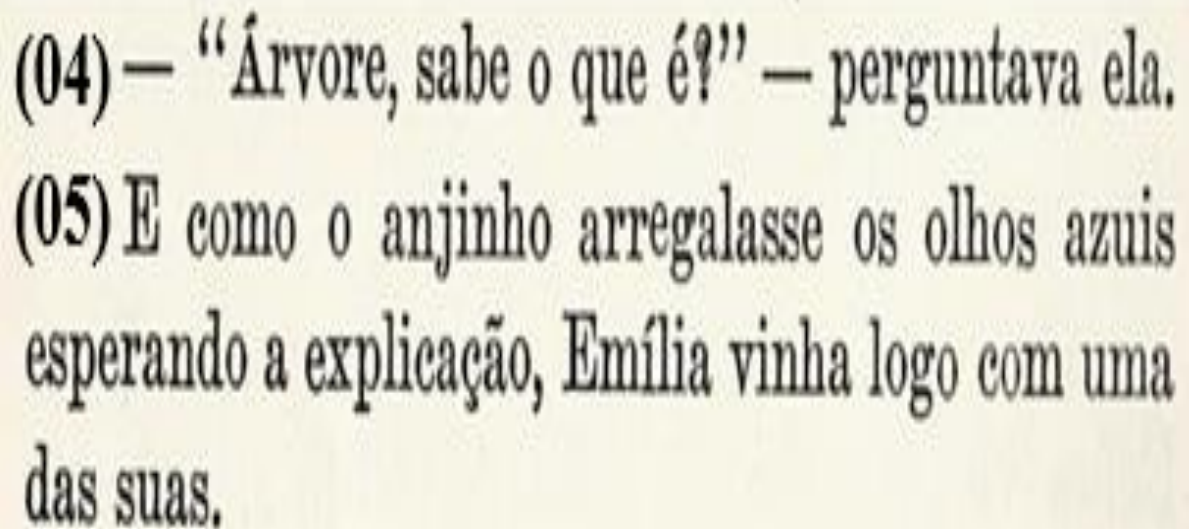
Já no enunciado **(03)**, a definição construída como produzida por (le) – agora Emília – indicia um (le) sendo representado nessa dialogia nos papéis de ouvinte / falante / leitor. Ouvinte, porque, na simulação do diálogo, responde ao que foi indagado. Falante, porque é indiciado pela marca gráfica de travessão que geralmente sinaliza na escrita de narrativas um turno de fala. Leitor, porque, no ato de resposta, enuncia uma (sua) definição sobre a

configuração de um gênero tipicamente escrito. A resposta de (le), Emília, – *Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.* – marca sua asserção sobre o conceito de memórias e projeta um (rb), Dona Benta, no papel de ouvinte da assertiva dada.

#### 4.1.2 Segundo jogo enunciativo: *Visconde* como locutor (lv)

Passo ao segundo jogo enunciativo: o narrador projetando *Visconde* como locutor. Para ilustrá-lo, apresento os seguintes enunciados:

**Imagem 3-** Exemplificação do enunciado concreto do segundo jogo enunciativo do primeiro objetivo



(04) — “Árvore, sabe o que é?” — perguntava ela.  
(05) E como o anjinho arregalasse os olhos azuis esperando a explicação, Emília vinha logo com uma das suas.

Fonte: LOBATO, 1969 [1936], p. 16.

**Tabela 8-** Enunciados (04) e (05) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (lv)

Colocação	LOCUTOR (lv)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (r)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
1ª colocação: Visconde como TRADUTOR do Ato de Enunciação (E)	Visconde (04)/(05)	<b>Ouvinte</b>	Como observador que presencia (vê e escuta) a conversa entre Emília e Anjinho	<i>[...] perguntava ela</i> <i>E como o anjinho arregalasse os olhos azuis [...]</i>	Possível interlocutor imaginado para ler as memórias ou mesmo Emília	<b>Leitor</b>	Quando tenta simular a escrita das memórias como realizadas por Emília	“ <i>aspas</i> ”
		<b>Escrevente</b>	Na simulação que faz pela escrita dessa conversa entre Emília e o Anjinho	“ <i>aspas</i> ”				

Legenda: (lv) – Locutor Visconde; (r) – Interlocutor; (04) e (05) - referência aos enunciados do segundo jogo enunciativo.

**Tabela 9-** Enunciado (04) do segundo jogo enunciativo: Visconde projetando Emília como locutor (le)

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (ra)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
2ª colocação: Visconde como TRADUTOR do Ato de Enunciação (e)	Emília (04)	<b>Falante</b>						
		<b>Ouvinte</b>	Quando pergunta a Anjinho sobre o significado determinada palavra e aguarda uma resposta	<i>Sinal gráfico de pontuação: Travessão (–) Interrogação (?) aspas</i>	Anjinho	<b>Ouvinte</b>	Quando escuta a pergunta a ele destinada e é colocado na posição de respondente	“esperando a explicação” “Árvore, sabe o que é?”
		<b>Escrevente</b>					<b>Falante</b>	

Legenda: (le) – Emília como locutor; (ra) – anjinho como interlocutor; (04) - referência ao primeiro enunciado do segundo jogo enunciativo.

**Tabela 10-** Enunciado (05) do segundo jogo enunciativo: Visconde projetando o anjinho como locutor (1a)

Colocação	LOCUTOR (1a)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (re)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
3ª colocação: Visconde como TRADUTOR do Ato de Enunciação (e)	Anjinho (05)	Ouvinte	Na projeção da pergunta de Emília, em que Anjinho, ao não responder verbalmente, como esperado, preenche o turno com comunicação não verbal	<i>E como o anjinho arregalasse os olhos azuis esperando a explicação [...]</i>	Emília	Ouvinte	Quando aguarda uma resposta de Anjinho	<i>Emília vinha logo com uma das suas</i>
		Falante				Falante		

Legenda: (1a) – anjinho como locutor; (re) – Emília como interlocutor; (05) - referência ao segundo enunciado do segundo jogo enunciativo.

Os enunciados **(04)** e **(05)** correspondem, respectivamente, a um ato de enunciação (e), cuja mensagem (m) é recontada por (lv) que, na posição de narrador (Visconde, no caso em questão), assume o papel de escrevente da situação enunciativa evocada acima: a simulação de uma conversa sobre as coisas da Terra entre Emília e o anjinho que ela trouxera de uma viagem ao céu. Trata-se, portanto, de uma simulação de escrita na escrita, o que permite várias interpretações sobre os papéis ocupados pelos interlocutores.

Inicialmente, observa-se que, ao projetar (lv) – o personagem Visconde – como narrador das memórias, (LN) o inscreve no papel de escrevente. O aspeamento é um importante indício dessa projeção. Com efeito, quando (LN) se mostra como narrador e tradutor do discurso direto, este não é aspeado, como se observa nos seguintes enunciados:

**(06)** O Visconde começou a assoprar e a abanar-se. Por fim disse:

**(07)** – Sabe que mais, Emília? O melhor é você ficar sozinha aqui até resolver definitivamente o que quer que eu escreva. Quando tiver assentado, então me chame. Do contrário a coisa não vai. (LOBATO, 1969 [1936], p. 8).

Diferentemente, porém, ao projetar o personagem Visconde como narrador, ou seja, como (lv), (LN) inscreve sua distância em relação ao (lv) pelo aspeamento no (fio do) discurso, como se verifica no enunciado **(04)** acima – “– *Árvore [...]*.”. Em outras palavras, ao se colocar como tradutor de um discurso direto, (LN) não marca a (sua) posição de escrevente; antes, atribui-a a (lv), como se essa marca – o aspeamento – funcionasse como modo de mostrar a (R), numa projeção que o coloca no papel de leitor, a simulação de uma escrita na escrita. Além dessa marca, a simulação de um par dialógico externo, (le) e (ra), inscrito por uma indagação, e a marcação lexical de tempo e de pessoa, *perguntava*, projetam para esse (lv) outro papel: o de ser ouvinte do (e) que traduz.

O aspeamento também pode ser interpretado como uma tentativa de (lv), locutor Visconde, no papel escrevente, simular um outro (le) – Emília – nos papéis de falante, de ouvinte e de escrevente, já que esse (le) – em outro ato de enunciação – é quem atribui a (lv) o papel de escrevente, como se ela mesma, (le), estivesse a escrever suas memórias, o que resulta em (lv), Visconde, simular uma escrita prevista por outro (le), Emília, que, nessa projeção do enunciado **(04)**, assume os papéis de falante – a própria marca de travessão indicia esse papel –, de ouvinte – o sinal de pontuação de interrogação indicia essa condição – e de escrevente –, já que as aspas também podem indiciar essa tentativa de (lv) de marcar (le), Emília, como narrador escrevente das memórias.

Outra possibilidade ainda se mostra nesse enunciado **(04)**: ao se projetar/ser projetado no papel de escrevente, (lv) reduplica (com sinal de travessão e com aspas) o que seria a “fala” de outro locutor, no caso Emília, seguida da narração em terceira pessoa – *perguntava ela* –, que parece marcar esse papel de escrevente, mas também de ouvinte, que “conta” algo observado. Esses papéis

parecem ser reforçados no enunciado (05), em que (lv) continua a traduzir o (e) que observa da suposta conversa entre (le), Emília, e (ra), anjinho, como indica o verbo que expressa o espanto do interlocutor de Emília – “E como o anjinho *arregalasse* os olhos azuis [...]”.

A simulação de um par dialógico externo demonstrada por (lv), chamada aqui de enunciado (04), expõe uma suposta conversação entre (le), Emília, e (ra), anjinho, em que (le), assumindo-se como porta-voz, projeta-se nos papéis de falante e de ouvinte, uma vez que destina uma pergunta ao seu interlocutor e esse (ra) é projetado por (le) nos papéis de ouvinte e de falante, já que, da escuta de uma pergunta, se esperaria uma resposta, como explicitado no enunciado (04), - “*Árvore sabe o que é?*”, em que os sinais gráficos de travessão e de interrogação marcam esses papéis.

No que se refere ao enunciado (05), este, como uma narração de (lv) na qual (lv) se mostra como narrador de um (e) em outro plano de enunciação, explicita os interlocutores nos papéis de falante e de ouvinte numa alternância enunciativa. Assim, (lv) marca (la) – locutor Anjinho – como falante, quando este, ao invés de verbalizar, expressa um dizer por meio de expressão física, gestual, tal qual expressa o verbo – *arregalasse* –, como se demonstrasse espanto, desconhecimento, da pergunta que lhe feita. Esta mesma marca sugere (la) também no papel de ouvinte, na medida em que, ao mesmo tempo, o espanto resulta de uma fala e caracteriza uma escuta, reforçada pela narração de (lv) de que (la) esperava uma explicação, uma vez que é projetado como (ra) da explicação de (le).

De modo geral, o que se observa nesses dois enunciados, (04) e (05), é que, ao simular a escrita de memórias de (le), Emília, (lv) se projeta como escrevente/ouvinte dos (e) que narra. O conjunto de marcas destacadas indicia esses papéis, ao enfatizar, na narração de (lv), a presença de um par dialógico simulado como externo, que mostra os papéis de falante para (le), Emília, – *perguntava ela* –, e de ouvinte para (ra), anjinho, – *esperando a explicação*. Essa construção enunciativa coloca, pois, (lv) na posição de um observador ouvinte dos (e) que reconta. O fato de esses dois enunciados comporem uma escrita na escrita, uma vez que se trata da simulação da escrita de (lv), acaba por projetar, nesses enunciados, um (R) no papel de leitor.

#### 4.1.3 O terceiro jogo enunciativo: *Emília* como locutor (le)

Passo, por fim, ao terceiro jogo enunciativo, no qual o narrador projeta Emília como locutora, ora ditando ora escrevendo suas memórias. Para tanto, veja-se o seguinte enunciado que corresponde a Emília como (le) ditando suas memórias:

**Imagem 4-** Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do primeiro objetivo: (le) ditando

**(08)** — Vamos! — /disse ela depois de ver tudo pronto, / Escreva bem no alto do papel: Memórias da Marquesa de Rabiçó. Em letras bem graúdas.

Fonte: LOBATO, 1969 [1936], p. 6.

**Tabela 11-** Enunciado (08) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) ditando

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (rv)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
Locutor como PORTA-VOZ do ato de enunciação (E)	Emília (08)	<b>Falante</b>	Na ordem dada ao seu interlocutor	“-Vamos!” “- Escreva ...”	Visconde	<b>Ouvinte</b>	Na escuta da ordem para execução da escrita	“- Vamos!”
		<b>Escrevente</b>	Na ordem dada ao seu interlocutor	“- Vamos!” “- Escreva ...”		<b>Escrevente</b>	Na escuta da ordem para execução da escrita	“- Escreva...”
		<b>Leitor</b>	Na ordem dada ao seu interlocutor	“Em letras bem grudadas”		<b>Leitor</b>	Na escuta da ordem para execução da escrita	“Em letras bem grudadas”

Legenda: (le) – Locutor Emília; (rv) – Interlocutor Visconde; (08) - referência ao enunciado do terceiro jogo enunciativo.

O enunciado (08) se caracteriza por uma simulação de diálogo construído como externo por (LN). A modalização marcada pelo verbo *dicendi* – “disse ela depois de ver tudo pronto.” – elucida esse outro (e), em que (le), enquanto porta-voz do ato de enunciação (e) narrado, mostra-se representado nos papéis de falante, de escrevente e de leitor. A conexão entre duas marcas de pontuação (o travessão e o ponto de exclamação) e o verbo *Vamos*, como chamamento para o interlocutor, indiciam o papel de falante atribuído a (le), Emília. Já o conjunto de marcas *Escreva*, indicando um comando, seguido da orientação de uma certa forma de distribuir graficamente a escrita, representada pelo adjunto adverbial de lugar e pelo objeto direto – *bem no alto do papel: “Memórias da Marquesa de Rabicó”* –, indicia um registro espacial organizado por um padrão escritural, modelar, de como iniciar um texto, fato que evoca a circulação do (le) por práticas de escrita e de leitura institucionalizadas, em que o objeto do que é para ser escrito, aqui sugerido pelo título, fique em destaque, ou seja, *Em letras bem graúdas*, conforme afirma o (le) desse dizer. Essa fala projeta, ainda, (rv), Visconde, no papel de ouvinte (na medida em que “escuta” o enunciado) e de escrevente (na medida em que recebe instruções de como escrever) e de leitor (na medida em que antecipa, pelo tipo de letra, um efeito esperado de leitura). Assim, em síntese, (le), Emília, se mostra representada como falante, como escrevente e como leitor, projetando um (rv), Visconde, como ouvinte, como escrevente e como leitor.

No que diz respeito a Emília como (le), só que agora no papel de escrevente, veja-se o seguinte enunciado:

**Imagem 5-** Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do primeiro objetivo: (le) escrevendo

**(09)** Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas, muito bem. Se não gostaram, pílulas! Tenho dito.

*EMÍLIA, Marquesa de Rabicó.*

Sítio do Picapau Amarelo,  
10 de agosto de 1936.

Fonte: LOBATO, 1969 [1936], p. 146.

**Tabela 12-** Enunciado (09) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) escrevendo

Colocação	LOCUTOR (le)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística	INTERLOCUTOR (r)	Papéis	Em que momento	Marca Linguística
<b>Como PORTA-VOZ do ato de enunciação (E)</b>	Emília (09)	<b>Falante</b>		“Respeitável público, até logo. Disse que escreveria (...). Tenho dito.”	Público imaginado	<b>Ouvinte</b>	No encerramento das Memórias da Emília, como se estivesse a contar para um suposto público.	“Respeitável público” / “Disse...”
		<b>Escrevente</b>	No encerramento das suas memórias pela escrita, quando se utiliza de um modo de narrar característico de apresentações orais formais e destina ao seu possível público a escolha de gostar ou não do que foi dito/lido nas memórias.	“Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi”.		<b>Leitor</b>	No encerramento das memórias como se estivesse a projetar o leitor lendo-as	“Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi”
		<b>Leitor</b>		“Se não gostaram, pílulas”		Personagens do sítio (Visconde, Dona Benta, Pedrinho, Emília)	<b>Ouvinte</b>	Das inúmeras vezes que disse que escreveria suas memórias

Legenda: (le) – Locutor Emília; (r) – interlocutor de (le); (09) – referência ao enunciado do terceiro jogo enunciativo.

O enunciado (09), embora não apresente marca de pontuação que remeta a um falante, de alguma maneira indicia esse papel, dada a não autonomia da escrita em relação à fala no próprio processo de escrita, como explicita Corrêa (2004). Com efeito, indício desse papel se mostra na forma como (le), Emília, se representa como falante, por um modo de narrar característico de despedidas faladas formais – *Respeitável público, até logo*. Essas mesmas marcas linguísticas acabam, também, por projetar um (r) nos papéis de ouvinte (pela “escuta” do enunciado), de leitor (já que se trata da simulação de uma possível leitura de memórias escritas) e, mesmo, de falante, quando se simula a atribuição a esse (r) da escolha por gostar ou não do que foi dito/lido nas memórias – *Se gostaram delas, muito bem. Se não gostaram, pílulas! (...)*. O verbo – *disse* – também funciona como marca que retoma um (r), que, embora não referenciado, é mostrado como supostamente aquele que ouviu (le) enunciar que escreveria suas memórias em outros (e), recuperados no verbo com marco temporal no passado, o que evidencia o papel de ouvinte para ele.

(le), Emília, também se projeta como escrevente, na medida em que todo o enunciado em questão é simulado como a finalização da escrita de memórias de (le). Essa projeção faz de (r) também um leitor, que, por poder validar, de algum modo, o que leu, mostra sua circulação por práticas de letramento. O modo como as memórias são finalizadas por (le) parece reproduzir um modelo de escrita em que a conversa com o suposto leitor é permitida, ao demonstrar certa circulação desse escrevente por textos que assumiram esse modo de narrar (tais como alguns de Machado de Assis)<sup>19</sup>, reproduzindo essa circulação dialógica na escrita, mas com a irreverência/singularidade daquele que narra – *“Se não gostaram, pílulas! Tenho dito.”*

\* \* \*

Nos três jogos enunciativos analisados, supostamente organizados por (LN), o narrador das *Memórias da Emília* simula relações dialógicas projetadas como enunciadas por interlocutores que desempenham múltiplos papéis numa alternância enunciativa. Os interlocutores, nesses jogos, parecem não assumir posições estanques de serem somente falante em (l) e ouvinte em (r) nem assumir somente um papel enunciativo. A multiplicidade de papéis acaba por indiciar uma não dicotomização dos interlocutores, mostrando uma constituição heterogênea da escrita, no sentido de que essa multiplicidade evocaria diferentes trânsitos e formas do já falado/escrito na escrita.

---

<sup>19</sup> Por exemplo: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2006 [1881]), *Quincas Borba* (2009 [1891]), *Dom Casmurro* (1996 [1899]), dentre outros textos desse autor.

## CAPÍTULO 5

### COMPLEXIDADE ENUNCIATIVA: RELAÇÃO EU/OUTRO

Emília pensou, pensou, e por fim disse: (...).  
(LOBATO, 1939 [1969], p.7).

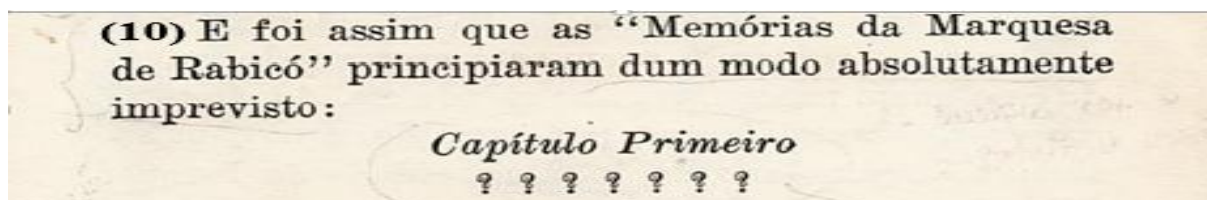
É na e pela linguagem que o homem (se) narra, diz, enuncia. Esse ato de simbolizar pela linguagem, analogia ao pensar da personagem, já aponta para dialogia eu/outro constitutiva da enunciação. Num dizer, um *um* se instaura e se mostra prontamente marcado – por uma reflexividade metaenunciativa, ou seja, por um jogo de enunciação sob enunciação –, no (fio do) discurso. A exemplo de Emília, que *pensa, pensa*, para dizer, este capítulo é pensado em remissão ao segundo objetivo específico deste trabalho: *descrever em que planos da complexidade enunciativa esses aspectos do deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento são representados no material de análise*. Para tanto, recupera-se, especialmente, Authier-Revuz, para quem “[...] todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69). Retomo as *formas explícitas da heterogeneidade* como ponto de partida para a descrição desses planos enunciativos, com os quais se mostra representada a relação eu/outro nos enunciados selecionados.

Para a descrição dos planos enunciativos, sigo o esquema do ato de enunciação exposto por Authier-Revuz (1998), referenciado no capítulo sobre a metodologia, bem como as formas de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO) propostas pela mesma autora, enquadramento teórico esboçado também na metodologia. Essa descrição será feita com base nos mesmos tipos de jogos enunciativos que subsidiaram a análise anterior, dos papéis enunciativos.

#### 5.1 Relação eu/outro no primeiro jogo enunciativo: *narrador* como locutor (LN)

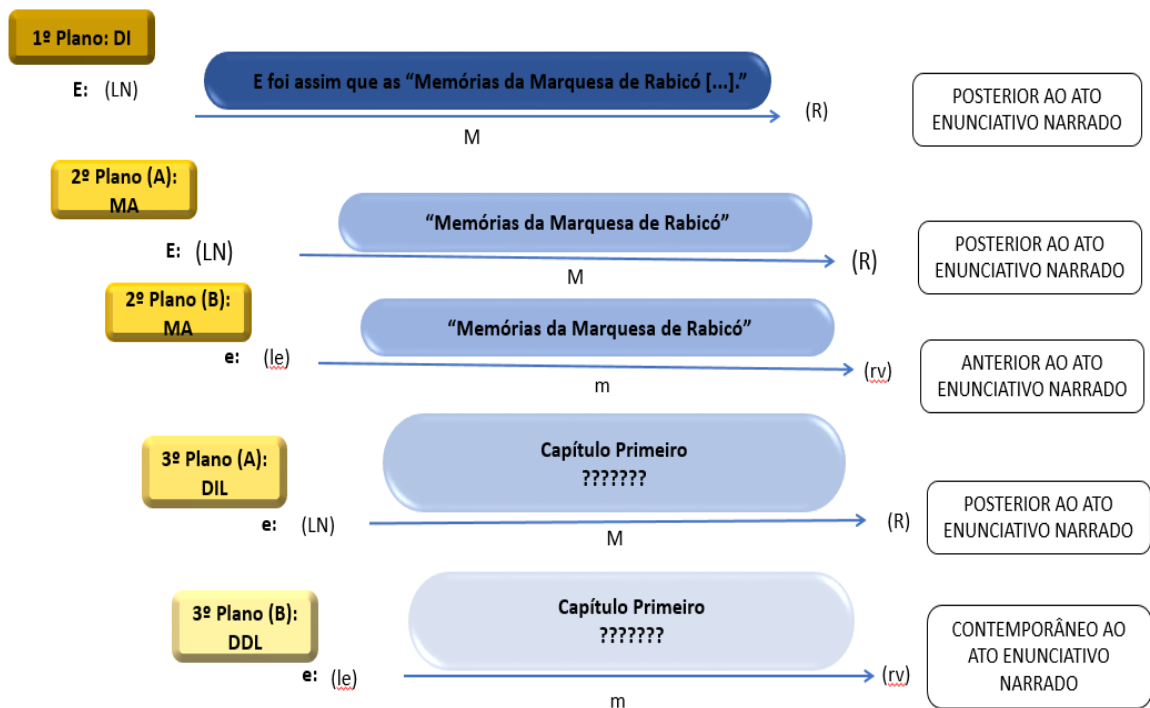
Com o olhar para a relação eu/outro, passo, então, ao exemplo do primeiro jogo enunciativo: o do narrador como (LN):

**Imagem 6-** Exemplificação do enunciado concreto do primeiro jogo enunciativo do segundo objetivo



Fonte: LOBATO, (1969 [1936], p. 7).

**Esquema 2-** Enunciado (10) do primeiro jogo enunciativo: narrador como locutor (LN)



**Legenda:** Planos – corresponde à forma de inscrição do outro, forma que pode ser mostrada por locutores diferentes, o que chamaremos de Plano (A) e de Plano (B); DI - discurso indireto; MA - modalização autonímica; DIL - discurso indireto livre; DDL - discurso direto livre; (LN) - locutor narrador; (le) - locutor Emília; (R) - interlocutor; (rv) - interlocutor Visconde; (M)/(m) – mensagem (marca linguística).

O ato enunciativo (E), caracterizado no enunciado (10) do primeiro jogo enunciativo, recupera, a partir das formas linguísticas, atos de enunciação anteriores, marcados temporalmente, no presente dessa enunciação. A própria expressão oracional, e enfatizamos o uso do advérbio – “E foi **assim** [grifo nosso] que as “Memórias da Marquesa de Rabicó [...]” – marca essa remissão a outros atos enunciativos (e) inscritos na mensagem (M) de (E). A mensagem (M) desse (E) é mostrada por um (LN), locutor narrador, que, ao se colocar como tradutor da (m) de um outro (e), organiza-a por meio de uma maneira de dizer o “dito” nesse outro (e) ora narrando esse dizer ora parecendo mostrar o locutor desse (e) como porta-voz dos acontecimentos. No ato de narrar, vê-se a apropriação de um dizer por (LN), que parece ter presenciado enunciações que posteriormente vai contar – a mesma expressão oracional já mencionada neste parágrafo alude a essa participação. Ao se mostrar o que o (LN) faz quando narra o dizer do outro, mostra-se o que Authier-Revuz (2004) chama de formas metaenunciativas, ou seja, formas de auto-representação do dizer.

De modo geral, na descrição do plano enunciativo que circunscreve (E), no enunciado (10), a não marcação na escrita de um par dialógico que simulasse um diálogo externo sobre o que é dito em (e) inscreve o (E) nas formas (marcadas) de representação de um dizer, de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO). Antes de retomar essas formas indiciadas no (E), explorei possibilidades de leitura de como esse (E) foi organizado ao irromper do (*fio do discurso*). Trata-se de um (E) produzido por (LN), narrador das *Memórias da Emília*, que se põe a observar um ato enunciativo (e) e que, na tradução da (m) produzida nesse (e), parece se colocar como leitor e escrevente dessa (m), já que faz uso e menção do “*modo absolutamente imprevisto*”, como ele mesmo enuncia, de como se deu o início da escrita das *Memórias da Marquesa de Rabicó* produzida nesse outro (e), mostrando ao seu (R) imaginado, numa dimensão gráfico-espacial, esse modo, supostamente lido e, agora, reescrito conforme enunciado (e) no qual leu:

Capítulo Primeiro  
???????

Mas esse mesmo índice de escrita que exemplifica o modo como a narrativa *Memórias da Marquesa de Rabicó* principiou parece sugerir uma mudança enunciativa, uma mudança de plano enunciativo, em que (LN), não marcando essa mudança por meio de um sintagma introdutor, deixa mostrar um outro (e) que alude a um par de interlocutores (le) e (rv), Emília e Visconde, responsáveis pela elaboração desse dizer. É como se (LN), ao se apagar como locutor, inscrevesse nesse outro (e), que supostamente estava a acompanhar ou mesmo leu, o momento em que essa enunciação acontece. Essa forma de leitura se mostra possível se recuperarmos os enunciados que antecedem esse dizer:

O Visconde escreveu:  
MEMÓRIAS DA MARQUESA DE RABICÓ  
- Agora escreva: Capítulo Primeiro.  
O Visconde escreveu e ficou à espera do resto.  
(...)  
- Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação – insistiu a boneca. – Não vê que estou indecisa, interrogando-me a mim mesma? (LOBATO, 1969 [1936], p. 7).

Não é intenção analisar esses enunciados, mas observar como o par dialógico (le) e (rv), Emília e Visconde, respectivamente, estabelece uma interlocução, interlocução imaginada por (LN), em que (le), Emília, dita para (rv), Visconde, o que escrever – um dos índices que marca essa

interlocução, por exemplo, é o imperativo *Bote* seguido do índice de lugar, *aí*, em remissão à escrita. Expomos esses índices para retomar “o modo absolutamente imprevisto” com que essa escrita se inicia, na visão de (LN), narrador das *Memórias da Emília*. É essa sequência que leva a interpretar tal representação desse modo na escrita como uma tentativa de (LN) traduzir a (m) escrita por (rv), Visconde, em outro (e), ou seja, como uma simulação de escrita de como supostamente o interlocutor do par dialógico – Visconde – escreveu o que Emília ditou. Mas pode significar também uma menção ao momento de enunciação dessa (m); dito de outro modo, uma mudança de plano enunciativo.

Ainda em relação a essa organização do dizer de (LN) sobre (e), ao remeter ao modo como as “(...) *‘Memórias da Marquesa de Rabicó’ principiaram (...)*” – e na interpretação que (LN) faz desse início de construção textual de (le), Emília, em outro ato enunciativo (e), para começar suas memórias, “(...) *modo absolutamente imprevisto (...)*”, conforme suas (de LN) palavras –, (LN) parece reforçar o papel de leitor que projeta para si, uma vez que a sequência lexical *absolutamente imprevisto* parece posicioná-lo como conhecedor de um padrão, modelar, de como iniciar um texto, ou seja, expõe uma negociação do *sentido do discurso consigo mesmo*, marca uma não-coincidência do dizer entre (LN) e (le), Emília, enquanto locutor narrador, no que eles entendem como um início de escrita de narrativa de memórias.

Tratando especificamente das formas de inscrição do discurso-outro, essas formas, no (*fi* do) *discurso* inscritas em (E), podem ser projetadas em três planos de representação: (i) forma marcada para o primeiro; (ii) forma marcada que exige trabalho interpretativo para o segundo, e (iii) forma puramente interpretativa para o terceiro.

Com atenção ao primeiro plano, ao ato de enunciação que irrompe da enunciação organizada por (LN), esse ato – que tem seu funcionamento marcado pela tradução que (LN) faz do diálogo que supostamente presenciou entre (le), Emília, e (rv), Visconde –, é construído a partir da *forma marcada* de discurso indireto (DI). Não só a ausência de pontuação, como, por exemplo, marca de travessão – e não estamos aqui a afirmar que uma escrita que não apresente tal marca não possa indiciar um diálogo com funcionamento em discurso direto livre –, deflagra essa forma de representação do discurso. A própria elaboração do dizer por (LN) – toma-se como exemplo a expressão oracional “*foi assim*” – (re)narra, a partir da presentificação de um marco temporal no passado – o advérbio *assim* sugere essa presentificação da enunciação no aqui / agora – acontecimentos anteriores a esse dizer de (LN). Essa elaboração de (LN) indicia, ainda, um (E) que traduz/interpreta outros (e) já ocorridos no momento da enunciação de (LN) a partir da forma discurso indireto (DI), em que (LN) (que também é representação), assume a organização do dizer. Nessa forma do discurso, ao se mostrar como tradutor, com

“suas” palavras, (LN) “[...] remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12), ou seja, reformula a (m) produzida em outra (e). Ou seja, ao mencionar o modo como principiaram as Memórias da Marquesa de Rabicó – “*E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó[...]*” – (LN) remete à interlocução entre (le), Emília, e (rv), Visconde, interlocução que ocorre anteriormente ao momento de narração em que (LN) enuncia, diferença de temporalidade indiciada pela expressão “*E foi assim*”.

Nesse mesmo plano de enunciação, um segundo plano se inscreve. Possivelmente recuperado na cadeia do (E), são as marcas de aspas e de entonação de modalização autonímica mostradas na referenciação de (LN) a um outro discurso – “*Memórias da Marquesa de Rabicó*” – que explicitam esse segundo plano como *forma marcada que exige trabalho interpretativo*. Essa forma parece inscrever dois atos enunciativos: (a) o de (LN), que, na menção à escrita “*Memórias da Marquesa de Rabicó*” alude a um ato enunciação (e) que diferencia essa escrita da escrita de *Memórias da Emília*, mostrando, assim, diferentes eventos de escrita no plano ficcional da narrativa; (b) também o de (LN), que, na modalização autonímica, acaba por mostrar uma escrita produzida nesse outro ato de enunciação (e), advinda da interlocução entre (le) – Emília – e (rv) – Visconde –, num momento anterior ao da enunciação de (LN). As aspas e a entonação de modalização autonímica funcionam como índices de marcação dessas possibilidades de leitura da modalização, que referencia mensagens (m) produzidas em outra situação enunciativa. Essa entonação ainda é reforçada pelo uso do artigo definido “*as*” – “*E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó’*” – que identifica uma escrita, e não qualquer escrita, m a do gênero *memórias*, escrita supostamente empreendida, na narração, por Emília. A autonímia representada pelo sintagma nominal se inscreve como uma menção de (LN) à escrita que ele imagina realizada por outro locutor (l) em outro ato de enunciação (e).

Além da forma marcada que exige trabalho interpretativo, percebe-se, ainda, no enunciado (10), um terceiro plano, representado pelas formas puramente interpretativas *discurso indireto livre* (DIL) e *discurso direto livre* (DDL). Relembre-se que essas formas puramente interpretativas dependem da situação discursiva, situacional, que caracteriza seu funcionamento. Assim, no enunciado (10), em:

### Capítulo Primeiro ???????

se se toma a narração sobre o “modo absolutamente imprevisito” atribuído por (LN) à escrita de (rv), Visconde, do que lhe foi ditado por (le), Emília, (LN), na tentativa de marcar o modo de

escrita de (rv), acaba se deslocando para outro plano de enunciação, em que se coloca enquanto locutor, escrevente, desse dizer, mostrando a (R) sua interpretação de como tal dizer foi construído no modo de enunciar escrito. O funcionamento desse plano parece mostrar um DIL, uma vez que (LN), como aquele que enuncia pela escrita, não introduz nenhum dêitico que marque a mudança de enunciação, mas simula mostrar a forma como a narrativa principiou ao assumir o modo de enunciar de um outro interlocutor – no caso, Visconde –, suposto escrevente desse dito em outro ato de enunciação (e). Essa mesma marca

### Capítulo Primeiro

???????

também pode sugerir um discurso direto livre (DDL), como se (LN), ao narrar a mensagem desse outro (e), simulasse, no (fio do) discurso, o momento de enunciação do qual é narrador, como se mostrasse o ato de enunciação (e) durante o momento que ele ocorre, sem marcação de um introdutor. Os dêiticos de pessoa, de tempo e de lugar ficam sugeridos nesse enunciado que remete a Visconde escrevendo o dizer ditado por Emília.

Em síntese, ao mostrar um (LN), aqui narrador das *Memórias da Emília*, que se coloca como tradutor da (m) de um (e) construído como anterior ao marco temporal do momento narrado, o (E) instaura, no (fio do) discurso, formas de representação que demonstram diferentes planos de enunciação em relação dialógica.

## 5.2 Relação eu/outro no segundo jogo enunciativo: *Visconde* como locutor (lv)

Passemos ao segundo jogo enunciativo, o do narrador projetando Visconde como locutor (lv). Para tanto, veja-se o recorte:

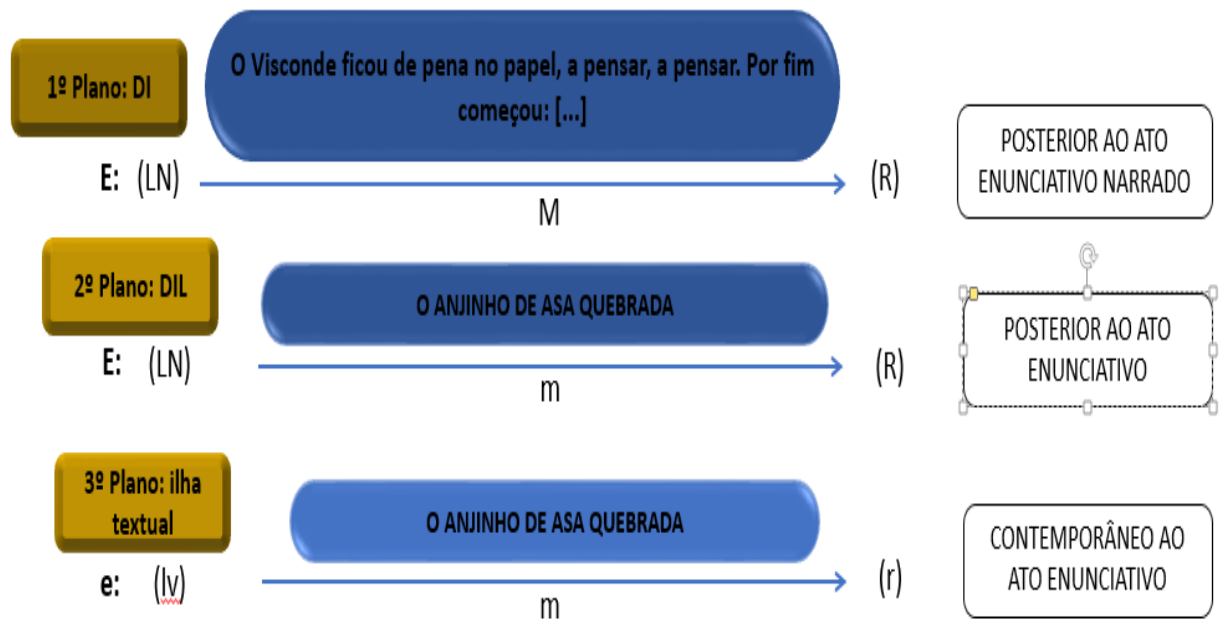
### **Imagem 7-** Exemplificação do enunciado concreto do segundo jogo enunciativo do segundo objetivo

**(11)** O Visconde ficou de pena no papel, a pensar, a pensar. Por fim começou:

#### **(12)** O ANJINHO DE ASA QUEBRADA

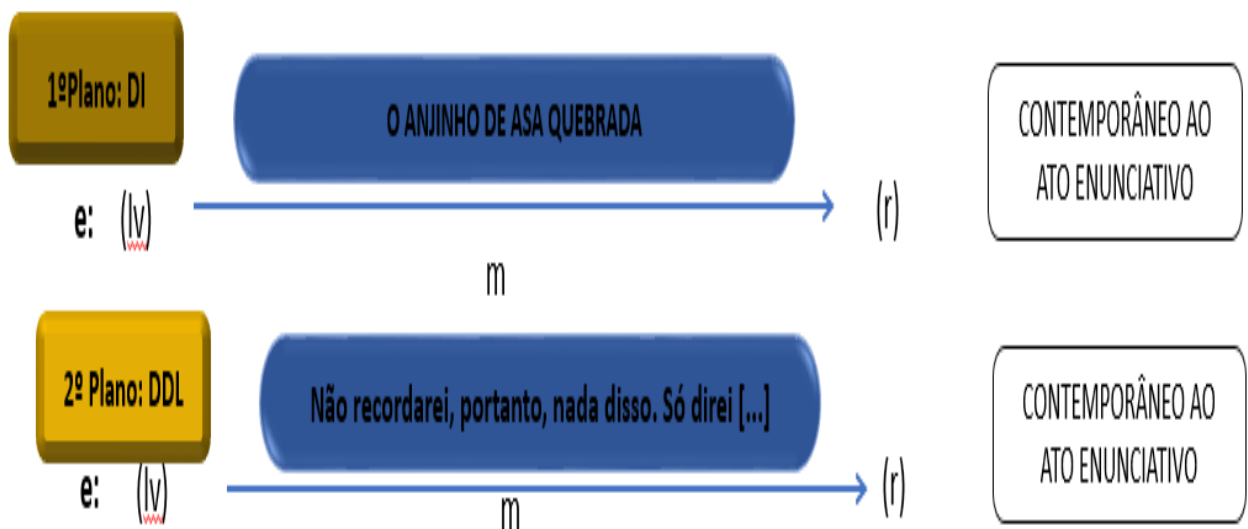
As crianças que leram as *Reinações de Narizinho* com certeza também leram a *Viagem ao Céu*, onde vêm contadas as aventuras dos netos de Dona Benta, da Emília e também as minhas no país dos astros. Não recordarei, portanto, nada disso. Só direi que houve lá por cima tais estrepolias que os astrônomos da Europa vieram queixar-se a Dona Benta das brincadeiras que estavam perturbando a harmonia celeste. Dona Benta, então, nos chamou para baixo com um bom berro: “Desçam já daí, cambada!”

**Esquema 3-** Enunciado (11) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (lv)



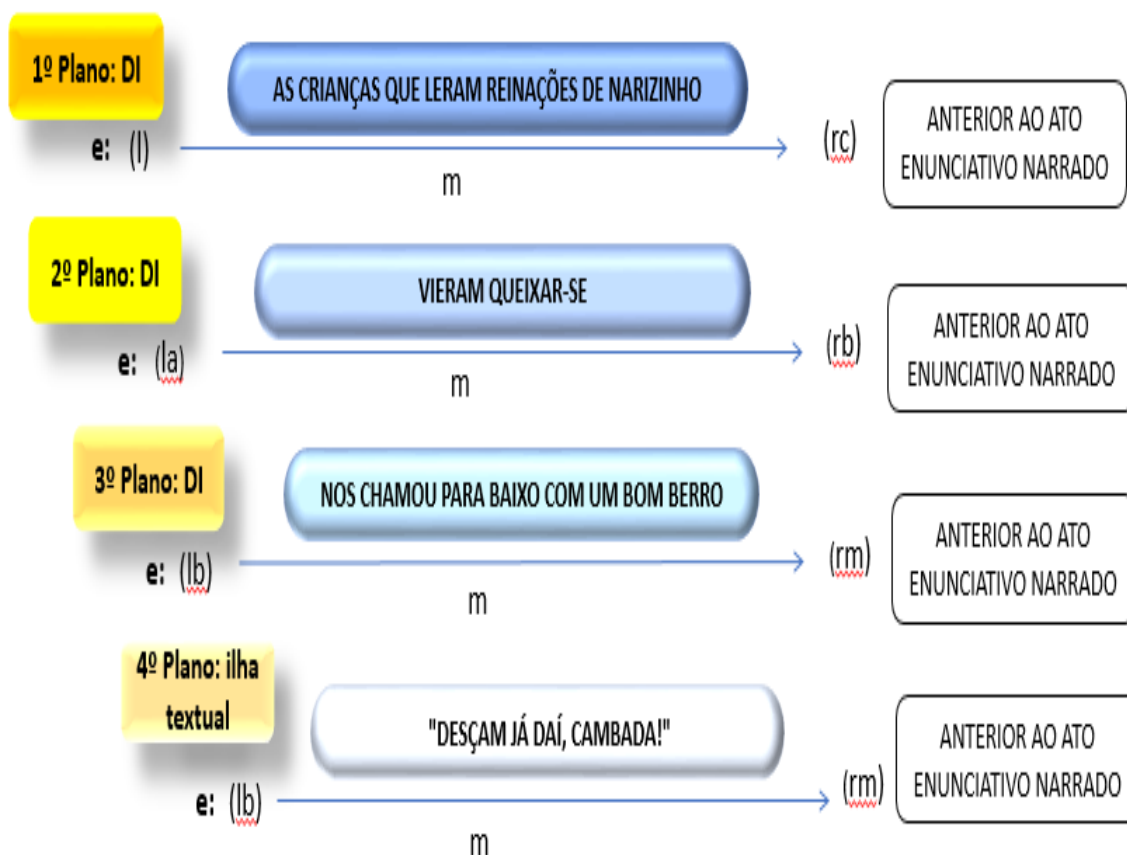
**Legenda:** (LN) – Locutor narrador; (R) – interlocutor de (LN); (lv) – Visconde como locutor; (r) – interlocutor de (lv); (M)/(m) – mensagem (marca linguística); DI – discurso indireto; DIL – discurso indireto livre; Ilha textual – forma imersa num discurso indireto como modo de preservar o dizer conforme enunciado pelo locutor, que (LN) procura mostrar na tradução que dele faz.

**Esquema 4-** Enunciado (12) do segundo jogo enunciativo: Visconde como locutor (lv)



**Legenda:** (lv) – locutor Visconde; (r) – interlocutor de (lv); (m) – mensagem (marca linguística); DI – discurso indireto; DDL – discurso direto livre.

**Esquema 5-** Desdobramentos de atos enunciativos do enunciado (12) do segundo jogo: Visconde como locutor (lv)



**Legenda:** (l) – locutor escrevente das *Reinações de Narizinho*; (rc) – interlocutor crianças; (la) – locutor astronautas; (rb) – interlocutor dona Benta; (lb) – locutor dona Benta; (rm) – interlocutores moradores do Sítio; (m) – mensagem (marca linguística); DI – discurso indireto; ilha textual: forma imersa num discurso indireto como modo de preservar o dizer conforme enunciado pelo locutor.

Os enunciados (11) e (12) se apresentam com deslocamentos de locutores, mostrados pela projeção que (LN), narrador das *Memórias da Emília*, faz da mensagem de (lv), o Visconde, representado como o narrador escrevente das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”. No enunciado (12), o possessivo “*minhas*” e a assertiva “*Não recordarei, portanto, nada disso. Só direi [...].*” ilustram esse papel.

É relevante apontar que, nesse jogo enunciativo, a atribuição que (LN) faz a Visconde do papel de escrevente das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*” é construída noutra plano de enunciação (o das *Memórias da Emília*), no qual a interlocução se dá entre Emília, como (le), e Visconde, como (rv), como se pode observar no enunciado:

(13) - Escute, Visconde – disse ela. – Tenho coisas muito importantes a conversar com Quindim. Fique escrevendo. Vá escrevendo. Faça de conta que estou ditando. Conte as coisas que aconteceram no sítio e ainda não estão nos livros.” (LOBATO, 1969 [1939], p. 14).

Nesse plano, é interessante notar que a construção de Visconde como escrevente o apaga enquanto locutor (lv) nesse (e), uma vez que (le), Emília, ao projetar (rv), Visconde, como ouvinte/escrevente – as locuções verbais “*Fique escrevendo. Vá escrevendo*” funcionam como marcas que indiciam esses papéis –, ordena a (rv), na ilusão de uma centralidade do dizer, simular uma escrita em que o lugar de (le) seja preservado, ou seja, como se ali (le) estivesse, tal como a expressão “*Faça de conta que estou ditando*” permite depreender.

Essa simulação de escrita, no entanto, não se concretiza – como veremos mais à frente, ao analisar o enunciado (12) –, uma vez que, na passagem dos papéis de ouvinte e de escrevente das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”, projetados para (rv), para os de *simulação* de ouvinte e de escrevente dessas memórias, situações distintas de enunciação resultam, dada a subjetividade que emerge da presença do locutor quando enuncia – a começar do fato de que essa simulação de interlocução entre (le), Emília, e (rv), Visconde, sugerida no enunciado (13), é uma simulação dialógica construída por (LN), locutor narrador. Este também se apaga no ato de enunciação (e) imaginado para o par dialógico (le), Emília, e (rv), Visconde, quando mostra um (e) formulado em discurso direto, ao mesmo tempo em que se mostra como narrador na modalização que faz em discurso segundo sobre o conteúdo dito em (e), “*disse ela*”. Essa modalização, que se configura como outro ato de enunciação (e1), recupera um dizer proferido em outro momento de enunciação, o qual (LN) está a traduzir. A marca temporal e a de pessoa indicada no verbo e na remissão ao pronome – *disse ela* – remetem a esse outro ato enunciativo.

O narrador, elemento estrutural da narrativa, mostrado como aquele que organiza os diversos enunciados que ali se apresentam, ao se representar como (LN), locutor narrador, se marca também como interlocutor, já que vai narrar um ato de enunciação supostamente presenciado, embora a mensagem (m) desse outro ato não lhe é destinada enquanto interlocutor. É o que podemos observar na mensagem (M) do ato enunciativo (E) que (LN) enuncia: (11) “*O Visconde ficou de pena no papel, a pensar, a pensar. Por fim começou:*”, em que (LN) anuncia a (R) uma mudança de voz narrativa pelo sintagma introdutor, *Por fim começou:*, seguida do sinal de pontuação *dois pontos*, que sugere a mudança de interlocução: a do narrador das *Memórias da Emília* como (LN) projetando Visconde como locutor (lv) das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”. Esse mesmo sinal gráfico parece, ainda, sugerir uma antecipação da projeção que (LN) faz de si mesmo, enquanto narrador. Ao passar a narração para Visconde, (LN) projeta-se como um interlocutor, não da imaginada interlocução entre (lv) e seu possivelmente interlocutor (r), mas da leitura que (LN) parece realizar do que foi simulado como escrito por (lv).

Nesse sentido, o plano inscrito no enunciado (11) é mostrado em discurso indireto (DI). Remonta, assim, à tradução do (LN) de outro ato de enunciação (e) do qual se coloca como observador e leitor, já que narra a (m) enunciada nesse outro (e). A imagem projetada de um locutor ao enunciar pela escrita, suscitada e verbalizada na expressão gestual – “*O Visconde ficou de pena no papel, a pensar, a pensar [...]*” –, recupera esse (e), como demonstra o uso da linguagem informal – “*ficou de pena no papel [...]*” –, e o sintagma verbal no marco temporal passado – “*Por fim começou:*” – que remetem a um ato de enunciação anterior ao momento narrado.

Outra forma que parece irromper de (E), presente no enunciado (11), é a forma puramente interpretativa caracterizada pelo DIL, já que esse ato de enunciação traduzido pelo locutor (LN) pode funcionar como uma simulação da escrita na escrita do modo como o locutor (lv) do ato de enunciação (e) narrado supostamente escreveu as memórias da *Marquesa de Rabicó*, ou seja, é como se (LN) assumisse, comportando elementos expressivos, a maneira de dizer de (lv) e mostrasse numa forma original, bivocal, já que mistura elementos enunciativos de (lv) e seus na enunciação que realiza.

Interessante notar que, embora (LN) narre um acontecimento ocorrido no passado, o sintagma verbal – *Por fim começou:* – funciona como sintagma introdutor que parece inscrever tanto um ato enunciativo ocorrido anteriormente à enunciação de (LN) quanto um ato enunciativo acontecendo simultaneamente ao momento em que é narrado por outro locutor (lv). É como se indiciasse uma forma em ilha textual, em que (LN) recupera a (m) de (e) sem passar pela reformulação-tradução, conservando a organização lexical da (m) relatada desse outro (e). Desse modo, (LN) simula narrar o ato de enunciação tal como supostamente ocorrido, como se observa do modo como (LN) introduz o dizer de (lv) em seu dizer. Ao encadear o dizer de (lv) na narração que faz, (LN) mostra a escrita de (lv) como se estivesse a simulá-la, reproduzindo-a conforme supostamente empreendida por (lv): título em caixa alta e centralizado, representado pelo sintagma nominal, “*O ANJINHO DE ASA QUEBRADA*”, seguido de parágrafo que apresenta o “início” do texto. Simula a escrita de (lv), escrita mostrada graficamente por (LN) ao seu (R), tal como demonstra o enunciado (12).

Outra interpretação pode ser depreendida deste enunciado (12): ao recuperar o aspecto gráfico de título (que inicia determinadas práticas de escrita), esse mesmo sintagma também indicia a mudança de interlocução para outro plano de enunciação, o do Visconde como locutor (lv) – escrevente – das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”. Embora construído de modo encadeado ao enunciado que o antecede, o sintagma introdutor – *Por fim começou:* –, seguido de *dois pontos*, ao mostrar esse encadeamento, sugere simultaneamente funcionamentos

distintos no plano de enunciação. Num primeiro plano, é apresentado na forma de discurso indireto, na medida em que (LN) traduz o que parece ter presenciado de um ato de enunciação entre (le), Emília, e (rv), Visconde, já que, depois das ordens de (le) para (rv), este “*ficou de pena no papel, a pensar, a pensar*”, palavras usadas por (LN) para descrever a enunciação supostamente observada. Num segundo plano, a alternância enunciativa projetada em Visconde de (rv) escrevente, em outro ato de enunciação, para (lv), locutor que enuncia pela escrita, é mostrada por (LN) pela expressão “*Por fim começou:*”, ou seja, quando mostra (lv) assumindo a enunciação.

Essa interpretação de mudança de plano enunciativo é reforçada no enunciado (12), na medida em que (lv) é simulado como se estivesse a escrever no plano de enunciação de (LN), como se ação estivesse ocorrendo no momento desta última enunciação. Como uma imagem com vários focos, pelo menos dois planos irrompem, então, no fio do discurso. Irrompe o primeiro pela forma (DI), identificada como se (lv) estivesse enunciando pela escrita o dizer durante o momento em que escreve. Irrompe o segundo pela forma DDL, em que (lv), não se distanciando da posição de narrador, que seria “supostamente” Emília, assume a voz da narração na enunciação. É o que se pode depreender da retomada que farei do enunciado (12):

#### O ANJINHO DE ASA QUEBRADA

As crianças que leram *Reinações de Narizinho* com certeza também leram a *Viagem ao céu*, onde vêem contadas as aventuras dos netos de Dona Benta, da Emília e também as minhas no país dos astros. Não recordarei, portanto, nada disso. Só direi que houve lá por cima tais estrepolias que os astrônomos da Europa vieram queixar-se a Dona Benta das brincadeiras que estavam perturbando a harmonia celeste. Dona Benta, então, nos chamou para baixo com um bom berro: “Desçam já daí, cambada!”.

Esse enunciado se configura como uma escrita na escrita. Dito de outro modo, ele se mostra como a simulação da escrita que (lv) faz das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”. Como quem narra acontecimentos anteriores, se se toma o primeiro plano mencionado na forma (DI), em que esse enunciado se mostra construído, tem-se (lv) como um tradutor a narrar, em tempo presente de enunciação, uma (m) elaborada sob forma de vários atos enunciativos, com interlocutores distintos, só que a partir do que presenciou enquanto participante das situações (sit.) narradas nesses (e). Os verbos *recordarei* e *direi*, com marca temporal de futuro, remetem a acontecimentos anteriores a um aqui/agora enunciativo daquele que enuncia. Esse (DI), o qual simula Visconde enquanto escrevente como se fosse Emília (forma puramente interpretativa, sem marcação de um sintagma introdutor), sugere a forma DDL. Assim, ao simular a escrita de outro locutor, Visconde se inscreve no dizer como narrador das memórias, como o demonstra

o possessivo que o marca como locutor (lv) – “As crianças que leram *Reinações de Narizinho* com certeza também leram a *Viagem ao céu*, onde vêem contadas as aventuras dos netos de Dona Benta, da Emília e também **as minhas** no país dos astros.” – destaque meu. Esse enunciado, que “simula” a narração de (lv) a partir de como lhe é atribuída uma subjetividade – e entenda-se, aqui, essa subjetividade conforme Authier-Revuz (2004): a de um locutor se mostrar como centro ilusório do dizer –, coloca em evidência diferentes atos de enunciação, organizados por (lv), que se marca como centro de referência do que diz, não remetendo à ordem dada por Emília em enunciado anterior: “*Faça de conta que estou ditando*”. Sugere-se, assim, o apagamento de Visconde enquanto escrevente; no entanto, entre o solicitado por Emília e o realizado por Visconde, uma não-coincidência interlocutiva se mostra, já que, ao ser colocado como narrador simulando a narração de (le), (lv) não a simula a partir de como é colocado como narrador. Diferentemente, como antecipei, quando reconta a estória do anjinho de asa quebrada, (lv) assume o centro de referência de um dizer que não seria o “seu”, uma vez que se coloca como o locutor, conforme o mostram os índices de pessoa há pouco referenciados. Dito de outro modo, a co-referência da interlocução imaginada por (le), Emília, para (rv), Visconde, no enunciado (13), como discursivamente imaginada por Emília, acaba por não ocorrer – o que resulta em uma não-coincidência interlocutiva não imaginada.

Ainda em referência aos atos de enunciação que se entrelaçam e irrompem na organização do dizer de (lv), alguns deles são referenciados na constituição do narrar:

- i. a assertiva de (lv) em (DI) sobre a projeção de um público mirim leitor de *Reinações de Narizinho* e de *Viagem ao Céu*, em que o espaço de interlocução imaginado se daria entre um (l), escrevente das narrativas elencadas, e um (rc), leitor definido como crianças. Essa assertiva é, por exemplo, indiciada pela locução adverbial, *com certeza*, mencionada por (lv);
- ii. a lembrança da viagem ao céu, pela qual, ao narrar um par dialógico colocado como anterior ao momento de (sua) narração, (lv) mostra em (DI) a interlocução entre (la), astronautas da Europa, e (rb), Dona Benta. (Re)lembre-se que eles “*vieram queixar-se a Dona Benta das brincadeiras que estavam perturbando a harmonia celeste*”;
- iii. a simulação de um “chamado”, por meio de outro par dialógico, agora entre (lb), Dona Benta, e (rm), os moradores do Sítio, especificados em seus netos, Emília e o próprio Visconde. Esse “chamado”, além de ser construído como interlocução em (DI), mostra-se, ainda, sob a forma de uma ilha textual (“*Desçam já daí,*

*cambada!*”), na qual (lv) enuncia suposta “fala” de (lb), Dona Benta, em outro momento de enunciação.

Em (i), (lv) recupera um suposto (e) que situa um evento de letramento: o da leitura de livros enunciados como conhecidos por determinado (r), crianças leitoras. Indiciam essa recuperação: o verbo *leram*, num marco temporal de passado; a ênfase explicitamente marcada pelo uso da locução adverbial *com certeza*, que sugere uma assertiva do ato de enunciação imaginado por esse (lv); a remissão de (lv) a *Reinações de Narizinho* e a *Viagem ao céu*, obras existentes fora da ficção de *Memórias da Emília* recuperadas, portanto, num plano macro de enunciação, o que parece sugerir que (lv) pressupõe, no plano do dizer em que é colocado como narrador, um (r) que, de algum modo, ratifique a interlocução construída com seu suposto público leitor (rv) – *as crianças*.

Em (ii), a suposta conversa entre (la), os astronautas, e (rb), Dona Benta fica marcada/mencionada especialmente pela tradução que (lv) faz do suposto (e) *vieram queixar-se*. Essa tradução, que projeta Dona Benta como ouvinte das reclamações dos astronautas, parece, ainda, retomar outro (e) – o da narração das aventuras vivenciadas pelos netos da matriarca do Sítio, Emília e Visconde – implicitamente presente nas “queixas” de (la).

Finalmente, em (iii), uma ilha textual, “*Desçam já daí, cambada!*”, é mostrada como (m) traduzida por (lv). Ao mencionar essa (m), evento de enunciação do qual supostamente participou (entre (lb), Dona Benta, e (rm), moradores do Sítio), (lv) mostra essa interlocução simulando uma representação da “fala” de Dona Benta no momento do acontecimento, já passado, que está a narrar. As *aspas*, o verbo no imperativo, *desçam*, e o signo autônomo expresso em registro informal, *cambada*, funcionam como índices que marcam esse (e), simulado por (lv), conforme supostamente proferido por locutor (lb).

Os planos de organização dos enunciados (11) e (12) mostrados acima se inscrevem num plano de organização do discurso cujo funcionamento indicia diversas formas de inscrição do outro no discurso, seja a partir do discurso relatado, especificamente o de DI e o de ilhota textual, seja pelas formas puramente interpretativas, especificamente o DDL.

Em relação à forma de (lv) abrir a história do anjinho da asa quebrada parece aludir a outro plano de enunciação, que recuperaria a dialogia com a abertura da história de *Peter Pan* (1969b [1930]), na versão de Monteiro Lobato. Visconde (lv), enquanto suposto escrevente da primeira história, ao afirmar que “As crianças que **leram** *Reinações de Narizinho* **com certeza** também leram a *Viagem ao céu* [...]”, inscreve esse dizer num modo similar a abertura da segunda história mencionada, quando o narrador também inicia com a afirmação de que “Quem

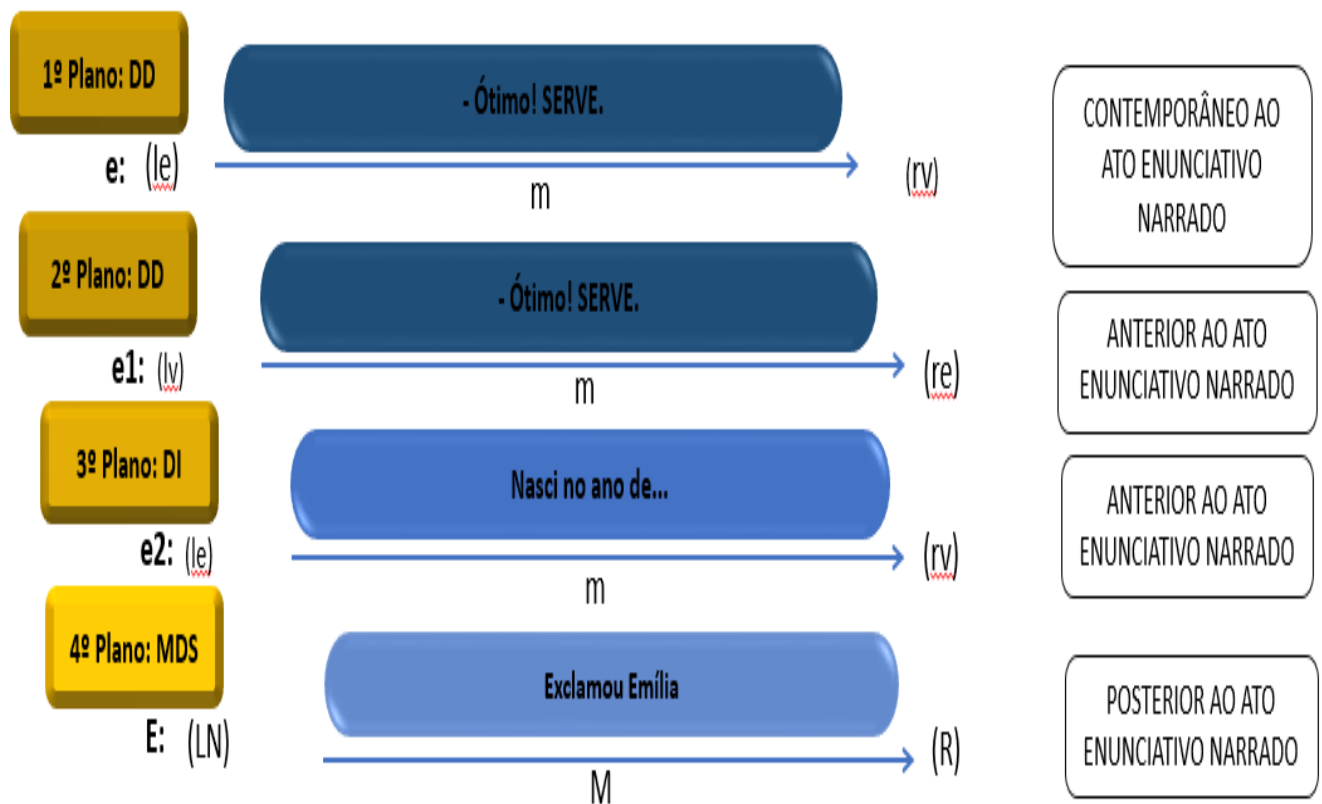
já leu as **Reinações de Narizinho** deve estar lembrado daquela noite de circo, no Picapau Amarelo, em que o palhaço havia desaparecido misteriosamente. **Com certeza** fôra raptado. [...]” (LOBATO, 1969b [1930], p. 149 – grifo meu). Nesses modos singulares de abertura, algumas heterogeneidades enunciativas se mostram, como o rearranjo sintático, a alusão a outro discurso, a interlocução imaginada para o suposto leitor de ambas as narrativas (conhecedor da *Reinações de Narizinho*) e, para a discussão empreendida neste trabalho, mostram a circulação de (lv), suposto narrador/escrevente da história do anjinho, por práticas de oralidade e de letramento, uma vez que esse locutor retoma um modo similar de narrar por escrito aquilo que supostamente leu da outra narrativa, mas que presenciou – juntamente com Emília, seus netos e tia Nastácia –, ao ouvir Dona Benta narrar, no romance *Peter Pan*, quem foi esse personagem. Com efeito, trata-se da narrativa do momento da chegada tanto das crianças quanto da boneca, ansiosos, para a contação de histórias por Dona Benta: “ Emília olhava para o relógio pensativamente. [...] Pedrinho matava o tempo arrepiando xises no veludo de uma velha almofada – com o dedo. [...] E Narizinho [...] fazia exercício de parar de pensar – uma coisa que parece fácil mas não é” (LOBATO, 1969b, [1930], p.151). Nessa contação é também mencionada a chegada de Visconde: “Faltava o Visconde. [...]. Quando bateu sete horas êle entrou, em sete passadas, cada uma correspondendo a uma pancada do relógio. Logo depois surgiu Dona Benta.” (LOBATO, 1969b, [1930], p.151), o que parece traçar a circulação de (lv) por práticas de leitura (falada/escrita) em outro(s) plano(s) de enunciação.

### 5.3 Relação eu/outro no terceiro jogo enunciativo: *Emília* como locutor (le)

Passo, por fim, ao terceiro jogo enunciativo: o do narrador projetando Emília como (le). Esse terceiro jogo será ilustrado com dois exemplos, um para quando Emília é projetada como (le), ditando, e outro para quando é projetada como (le), escrevendo. Início com o exemplo de Emília ditando suas memórias:

**Imagem 8-** Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do segundo objetivo: (le) ditando

**(14)** — Ótimo! — exclamou Emília. Serve. Escreva: Nasci no ano de ... (três estrelinhas), na cidade de ... (três estrelinhas), filha de gente desaranjada ...

**Esquema 6-** Enunciado (14) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) quando dita

**Legenda:** (le) – locutor Emília; (rv) – interlocutor Visconde; (lv) – locutor Visconde; (re) – interlocutor Emília; (LN) – locutor narrador; (R) – interlocutor; (M)/(m) – mensagem (marca linguística); (e) – ato de enunciação; (e1) – ato de enunciação em outro plano de enunciação que se depreende de (e); (e2) – ato de enunciação em outro plano de enunciação que se depreende de (e); (E) – ato de enunciação em outro plano de enunciação. DD – discurso direto; DI – discurso indireto; MDS – modalização em discurso segundo.

É na remissão a um ato de enunciação já ocorrido, a exclamação “- Ótimo!,” seguida da confirmação de um dizer anterior ao tempo presente da enunciação, “Serve”., que se dá a abertura do plano de organização do enunciado (14). Nessa organização, o primeiro plano possível de recuperar está em forma de DD, (le) – Emília –, porta-voz da (m) que enuncia, retoma no dizer que realiza, ou seja, em (e) um outro ato enunciativo, denominado aqui em (e1), também sugerido como segundo plano supostamente na forma DD, uma interlocução entre (lv), Visconde, e (re), Emília, como alude o segundo plano do esquema. Com efeito, trata-se de suposta conversa da qual (le), Emília, parece ter sido ouvinte, uma vez que o enunciado (14) se apresenta como uma confirmação do que (le) ouviu num momento anterior ao qual enuncia, as mesmas marcas já explicitadas nesse parágrafo – “Ótimo! Serve” – remetem a esse outro ato enunciativo (e1) implícito nessas assertivas de (le).

Um terceiro plano ainda é possível de se recuperar no enunciado (14), configurado pela passagem de um primeiro (e) para outro (e2), mostrado em DI. Nessa passagem, (le), Emília, antes uma ouvinte/falante, conforme descrito nos atos de enunciação acima, passa, em (e2), a se mostrar como (le) narradora, nos papéis de falante e de escrevente, uma vez que dita para (rv) o que quer que ele registre em sua escrita: “*Escreva: Nasci [...]*”. Introduzindo a mudança de plano, passa a narrar em primeira pessoa – sob a escrita de (lv) – acontecimentos de um outro tempo de enunciação. Na posição de falante que dita as suas memórias, (le) marca sua fala com uma regularidade de apresentação típicas de textos em escrita com registro formal – quem, onde, quando –, em marco temporal de passado – “*Nasci no ano de ... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...*” –, como se estivesse a seguir um padrão de escrita institucionalizado por práticas letradas como a de escrever memórias. Nota-se, nesse fragmento, que as reticências sugerem uma continuidade de complementação do dizer a ser preenchida por um possível interlocutor, leitor de textos escritos, já que esse fragmento representa um enunciado simulado como escrito. Outro detalhe a se observar, ainda, nesse plano é que, embora ele seja simulado como uma fala de (le), Emília, a ser escrita por (rv), Visconde, na mudança de enunciação, ou seja, de (e) para (e2), o modo como o texto se mostra escrito parece simular a ideia de “Emília” mesmo escrevendo suas memórias, como o marca o verbo “*Nasci*”. Mas é de se observar, ainda, que a escrita referente ao que Emília dita assume uma representação da circulação pela escrita daquele que escreve: com efeito, quando (le) enuncia “*Nasci no ano de ... (três estrelinhas) [...]*”, não há menção na fala de (le) a abrir *parênteses* e escrever *três estrelinhas*, tal como se depreende da escrita de (rv).

Com referência ao modo de (rv) marcar na escrita o que lhe é ditado, instancio uma possibilidade de leitura da forma como aquele que supostamente enuncia pela escrita co-referencia esse dizer. Visconde, o (r) da enunciação descrita, é interpelado por uma não-coincidência interlocutiva. Fruto dessa não-coincidência, registra, portanto, pela escrita a representação que faz do que é posto a escrever, o que mostra, subjacentemente, uma (sua) subjetividade no modo de enunciar.

Um quarto plano enunciativo também possível de se recuperar na materialidade tem seu funcionamento marcado pela modalização autonímica em discurso segundo com incidência sobre o conteúdo. Este se configura como um (E) que mostra a presença de (LN), locutor narrador, organizador das (m) produzidas nos (e) descritos acima. Esse (E) recupera a suposta interlocução entre (le), Emília, e (rv), Visconde, em que (LN), posicionando-se de fora do ato enunciativo, traduz a expressão de (le) na assertiva que dá a (rv) – *Serve* – no (e) já mencionado.

Dito de outra maneira, toma emprestado do dizer que modaliza o modo como (m) teria sido enunciada por (le): “*exclamou Emília*”.

De modo geral, nesse enunciado (14), são as formas do discurso relatado que marcam a inscrição do outro nos atos de enunciação analisados. No primeiro e segundo plano – representados em discurso direto pelos atos de enunciação acima descritos –, temos o locutor como porta-voz do dizer, usando de suas “próprias palavras” na descrição que faz de outras situações por ele construídas como experienciadas. No terceiro plano, é a forma de discurso indireto que marca o enunciar do locutor. Por fim, no quarto plano, é a modalização autonímica a forma que mostra uma menção do dito proferido em outra região do dizer, mas supostamente preservado como “enunciado” nas palavras daquele que retoma esse dito.

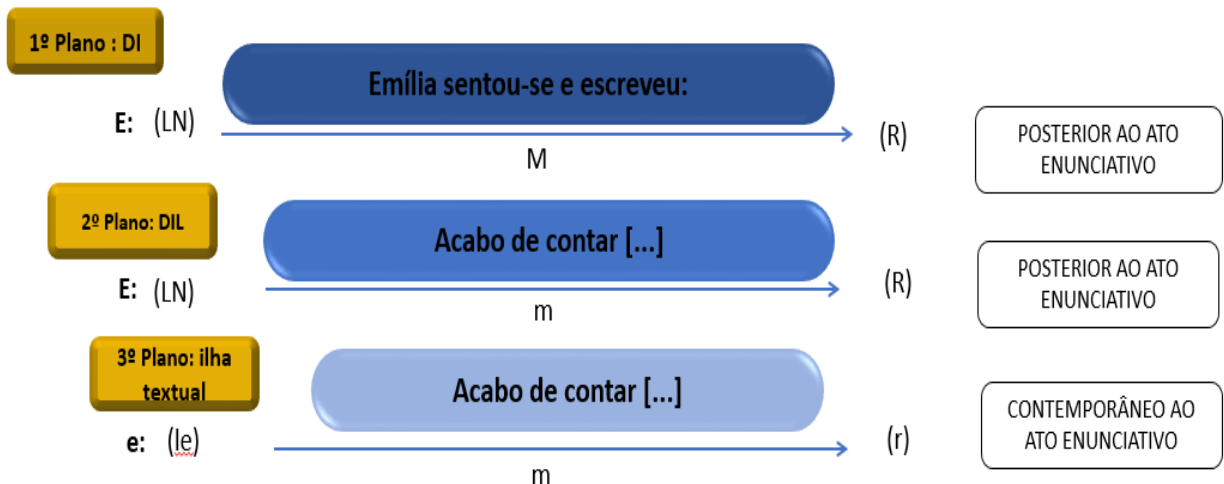
Passo agora à projeção de Emília como (LE), só que desta vez como escrevente das memórias. Para tanto, baseio-me no seguinte recorte:

**Imagem 9-** Exemplificação do enunciado concreto do terceiro jogo enunciativo do segundo objetivo: (le) escrevente

**(15)** Emília sentou-se e escreveu:  
**(16)** Acabo de contar as folhas de papel já escritas e vejo que são muitas. Vou parar. Este livro fica sendo o primeiro volume das minhas Memórias. O segundo escreverei depois que ficar velha.

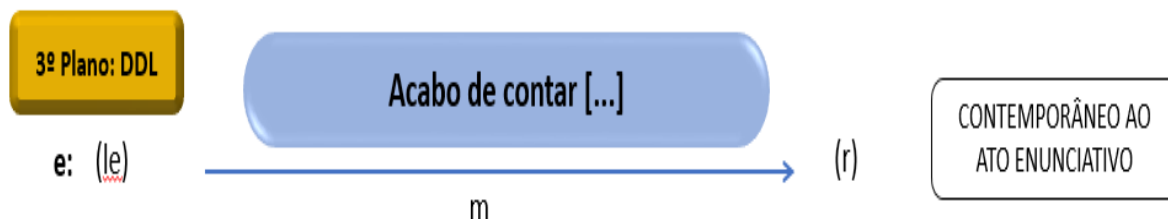
Fonte: LOBATO, (1969 [1936], p. 140).

**Esquema 7-** Enunciado (15) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) quando escreve



**Legenda:** (LN) – Locutor narrador; (R) – interlocutor de (LN); (le) – locutor Emília; (r) – interlocutor de (le); (M)/(m) – mensagem (marca linguística); DI – discurso indireto; DIL- discurso indireto livre; ilha textual - forma imersa num discurso indireto como modo de preservar o dizer conforme enunciado

**Esquema 8-** Enunciado (16) do terceiro jogo enunciativo: Emília como locutor (le) quando escreve



**Legenda:** (le) – locutor Emília; (r) – interlocutor de (le); (m) – mensagem (marca linguística); DDL- discurso direto livre.

É na passagem de interlocução de (LN), narrador das *Memórias da Emília*, para (le), como narrador das “Memórias da Marquesa de Rabicó”, que se configuram os enunciados (15) e (16), ambos produzidos por atos distintos de enunciação – (E) e (e) respectivamente. O enunciado (15) mostra essa passagem, já que funciona como introdutor da mudança de locutor: de (LN), o narrador, para (le), Emília como escrevente-narradora, em “*Emília sentou-se e escreveu*”. Mas essa mesma (M) também pode sugerir (LN) mostrando a escrita empreendida por (le) como uma ilha textual, em que (LN) preserva locutor, tempo e espaço da enunciação à qual faz remissão, ao mostrar a suposta escrita de (le) em primeira pessoa – “*Acabo de contar [...]*”.

Pode-se também pensar que esse mesmo enunciado referencia o ato de enunciação da suposta escrita de Emília no papel de escrevente das “Memórias da Marquesa de Rabicó”. Com efeito, ao se colocar ou ser colocada como escrevente, (le) o faz por meio de marcas temporais do presente da enunciação, como se observa na marcação de pessoa indicada pelos verbos *acabo, vejo, vou*. Porta-voz do dizer de acontecimentos enunciativos dos quais faz parte, as expressões – *acabo de contar, vou parar* – sugerem esses atos. Nesse enunciado, (le) implicitamente projeta um (r) no papel de leitor. Embora não marcado linguisticamente, esse (r), além de recuperado pela imagem que (le) faz de si enquanto escrevente-narrador, é suscitado também pela marca temporal do verbo *escreverei*, quando (le) antecipa a escrita de um segundo volume de suas memórias, em ato de enunciação futuro. Esse plano de enunciação, sob forma de DDL, mostra (le) supostamente se narrando pela escrita num modo de discurso direto, embora sem marca tipográfica que simule uma (sua) suposta fala, ao (se) narrar, presentifica acontecimentos anteriores e antecipa acontecimentos futuros.

Assim, são as formas marcadas de *discurso indireto e de ilha textual* e a forma puramente interpretativa de discurso direto livre aquelas com que os enunciados (15) e (16) se mostram construídos. Em (15), o que se teria é uma tradução da leitura que (LN) faz da (m)

escrita por (le), na qual (LN), na ilusão de centro organizador do dizer, mostra para (R) o modo como supostamente uma (m) foi construída em outro (e). Já em (16), o que se teria é (le) se assumindo/sendo colocado como narrador de um dizer cujo funcionamento se dá sem marcação de um introdutor e sem alteração dos índices de pessoa, de tempo e de espaço, como se estivesse a presentificar um momento já enunciado.

\*\*\*

Nos três jogos enunciativos analisados, supostamente organizados por (LN), o narrador das *Memórias da Emília* simula relações dialógicas projetadas em diferentes planos de enunciações. Os planos, nesses jogos, não assumem posições estanques; são, antes, construção de enunciação sob enunciação em que formas marcadas, formas marcadas que exigem trabalho interpretativo e formas puramente interpretativas se imbricam e são mostradas na enunciação de interlocutores que desempenham diferentes papéis numa alternância enunciativa. Dito de outro modo, essas formas de inscrição do outro assumem representações diferentes a depender de quem é o locutor. A multiplicidade de formas acaba por indiciar que (i) não se enuncia fora de planos e que (ii) aquele que enuncia se narra/se mostra narrado a partir da circulação dialógica entre um já-dito e um dizer. Narra-se, pois, por uma projeção de modos de dizer.

## CAPÍTULO 6

### (DES)ARTICULANDO *FIOS*

EMÍLIA, *Marquesa de Rabicó*.  
Sítio do Picapau Amarelo,  
10 de agosto de 1936.  
(LOBATO, 1969 [1936], p. 146)

Na articulação dos objetivos específicos, este capítulo enuncia as considerações (não) finais da proposta do objetivo geral desta tese. Nele reuni os resultados indiciados nos enunciados analisados – os quais, obviamente, não encerram a possibilidade do (meu) dizer. Os resultados são apresentados conforme o traço da tese: i. com olhar para o primeiro objetivo específico; ii. com olhar para o segundo objetivo específico.

Mas, antes, uma menção ao modo como sintetizamos os resultados dos objetivos propostos. A separação deles é metodológica para fins didáticos de uma forma possível de se observar(em) o(s) dado(s). Mesmo porque o olhar para relação eu-outro, quando se parte de uma visão dialógico-discursiva da linguagem, se mostra marcado pelo modo como aquele que enuncia (o locutor) se representa (ou é representado) e representa o outro a partir de formas de dizer. Dito de outra maneira, quando se enuncia, segundo essa visão, o que se realiza nessa enunciação são (diferentes) modos de (re)narrar, de instaurar o *um* e de circunscrever o *outro*.

Em relação ao primeiro objetivo específico, dado o princípio de alternância constitutivo do enunciado, a relação eu/outro identificada nos enunciados descritos aponta para:

- i. uma variação de papéis enunciativos de como o locutor, ao enunciar, se mostra representado e representa seu interlocutor, que também se apresenta numa alternância de papéis;
- ii. uma incidência significativa de o locutor se mostrar em mais de um único papel enunciativo, o que também ocorre com a representação que faz do seu interlocutor. No entanto, essa representação se dá numa incidência menor do que a do locutor, já que os dados parecem apontar, a depender do jogo enunciativo e dos atos de enunciação produzidos nesse jogo, para uma regularidade de posição de papéis para o interlocutor, ora de ouvinte ora de leitor, já esperada para a interlocução;
- iii. a posição de falante, já esperada em razão de o locutor se representar como sendo o “centro do dizer”, não se mostra representada com um único papel possível de ser ocupado pelo locutor;

- iv. os papéis ocupados indiciam uma heterogeneidade nas formas de como o locutor se mostra representado e representando o outro, uma heterogeneidade interlocutiva, inscrita na escrita, que não dicotomiza os interlocutores em papéis estanques de falante, para o locutor, e ouvinte, para o interlocutor.

Em relação ao segundo objetivo específico, esses papéis heterogêneos são mostrados por meio de uma complexidade enunciativa que inscreve formas de representação do discurso no (fio do) discurso. Essa complexidade, inscrita a partir de planos enunciativos, permitiu entrever, na organização dos enunciados analisados, formas diversas. Essas diferentes formas, embora tratadas separadamente na análise, se mostram simultaneamente na enunciação, numa heterogeneidade mostrada pelas:

- i. formas unívocas, especificamente as de discurso indireto e as de modalização em discurso segundo sobre o conteúdo, indicidas em atos de enunciações organizados em três jogos pelos locutores, enquanto narradores das memórias, quando assumem o papel de tradutor das palavras imaginadas por outros locutores em outros atos;
- ii. formas marcadas que exigem trabalho interpretativo, com a modalização autonímica indicida em três jogos enunciativos. Os locutores desses jogos usam/mencionam o modo autônomo e mostram mensagens produzidas em outros atos de enunciação, conforme supostamente ditas pelos locutores desses atos.
- iii. formas puramente interpretativas, especificamente a de DDL, indicida em três jogos enunciativos. Essa forma mencionada prepondera quando (LN), locutor narrador, projeta Visconde e Emília como locutores nos papéis de escrevente das “Memórias da Marquesa de Rabicó”, como se ali projetasse um modo de narrar que marcasse uma distância enunciativa entre (LN) e a forma como (LV) e (LE) narram.

De modo geral, o que se percebe é que, na relação eu/outro, diferentes papéis enunciativos são elementos constitutivos dos planos do dizer. A esse respeito, os dados permitem confirmar a hipótese de que a relação eu/outro – em função do deslocamento do locutor-narrador por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas –, se mostra representada por meio de entrecruzamentos dos papéis de falante, ouvinte, escrevente e leitor. Permitem ainda as seguintes observações:

- i. não se enuncia fora de planos e de papéis;
- ii. aquele que enuncia se narra/se mostra narrado a partir da circulação dialógica entre um já-dito e um dizer. Narra-se, pois, por uma projeção de modos de dizer;
- iii. esses modos de dizer, indicidos em formas mostradas de inscrição do outro, assumem representações diferentes a depender de quem é o locutor. O que se está a

dizer é que um mesmo enunciado, visto a partir da enunciação, pode assumir diferentes configurações de inscrição do outro;

- iv. as classificações das formas não são rígidas, nem encerram um dito numa única forma.

Essas observações, que sintetizam os objetivos específicos, retomam o objetivo geral desta tese, ao mostrar que a relação eu/outro é marcada pela representação do deslocamento do locutor-narrador por práticas de oralidade e de letramento, uma vez que esse locutor-narrador, ao enunciar, se mostra representado e representa o outro em diferentes papéis enunciativos, a partir de planos de enunciação.

### 6.1 Considerações (não) finais

Desse modo, os dados apontam para uma heterogeneidade das formas de como o locutor se mostra representado e representa seu interlocutor, ou seja, apontam para a complexidade enunciativa constitutiva do dizer.

Na identificação dos papéis, a relação eu/outro é indiciada a partir de três jogos enunciativos que se mostram como organizados por (LN), o narrador, que simula relações dialógicas construídas como enunciadas por interlocutores que desempenham, simultaneamente, múltiplos papéis nessas relações. Essa multiplicidade, ao indiciar uma não dicotomização dos interlocutores em papéis estanques para (l) e para (r), acaba por mostrar uma constituição heterogênea da própria escrita, no sentido de que a multiplicidade de papéis evocaria diferentes trânsitos e formas de relação entre o falado e o escrito na própria escrita.

Essas representações indiciam uma relação eu/outro não dicotômica, não homogênea, que encerre no par dialógico eu/tu a previsibilidade, a transparência da enunciação. Assim o fazendo, evocam “[...] a construção da interlocução imaginada na escrita [...] e, uma vez recriados os papéis [nela] apenas indicados, abrem-se as comportas de sentido de regiões específicas do já-dito” (CORRÊA, 2013, p. 486-487), ou seja, do já falado/ouvido/escrito/lido.

Os papéis enunciativos evocados no fio do discurso estão inscritos em formas de organização do dizer, ou melhor, formas de representação do discurso outro que mostram o funcionamento da língua quando um sujeito se coloca como locutor, a relação eu/outro inerente a essa subjetividade. Subjetividade explorada pelos locutores dos três jogos enunciativos que, enquanto construídos como enunciadores de um dizer, usam/mencionam atos enunciativos produzidos em outros planos de enunciação passíveis de descrição. A exemplo dos papéis enunciativos, os planos de enunciação são indiciados por uma heterogeneidade de formas que

não se enunciam numa transparência do dizer, dada a dialogia que constitui esses planos. Dito de outro modo, trata-se, a todo momento, de enunciação sob enunciação.

O que se observa, portanto, é que a escrita de *Memórias da Emília* é elaborada num jogo complexo de enunciação, em que o locutor, atribuído à figura de narrador, é construído segundo vozes enunciativas diferentes, como se as memórias tivessem mais de um narrador, ao mesmo tempo em que parece ser uma única voz a simular esses jogos, questão não investigada, mas que fica como possível desdobramento em torno do foco narrativo, da simulação na simulação do dizer. A investigação do foco narrativo a partir de formas de dizer problematizaria, ainda, a própria complexidade que envolve a definição atribuída ao gênero a que pertenceria *Memórias da Emília*, uma vez que ela parece diluir as classificações rígidas de pertencimento a determinado gênero, por mostrar/antecipar uma relação heterogênea na sua (própria) elaboração. Em outras palavras, essa investigação poderia lançar ainda mais luz à ideia de uma constituição (já de saída) heterogênea – e não híbrida – para qualquer tipo de gênero

Outra questão, embora não contemplada, mas suscitada, pela identificação dos papéis e descrição dos planos, é a da leitura das não-coincidências do dizer presentes no ato de enunciação. Leitura que possibilitaria descrever pontos de heterogeneidade que irromperiam do texto literário em remissões a ele próprio, a outros discursos, ao registro discursivo, ao imaginário de representações sobre a escrita, o que levaria, para cada ponto, a um debruçar minucioso em busca do já-dito ali circunscrito e que provavelmente projetaria ainda outros planos do dizer.

Também não se pode deixar de dizer que o olhar para a relação eu/outro aqui apresentado relegou a plano não analisado aquele da relação macro de enunciação. Nele, certamente a dialogia entre o escrevente (Lobato) e seu leitor imaginado poderia suscitar reflexões em torno do modo como se constrói uma narrativa utilizando-se da própria narrativa. Suscitaria, ainda, discussões (antecipações) em torno de concepções de leitura e de escrita não abordadas neste trabalho.

Por fim, é o (re)narrar o ponto de partida das formas. Com efeito, quando se enuncia não se faz em um único plano enunciativo, mas em vários, organizados como formas explícitas de dizer em que o marco temporal se instancia entre o dito e o dizer. É o caráter movente da escrita que possibilita esse renarrar e suas diferentes possibilidades de leitura e análise.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?. In: Mary A. Kato. (org.). **A concepção da escrita pela criança**. 2a ed. Campinas: Pontes Editores, v. 1, 1988. p. 135-142.
- ABAURRE, M. B. M.. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO M. F. C. P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 111-163.
- ABAURRE, M. B. M.. A aquisição da escrita do português – considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p. 205-232.
- ABAURRE, M. B. M.. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: Regina Lamprecht. (Org.) **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 167-186.
- ABAURRE, M. B. M., CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na primeira série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. **Cadernos Cedex: Antropologia e Educação – Interfaces do Ensino e da Pesquisa**, Sao Paulo, v. 14, 1985. p. 25-29.
- ABAURRE, M. B. M., FIAD, R. S., MAYRINK-SABINSON, M. L., GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, v. 25, p. 5-23, Jan.-Jun. 1995.
- ACIOLI, S. **De Emília a Dona Quixotinha: uma aula de leitura com Monteiro Lobato**. Fortaleza: Editora Ceará, 2004.
- ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, Série Bom Livro, 1991 [1854].
- ANDRADE, O. de. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1973 [1924].
- ASSIS, J. M. M. de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1996 [1899].
- ASSIS, J. M. M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Sol, 2006 [1881].
- ASSIS, J. M. M. de. **Quincas Borba**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009 [1891].
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 19, 1990. p. 25-42.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. Trad. Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

AZEVEDO, C. L.; CARMAGOS, M.; SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: o furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 1997.

BAKHTIN, M. (Volochinov, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16.ed. São Paulo: Hucitex, 2014 [1929-30].

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010 [1929].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1993 [1975].

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, 1951.

BARTON, D. **Literacy: An introduction to the ecology of written language**. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.

BATTISTI, E. **Linguagem e construção de sentidos em “A colcha de retalhos”, de Monteiro Lobato**. Antares. V.2. 2009. In: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/403/336>.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988 [1963].

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989 [1968].

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BONVINI, E. **Textos orais e textura oral**. Viva voz. Tradição Oral. Belo Horizonte, FALE-UFMG. 2006. p. 7-11.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TAO. 1987.

BRAIT, B. (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**. São Paulo: Pontes, 2001.

BRAIT, B. (org.) Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. revista. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. pp. 87 a 98.

BRITO, L. A. N. de. **Discurso, leitura e produção textual: uma análise discursiva da escrita de pré-universitários**. (Tese de doutorado). São Paulo: USP. 2011. In: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-08012013-161935/pt-br.php>

CAGLIARI, L. C. **O segredo da alfabetização.** *Jornal da Alfabetizadora*, Porto Alegre, v. 4, n. 20, 1992. p. 9-11,

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e ortografia. **Educar em Revista**, Curitiba, Paraná, v. 20, n. 1, 2002. p. 43-58.

CAGLIARI, L. C. Lingüística e alfabetização. **Espaço (INES)**, Brasília, n. 20, 2004. p. 46-52.

CAMPOS, G. C.; OLIVEIRA, M. C. de. **O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor.** *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jul. 2009, p. 67 – 79.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato, vida e obra.** São Paulo: Nacional, 1956.

CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação (UFPel)**, v. 1, 2010. p. 171-193.

CHACON, L. **Ritmo da escrita:** uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHACON, L. Algumas palavras sobre a aquisição da pontuação. In: Regina Ritter Lamprecht. (Org.). **Aquisição da linguagem:** questões e análises. Porto Alegre: Editora da PUCRS, v. 1, 1999. p. 187-200.

CHACON, L. Oralidade e letramento na construção da pontuação. **Revista Letras (Curitiba)**, Curitiba, v. 61, n. Especial, 2004. p. 97-122.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Lingüísticos** (São Paulo), Campinas (SP), v. XXXIV, 2005. p. 77-86.

CHACON, L.; BERTI, L. C. Ocorrências de coda silábica simples na escrita infantil. In: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer; Ana Ruth Moresco Miranda; Ingrid Finger; Luís Isaias Centeno do Amaral. (Org.). **Estudos da linguagem - VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul.** Estudos da linguagem - VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. 1ªed.EDUCAT: Pelotas, v. Único, 2008. p. 273-289.

CHAFE, W. L. “Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature”. In: TANNEN, D. (org.). **Spoken and Written Language:** Exploring Orality and Literacy. Norwood: Ablex, 1982, p. 35-53.

CHAFE, W. L. “Linguistic Differences Produced by Differences Between Speaking and Writing”. In: OLSON, D. R. et.al. (orgs.). **Literacy Language, and Learning:** the Nature and Consequences of Reading and Writing. Cambridge University Press, 1985, p. 105-23.

CORRÊA, M. L.G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: POSSENTI, S; CHACON, L. **Cadernos da F.F.C. Análise do discurso.** Marília: UNESP, 1991, p. 165 -185

CORRÊA, M. L.G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2001 p.135-166.

CORRÊA, M. L.G. **Linguagem e comunicação social**: visões da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

CORRÊA, M. L.G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L.G. **Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 45(2): 205-224, Jul./Dez. 2006a.

CORRÊA, M. L.G. **Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento**. Filol. lingüíst. port., n. 8, p. 269-286, 2006b.

CORRÊA, M. L.G. **Encontros entre prática de pesquisa e ensino**: Oralidade e letramento no ensino da escrita. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 28, n. 2, 625-648, jul./dez. 2010.

CORRÊA, M. L.G. **As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita**: o exemplo de textos de pré-universitários. Revista da ABRALIN, v. eletrônico, n. especial, 2. parte, 2011. p.333-356.

CORRÊA, M. L.G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, set.-dez. 2013. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?Pid=S1518-76322013000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?Pid=S1518-76322013000300003&script=sci_arttext)>. Acesso em 15/05/2014.

CORRÊA, M. L.G. **Epistemologias na introdução e no desenvolvimento de práticas escritas**: identidades em jogo. D.E.L.T.A, 31. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22222/17984>. 2015.

DINIZ, D. C. B. **Monteiro Lobato**: O perfil de um intelectual moderno. Em tese, v.2. In: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/2147/2087>. 1997.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FIORIN, J. L. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES, V. do N. TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **Ditos e escritos**. Trad.: Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. pp.144-162.

FRIEDMANN, Norman. Point of view in fiction. The development of a critical concept. In: STEVICK, Philip, org. *The Theory of the Novel*. London: Collier-Macmillan, New York: The Free Press, 1967.

GALLI, F. C. S. **As dobraduras do discurso**. Fragmentum (UFSM), v. 32, 2012. p. 13-17.

GEE, J. P. **Social Linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2.ed. Baskerville, UK: Taylor&Francis, 1990/1996.

GEE, J. P. Discourse and sociocultural studies reading. In: KAMIL, M.L. et alii. **Handbook of Reading Research**. v.III, cap. 14. 2000. p. 195-207.

GEE, J. P. Critical Literacy/Socially Perceptive Literacy: A study of language in action. In: FEHRING, H.; GREEN, P. (Ed.). **Critical Literacy**: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, 2001. p. 15-39.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Arcádia, 1995.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. “Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”. In: ECO, U. de SEBEOK, T. A. (orgs.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 89-129.

GRAFF, H. J. **The literacy myth**: Cultural integration and social structure in the 19th century. USA: Transaction Publishers, 1979/1991.

GREEN, P. Critical literacy revisited. In: FEHRING, H.; GREEN, P. (Ed.). **Critical Literacy**: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, 2001. p. 7-14.

GOODY, J. **La raison graphique**: la domestication de la pensée sauvage. Paris: Minuit, 1979.

GOODY, J. **The domestication of the savage mind**. NY: Cambridge University Press, 1977.

GOODY, J. **The logic of writing and the organization of society**. Cambridge: CUP, 1986.

GOODY, J. **Entre l'oralité et l'écriture**. Trad. Denise Paulme, Rev. Pascal Ferroli. Paris: PUF, 1993.

GOODY, J.; WATT, I. The consequences of literacy. In: GOODY, J. (Ed.) **Literacy in traditional societies**. NY: Cambridge University Press, 1968. p. 27-68.

HAVELOCK, E. **Origins of western literacy**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1976.

HAVELOCK, E. **The Greek concept of justice**: From its shadow in Homer to its substance in Plato. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1978.

HEATH, S. B. Protean shapes in literacy events: Ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and written language**: Exploring orality and literacy. Norwood, N.J: Ablex, 1982. p. 91-117.

HEATH, S. B. The functions and uses of literacy. In: CASTEL, S. de; LUKE, A.; EGAN, K. (Ed.). **Literacy, Society, and Schooling: A reader**. USA: Cambridge University Press, 1986. p. 15-26.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975 [1960].

JAKOBSON, R. **Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p.15-64.

KLEIMAN, A. B. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, 2014. p. 79-97.

KOMESU, F. As relações intergenéricas constitutivas da escrita das home pages. In: ABAURRE, M.B.M.; MAYRINK-SABINSON, M.L.T.; FIAD, R.S.. (Org.). **Estilo e gênero na aquisição da escrita**. 1.ed.Campinas: Komedi, 2003, p. 223-263.

KOMESU, F. C.; TENANI, L. E. A relação fala-escrita em dados produzidos em contexto digital. **Scripta** (PUC-MG), v. 13, 2010. p. 203-217.

KOMESU, F. C. ARROYO, R. W. . **Do papel para a tela: aspectos enunciativos no reconto infantil**. Revista Colineares, v. 01, p. 70-85, 2014a.

KOMESU, F. C. GALLI, F. C. S.. **Práticas de leitura e escrita em contexto acadêmico: relações (hiper)textuais singulares**. Raído (UFGD), v. 8, p. 79-93, 2014b.

KOMESU, F. C. ASSIS, J. A.; BAILLY, S.. **Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira**. Revista do GEL, v. 14, p. 18-28, 2017.

LAJOLO, M. P. **A figura do Negro em Monteiro Lobato**. São Paulo: UNICAMP/IEL.1998.In:<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>

LAJOLO, M. P. Negros e negras em Monteiro Lobato. In: Eliane Marta Teixeira Lopes; Maria Cristina Soares de Gouvêa. (Org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 1999, v. 1, p. 65-83.

LAJOLO, M. P. **Monteiro Lobato: um brasileiro em trânsito**. Ilha do Desterro (UFSC), v. 57, p. 37-57, 2009.

LAJOLO, M. P. Monteiro Lobato: *assíduo, dedicado e amoroso leitor de Machado de Assis*. In: Helio de Seixas Guimarães; Mara de Senna. (Org.). **Machado de Assis: permanências**. 1ed.Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa / 7 Letras, 2018, p. 212-224.

LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato: livro a livro – Obra infantil**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.

- LEA, M.; STREET, B.V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad.: Fabiana Komesu; Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.16, n.2, 2014. p.477-496.
- LE GOFF, J. [1924]. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEMOS, C. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Mercado de Letras. 1998. p. 13-32.
- LESSA, O. **Memórias de um cabo de vassoura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- LOBATO, M. **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959
- LOBATO, M. **Dom Quixote das crianças**. São Paulo: Brasiliense, 1965 [1936].
- LOBATO, M. **Peter Pan**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969b. [1930].
- LOBATO, M. **Memórias da Emília**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969 [1936].
- LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, L. S. *et. al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/ Edusp, 1988, pp. 143-89.
- MACIEL, S. D. Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.
- MAGALHÃES, Maria do S. R. **Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real**. Teresina: UFPI, 2001.
- MAINGUENEAU, D. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, R. de. **Análise do discurso e literatura**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em estudos linguísticos, Faculdade de letras da UFMG, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L. **Oralidade e Escrita**. Conferência pronunciada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre linguagem e Educação. UFRN, 26 a 28 de junho de 1995, p. 1-17.
- MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.
- MESCHONNIC, H. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Paris: Verdier, 1982.
- MESQUITA, D. P. C. de; ROSA, I. F. **As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa**. VEREDAS ON LINE – ANÁLISE DO DISCURSO –, p. 130-141 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA -

ISSN 1982-2243. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-10.pdf>

MONTEIRO, I. C. R. **Lobato e o discurso do petróleo: o deslocamento da instituição literária para a arena de debates da política econômica.** (Tese de doutorado). São Paulo: PUC, 2017. In: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20235/2/Isis%20Cristina%20Ramanzini.pdf>

OLIVEIRA, A. G. **Memórias das Aritméticas da Emília: o ensino de aritmética entre 1920 e 1940.** (Tese de doutorado). Rio Claro: UNESP. 2015. In: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123717>

OLSON, D. R. "From Utterance to Text: the Bias of Language in Speech and Writing". **Harvard Educational Review**, v. 47, n.º 3, ago./1977.

OLMI, Alba. **Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialística.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

PECHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET F. & HAK, T. (orgs.) Por uma **Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-151.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi. 4 ed. Campinas: Unicamp, 2009.

RAMOS, G. [1953]. **Memórias do cárcere.** 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

REY-DEBOVE, J. Notes sur une interpretation autonymique de la littéralité. Le mode du 'comme je dis'. **Littérature** 4, 1971. pp. 90-95.

REYNOL, F. **A ciência descobre Lobato.** In: <http://agencia.fapesp.br/a-ciencia-descobre-lobato/11406/> em 26 de novembro de 2009.

ROJO, R. H. R. **Letramento escolar: Construção de saberes ou de maneiras de impor o saber?** Caderno de Resumos da 3ª. Conference for Sócio-cultural Research. Simpósio Cultura da Escrita e Práticas Escolares de Letramento: 80. Campinas: ISSCS/UNICAMP, 16. 2000.

ROJO, R. H. R. Concepções não-valorizadas de escrita: A escrita como "um outro modo de falar". In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p.65-89.

ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: Diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001b. p. 51-74.

ROJO, R. H. R. **As relações entre fala e escrita: Mitos e perspectivas.** Belo Horizonte, MG: CEALE, Rede Nacional de Centros de Formação Continuada, MEC, v. 1. 2006.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SONCIN, G. C. N. Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental. **Mosaico** (São José do Rio Preto), v. 1, 2010. p. 73-87.

SANDRONI, L. **Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa**. São Paulo: Companhia das letrinhas. 1997.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. Literacy and development: ethnographic perspectives on schooling and adult education. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Literacy and Development: Ethnographic perspectives**. London and New York: Routledge, 2001.

STREET, B. **What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice**. *Current Issues in Comparative Education*, Londres, 5 (2): Maio. 2003.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação** / Brian V. Street; tradução Marcos Bagno. - 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

TAUNAY, A. D' E. [1948]. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

TENANI, L.E. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, 2008. pp. 231-245. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2488>>. Acesso em 20/10/2016.

TENANI, L.E. A segmentação não-convencional de palavras: evidências de representações de relações entre enunciados falados e escritos. In: **II SIMELP: LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSAR FRONTEIRAS, JUNTAR CULTURAS**. Anais..., 2009, p. 107-127. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg14/13.pdf>>. Acesso em 17/08/2017.

TENANI, L.E. Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: LEDA VERDIANI TFOUNI (Org.). **Letramento, escrita e leitura: Questões Contemporâneas**. Campinas: Mercado de Letras. 2011. p. 229-243.

TANNEN, D. The Mith of Orality and Literacy. In: FRAWLEY, W. (org.). **Linguistics and Literacy**. Nova York: Plenum Press, 1982, p. 37-50.

TERRA, M. R. **Letramento & letramentos**: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. DELTA vol.29 nº.1 São Paulo. 2013.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes. 1988.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez. Questões da nossa época; v.47. 1995.

TFOUNI, L. V. (Org.). **Letramento, escrita e leitura**: Questões contemporâneas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VEYNE, P. **O inventário das diferenças**: história e sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. New York: Academic Press, 1976 [1926].

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; DE GRANDE, P. (Org.) **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.